

# PLURAL

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DA UFSC – S. SIND.  
ANO I – Nº 1 – JUL/DEZ DE 1991



## SOCIALISMO E DEMOCRACIA: LESTE EUROPEU

RECONSTRUINDO UMA UTOPIA-CONCRETA / EDMUNDO LIMA DE ARRUDA JR.  
SOCIALISMO: REFORMA OU EXTINÇÃO? / LUCIANO MARTINS  
SOCIALISMO: UMA EXIGÊNCIA DE REALIDADE / ROGÉRIO LUSTOSA  
DO SOCIALISMO PARA ONDE? / UWE OPTENHÖGEL FIM DO SOCIALISMO  
OU CRISE DO ESTADO BUROCRÁTICO? / MAURÍCIO TRAGTEMBERG  
DA PRIVATIZAÇÃO À SOCIALIZAÇÃO DO SONHO / FREI BETTO  
A ALEMANHA UNIDO EM UM MUNDO DIVIDIDO / CESARE GIUSEPPE GALVAN



# PLURAL

REVISTA SEMESTRAL DA APUFSC/SSIND  
ANO I - Nº 1 - JULHO/DEZEMBRO DE 1991

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

Rita de Cássia Barbosa

3

### RECONSTRUINDO UMA UTOPIA-CONCRETA

Edmundo Lima de Arruda Jr.

4

### SOCIALISMO: REFORMA OU EXTINÇÃO?

Luciano Martins

9

### SOCIALISMO: UMA EXIGÊNCIA DA REALIDADE

Rogério Lustosa

14

### DO SOCIALISMO PARA ONDE?

Uwe Optenhögel

21

### FIM DO SOCIALISMO OU CRISE DO ESTADO BUROCRÁTICO?

Maurício Tragtemberg

28

### DA PRIVATIZAÇÃO À SOCIALIZAÇÃO DO SONHO

Frei Betto

37

### POSFÁCIO

A ALEMANHA UNIDA EM UM MUNDO DIVIDO

Cesare Giuseppe Galvan

44

Wesley Tori Plafnell  
Folios novembro/91



GESTÃO 90 / 92

**Presidente:** Marco Aurélio da Ros  
**Vice-Presidente:** Albertina Dutra Silva  
**Secretária-Geral:** Doroti Martins  
**1ª Secretária:** Maria Beatriz Shiozawa  
**Tesoureiro Geral:** Paulo Pinheiro Machado  
**1º Tesoureiro:** Nilton de Oliveira Cunha  
**Secretária de Cultura:** Vera Lúcia Bazzo  
**Secretária de Esportes:** Iara Regina Damiani de Oliveira  
**Secretária de Imprensa:** Armi Maria Cardoso

**Conselho Fiscal:**

- 1º – Robert Wayne Samohyl
- 2º – Tânia Regina Oliveira Ramos
- 3º – Ricardo José Nunes

**Suplentes:**

- 1º – Ary Cesar Minella
- 2º – Marcia Petersen Hofmann
- 3º – Cesar Assis Butignol

**Comissão Editorial:**

Antonio D'Acâmpora  
Elisabeth Juchem Machado Leal  
Rita de Cássia Barbosa  
Vera Lúcia Bazzo (organizadora)  
Virgínia Maria de Figueiredo e Silva

**Projeto gráfico, diagramação e capa:**  
Clic Projetos Editoriais Ltda

**Revisão:**

Rita de Cássia Barbosa  
Vera Lúcia Bazzo

**Correspondência:**

Associação de Professores da Universidade Federal de Santa Catarina  
Campus Universitário - Fax 34-2844 - Fone (0482)34-2844  
Trindade - CEP 88045 - Florianópolis - SC

O material publicado é de responsabilidade de seus autores.



## APRESENTAÇÃO

Finalmente, vem à luz, *PLURAL*. Proposta pela gestão Nova APUFSC, na presidência de Luís Henrique Verani, tendo como diretora cultural Maria de Lourdes Krieger Locks (1986-1988); assumida pela Composição, sob a presidência de Edmundo Lima de Arruda Júnior, quando Nelma Baldin e Rita de Cássia Barbosa, sucessivamente, estiveram à frente da mesma diretoria cultural (1988-1990); é, durante a gestão da nova Composição, na presidência de Marco Aurélio da Ros e com Vera Lúcia Bazzo como diretora cultural (1990-1992), depois de anos de sonhos, discussões, projetos que a Associação de Professores da Universidade Federal de Santa Catarina, seção Sindical da Associação Nacional de Docentes de Ensino Superior, Sindicato Nacional, publica o primeiro número de sua revista.

*PLURAL*, o próprio nome o diz, propõe-se a alimentar o embate de idéias, a troca de experiências, a exposição de divergências, as várias facetas da produção cultural. Por isto, está disposta a acolher não só as contribuições nascidas no interior de nossa Entidade e da própria Universidade, como também aquelas oriundas de outras instituições congêneres, seja dentro das fronteiras catarinenses, seja em âmbito nacional. Mais, *PLURAL*, respondendo a um amplo projeto político-cultural, visa a atingir tam-

bém a própria sociedade onde se insere a nossa Universidade e o nosso movimento docente.

Aberto, pois, às preocupações, necessidades, interesses e aspirações do conjunto de professores da UFSC, este periódico tem ainda como meta viver em consonância com as questões nacionais e internacionais, constituindo-se em veículo de reflexão e de atuação crítica sobre a atualidade.

Nesse sentido, coerente com sua concepção, *PLURAL* busca ser flexível, ora abrangendo as polêmicas em torno a um único tema, constituindo-se em "dossier", ora canalizando a multiplicidade que tanto rege o cotidiano social, como a vida universitária. Seções diversas, artigos de fundo, artes, entrevistas, mesas-redondas, resgate de todo um passado histórico-cultural estão na mira de nossa revista.

De periodicidade semestral, *PLURAL* espera corresponder à aspiração de todos. Tomando para si o encargo de dinamizar ainda mais a vida acadêmica, chama os docentes à integração e à participação crítica constantes e, desejando ser pólo irradiador das preocupações e lutas da sociedade, dispõe-se a acompanhar a trajetória da vida brasileira e sua inserção no universo de que faz parte.

Comissão Editorial



# RECONSTRUINDO UMA UTOPIA-CONCRETA

EDMUNDO LIMA DE ARRUDA JR.

Ninguém podia prever uma erosão social<sup>1</sup> tão abrupta, multifacetária e complexa, a julgar pelos variados processos históricos de derrubada do "ancien regime" em todos os países do leste europeu (em 1989, Polônia, em agosto; Hungria, em outubro; Alemanha "Oriental", Bulgária e Tchecoslováquia, em novembro; Romênia, em dezembro, sem contar as fortes pressões desestabilizadoras na Albânia, Cuba, Coréia). Mais imprevisível ainda é a dimensão dos efeitos múltiplos do duplo processo de desestruturação do antigo *statu quo* e da estruturação de uma nova ordem social.

Trata-se de um momento-vazio. Espaço entre o passado e o futuro no qual o presente resta sem identidade clara, posta a destruição implacável dos liames culturais corroídos e não mais cimentadores de uma representação que se esgotou numa estranha lógica de apelo aos ideais socialistas e negação continuada dos mesmos.

O futuro depende da compreensão aprofundada das radicais mudanças, entrecruzando os eixos sincrônicos da problemática (o que implica demorada investigação das especificidades, país por país implicado no processo de câmbio) com aportes teóricos dos mais variados campos do conhecimento (antropologia, sociologia, filosofia, economia, direito, entre outros), de maneira que num eixo diacrônico possa-se visualizar, no plano do ser (*sein*) e do dever ser (*sollen*) o campo do dever sendo, verdadeira construção de uma utopia concreta (Ernst Bloch).

Nesse sentido é que a APUFSC busca a sua inserção na

discussão, sendo uma das entidades pioneiras no debate sobre "Socialismo e Democracia: O Leste Europeu" ocorrido durante o primeiro semestre de 1990, em Florianópolis, com a participação de renomados palestrantes, de importância no mundo cultural, acadêmico, político.

Cinco desses intelectuais contribuem neste número: Luciano Martins (Unicamp), Rogério Lustosa (PC do B), Uwe Optenhögel (Universidade de Hamburgo), Maurício Tragtemberg (Unicamp) e Frei Betto. Mantendo a ordem sequencial das palestras e sendo o mais fiel possível às próprias concepções de cada um, tentaremos um breve resumo introdutório aos textos ora publicados.

Luciano Martins afirmou, *ab initio*, que não vinha para resolver questões, mas para levantar dúvidas, função precípua dos intelectuais. Sua tese central é a seguinte: o desmoronamento dos "socialismos reais" coloca duas questões: trata-se de reforma do mesmo ou saída definitiva do socialismo? Luciano Martins afirma ser difícil sustentar a tese da reforma.

Segundo o palestrante, na União Soviética a coisa se deu de cima para baixo. Na Polônia, indicou um movimento contrário, da sociedade civil contra o Estado. Na Romênia tem-se o exemplo insurrecional. Em todos esses países, expunziu-se o sistema comunista.

Sem fornecer elementos históricos suficientes da *démarche* de cada processo de derrocada da *nomemklatura* do PC soviético; da ascensão ao poder do Solidariedade e/ou forças católicas; ou de "especificidade" da meteórica queda de Ceascescu, Luciano Martins coloca uma questão que considera mais importante. Por que uma burocracia se suicida? Tal questão, se é intrigante é procedente. Não guarda relação com a tese de que as mudanças no

leste europeu seriam apenas reformas tendentes a aperfeiçoar o *ancien regime*. Afinal, como dar nova forma (re-forma) ao velho, esclerosado e corrupto sistema social, compreendido como governo, partido e sistema social<sup>2</sup>.

Luciano Martins inclina-se pela segunda hipótese, a tese "da saída do socialismo" (com inegável apropriação pelo Capital, reconhece). A tese do "fim do socialismo" já foi defendida pelo sociólogo Alain Touraine (O "Pós-Socialismo")<sup>3</sup>. Trata-se do abandono das experiências práticas inspiradas na utopia construída pelo filósofo de Trier. Neste ponto, Martins lembra que o final do século XIX foi marcado por grandes utopias e que terminamos o século XX sem utopias, que estão por ser construídas (novas teorias sociais).

Rogério Lustosa centra sua análise no significado da Perestroika. A tese central do palestrante é a tese oficial do PC do B. A Perestroika não é senão o corolário lógico da capitulação definitiva da União Soviética e satélites ao capitalismo, já em curso desde o final da II Guerra Mundial e acelerada após a morte de Stalin.

Segundo Lustosa, a construção do comunismo trilhava a primeira fase proclamada por Lenin — a ditadura do Proletariado — indicando o primeiro passo, o socialismo, em direção ao comunismo, a segunda e última fase, com a abolição da luta de classes, do Estado e do próprio Partido, cujo significado, ressalta o líder pecedobista, é "parte de algo dividida, a sociedade". Desfeita a divisão antagônica que funda a mesma na sociedade capitalista, resta sem sentido o Partido na segunda e última fase: o comunismo.

O erro ("desvio") da Revolução bolchevique ocorreu com a crescente centralização/concentração do poder e a não incorporação das massas. Lustosa lembra



que os soviets em 1922 detinham 44% de operários, 27% de camponeses; 71% dos deputados eram trabalhadores, com cerca de 12.500.000 eleitos nos soviets. Em 1960 esse número foi reduzido para 1.500.000. Essa burocratização deixa débil o Partido na fase do socialismo e as forças da reação retomam pouco a pouco o poder.

A Perestroika, segundo Lustosa, expressa a "teorização total daquele processo". A propriedade privada retoma o seu locus na Constituição Soviética. Tal processo já fora apontado há vinte anos. Lustosa refere-se à cisão eclodida no PCB nos anos 60 e que fez nascer, em 1962, o PC do B, no qual milita desde 1966.

O Professor Uwe Optenhögel parte do caso concreto anteaberto pela queda do muro de Berlim para analisar o tema proposto e que intitula a presente coletânea. Por tratar-se de verdadeiro testemunho "sur le terrain" tem-se um resumo introdutório mais alongado.

Divide a exposição em seis pontos: 1) Qual tipo de mudança? 2) Quais mudanças no campo político? 3) Quais mudanças no campo econômico? 4) Quais os agentes envolvidos no processo de mudança? 5) Quais as repercussões geo-estratégicas do radical câmbio? 6) Trata-se do fim do socialismo?

A utopia concreta tornou-se um mito, afirma Optenhögel. Este mito caiu com a queda dos regimes de leste e tal movimento explica a Perestroika, que começou com uma reforma interna e hoje é algo bem mais profundo. Passa de reforma para algo revolucionário, escapando a mero processo controlado pelos PCs.

Que tipo de revolução? Política. Diferente da ocorrida em 1917, revolução de uma "classe social", mas um movimento social do conjunto da sociedade contra um conjunto de agentes do Estado já desconectados com as mas-

sas. O palestrante lembra que em Berlim as massas gritavam: "Nós é que somos o povo", não a vanguarda no Partido e no Estado. Não se trata de revolução socialista e sim forte conteúdo capitalista.

No campo político, a Perestroika, ao contrário da Revolução de 1917, começa de "cima para baixo". Os socialismos reais na Alemanha, Tchecoslováquia, Polônia, Romênia, Hungria e Bulgária foram impostos pelo exército vermelho, portanto, de cima para baixo, mas as mudanças atuais ocorrem sem interferência decisiva dos PCs, nascendo da base contra a cúpula dirigente (Estado, Partido).

As mudanças se restringem, por ora, ao campo político. Trata-se de um avanço lançado por Gorbachev: "a democracia é princípio básico de constituição do socialismo".

No campo econômico, encontra-se a maior dificuldade no processo de mudança. Pretende-se a introdução de elementos de mercado na economia centralizada e planejada. A história já mostrou o caminho inverso. Há nítido "vácuo teórico" na ciência econômica no campo das esquerdas. Os poucos êxitos econômicos dos "socialismos reais" (década de 70 na DDR) e a *intelligentsia* oficial e mesmo não oficial sempre justificou o "burocratismo" e o "estalinismo" apoiados nesses ganhos econômicos básicos.

O povo quer o capitalismo, afirma Optenhögel. Resta saber se é o casamento entre coisas boas do socialismo e coisas boas da sociedade capitalista<sup>4</sup>. Se o saldo das economias socialistas é muito ruim: divididas internas e externas enormes; descaso para com o meio ambiente, o povo não tem idéia dos transtornos que a economia capitalista trará<sup>5</sup>. O palestrante lembra que na antiga DDR a estratificação social se dava entre um e três salários mínimos, enquanto que na antiga

RFA isso ocorria de um a trinta salários. A unificação trará, inevitavelmente, "novas classes sociais" e é de se prever um acirramento dos conflitos, com a inflação, o desemprego em massa, os "novos ricos", "os aproveitadores da crise", etc.

As massas são sempre materialistas, afirma Optenhögel: querem avanços materiais. Na extinta DDR o povo votava cada vez mais e mais nas forças conservadoras por acreditar que elas poderiam trazer mais progresso material. A esquerda deve encarar tais fatos sem dogmas ou ilusões...

São ricas as informações do palestrante sobre os agentes envolvidos no processo de mudança. O professor de Hamburgo observa que é sofrível o papel dos sindicatos, sempre na "reação" à mudança. Boa parte de suas lideranças está na cadeia por corrupção. A mudança não passa pelo "campo oficial". Com o advento da economia de mercado, o eixo de lutas dos trabalhadores passará a ser o mesmo dos trabalhadores da antiga RFA: luta por direitos trabalhistas, preservação do meio ambiente, unificação do movimento numa única Central Mundial de Trabalhadores. Não se trata de movimento do trabalhador enquanto trabalhador, mas enquanto cidadão, participando, ao findar da jornada de trabalho, nas lutas pela democratização da sociedade, nas ruas.

Tais movimentos não tiram proveito imediato do processo de câmbio. Já há no entanto, sinais de reapropriação pelos partidos oficiais...

Optenhögel indica como prováveis repercussões geo-políticas o deslocamento das esferas de decisão de Londres e Bruxelas para Berlim, a contragosto de muitos europeus; bem como a aposta de Gorbachev na reunificação alemã e na viabilização da



União Soviética pela força do capital alemão.

Quanto à tese do fim do socialismo, Optenhögel afirma que, definitivamente, NÃO, indicando: a) as armadilhas do capitalismo, que não resolve o problema social; b) e a necessária liberação das esquerdas das mochilas dogmáticas, pois verão o que venceu e o que fracassou nas experiências socialistas.

Maurício Tragtemberg analisa sob a ótica anarquista os acontecimentos no leste europeu, precisamente o caso soviético, historicamente. Detecta a falta de democracia política, a industrialização criadora de verdadeira aristocracia e a ausência de liberdade na sociedade como um todo como uma questão originária na concepção de poder herdada de Lenin.

Aproveitando as teses de Rosa Luxemburgo, Tragtemberg busca saber como a "vida pública vai morrer e o burocrata vai ser o único ativo na vida pública". Segundo o palestrante a "militarização da economia" deixou de lado as teses já presentes no próprio Lenin (O Estado e a Revolução) sobre a autogestão. Em função da invasão estrangeira, Lenin foi obrigado a deixar a revolução e a ficar com o Estado, daí a "conciliação" do espírito revolucionário com o pragmatismo americano pregado por Lenin quando da assunção do taylorismo na produção.

Tragtemberg vai fundo na questão, buscando a *échec* dos socialismos reais. Como anunciamos, denuncia a burocratização do partido, e mais além, a repressão (com a forte mão de Trotsky) a todas as formas autogestionárias que levassem perigo ao *statu quo* (Gromstad, em 1922, por exemplo). Indica a definição do planejamento centralizado com os seus "efeitos perversos", por exemplo, o desperdício, o atrelamento e a corrupção dos sindicatos (comissões de fábricas

pelegas); a "penúria dos bens de consumo"; a restrição que é ter-se como trabalho produtivo praticamente o setor militar (porque há concorrência do americano), entre outras aberrações.

Maurício Tragtemberg conclui, afirmando sua tese de que não há crise por detrás da *débacle* dos socialismos reais, mas integração na lógica econômica básica. Afirma, também, a crença no socialismo, no planejamento fundado na autogestão.

Finalmente, temos Frei Betto, cuja análise é marcada pelo testemunho de quem conhece pessoalmente quase todos os países socialistas do mundo.

Frei Betto afirma não estar assustado com a proclamada crise do socialismo. Ressalta que suas andanças por vários destes países autorizam-no a afirmar que "qualquer país socialista, no que diz respeito à questão social encontra-se mil anos luz à frente de qualquer país capitalista apostado que todos, "sem exceção conseguiram erradicar a miséria como fenômeno coletivo". Ressalta, também, que a luta política nos socialismos é uma luta no plano dos direitos humanos, por exemplo, mais liberdade política. No Brasil, lutar por direitos humanos é "luxo". Luta-se, na verdade, por "direitos animais"; essa coisa de comer, poder desenvolver sua cria, abrigar-se das intempéries. Isso é coisa de bicho".

Depois dessas observações para deixar claro que o socialismo fez algo de bom para as classes trabalhadoras, posto que o capitalismo somente resolveu o problema para 500 milhões de pessoas para uma população mundial de 5 bilhões e 220 milhões, Frei Betto reconhece que o "socialismo peruca" ("aquele que tem cabelo mas não tem raiz") cometeu erros também. Sustenta a tese que "o socialismo achou que podia resolver o problema da fome de pão e que não

precisava cuidar da fome de beleza".

A tese precisa ser explicada. Enquanto o capitalismo criou mecanismos segundo os quais no lugar de você criar e viver os seus sonhos ele o proporciona para você, o socialismo comete o erro inverso: "socializou os bens e privatizou o sonho". Com o monopartismo e com os sindicatos e os movimentos populares transformados em meras correias de transmissão do Estado, os únicos que tinham o direito ao sonho, no socialismo, eram aqueles que estavam no poder". Uma razão apontada para essa situação de não resolução da "fome de beleza" está assim colocada por Betto: "... O socialismo cometeu um erro que nós, católicos, conhecemos muito. O de transferir para a política as categorias da religião".

Finalmente, Frei Betto admite a "reintegração no mundo capitalista" subjacente ao desmoronamento dos "socialismos reais" e atribui a culpa ao "socialismo burocrático", estalinista, que "felizmente está falindo".

Naturalmente que fazer crítica é fácil. Façamos algumas, por palestrante, somente visando a estimular a leitura das palestras.

Luciano Martins, se afirma com razão que as mudanças no leste europeu não atestam reformas, mas a saída do socialismo, não é peremptório quanto à "via capitalista" e seus efeitos, como bem colocou o Prof. Uwe Optenhögel. Também no que tange aos "indicadores sociais" (dados sobre analfabetismo e saúde pública na União Soviética) há evidente contraste nos paradigmas de referência, por exemplo, com a perspectiva de Frei Betto. Este compara os ganhos no socialismo reais com a nossa condição social na "periferia". Luciano Martins toma, ao que tudo parece, os indicadores do "Wellfarestate" típicos dos países de "centro" na órbita capitalista



mundial. Finalmente, o mestre da Unicamp parece deixar transparecer que a derrota dos socialismos reais é a própria derrota da utopia socialista, dentro da qual Marx não é o pioneiro (e sim os utópicos do século XIX, principalmente) mas parte interessada, na medida em que foi o responsável pela construção da maior das utopias, com efeitos reais e revolucionários, todos os socialismos reais e revolucionários, de Lenin, Mao, Ho Shi Min, Pol Pot, Agostinho Neto, Fidel, Ceausescu, Tito, Enver Roxha, todos, na maior parte das vezes uns contra os outros, reivindicavam ou reivindicam o velhinho Marx e uma leitura do mesmo como o leitmotiv real (quando não o "verdadeiro") do projeto da nova sociedade.

Rogério Lustosa afirma categoricamente a entrada definitiva dos "socialismos reais" no hall dos países capitalistas. Todavia, parece cair numa contradição de difícil superação, em termos lógicos. Afirma ser a Perestroika o corolário natural do processo iniciado nos anos 50 e acelerado com a morte de Stalin, pois que sossobrou a nova utopia na primeira fase: "a ditadura do proletariado". Ora, se Stalin, a título de liquidar as reminiscências do *ancien régime*, eliminou milhões de camponeses e sua própria *intelligentsia*, a começar por 98 dos 139 membros do comitê Central, eleitos no XVII congresso (janeiro/34), ou seja, 70% foram fuzilados e grande parte levados a um turismo forçado na Sibéria, acusados de contra-revolucionários, é de se perguntar porque Stalin fracassou. Afinal, eliminou todo o perigo "contra-revolucionário" e, mesmo assim, "morreu na praia", pois as forças da reação venceram, sendo Gorbachev o resultado desse processo. No mínimo, Stalin foi incompetente.

Lustosa também não entrou na discussão sobre a matriz do "ver-

dadeiro socialismo: a Albânia". Verdade que em 1990 aquele país de Enver Roxha não explicitara ainda os ventos dos efeitos da Perestroika, mas hoje é sabida a real pressão popular e os relativos câmbios sociais (eleições, autorização para funcionamento dos templos religiosos, etc.) que lá ocorrem.

Uwe Optenhögel fala da unificação e da assunção do capitalismo como tendência geral nas quedas dos socialismos reais. Mas não entra na discussão sobre as sociais 'democracias', por exemplo, no real declínio do Wellfarestate e da existência de verdadeiras "periferias" no solo europeu, ou mesmo de diferenças nítidas entre os países que enfrentam o câmbio. Optenhögel reconhece que Alemanha, Hungria e Tchecoslováquia terão maior possibilidade de viabilização como países capitalistas (dentro das "crises" imanentes ao Capital, como desemprego, um "estado mínimo" à beira da pobreza, inflação e seus efeitos). O que acontecerá com países como Polônia, Romênia, Bulgária? Naturalmente que o palestrante tinha como base o caso alemão, e isso justifica, em parte, a não resposta àquelas questões.

Optenhögel contribui sobremaneira na discussão, falando do fenômeno "por dentro", mas dá apenas algumas pinceladas na questão da postura das esquerdas. A reciclagem é pressuposto e não pode ser tomada, sempre, como "revisão" ou "academicismo". Leandro Konder<sup>7</sup>, por exemplo, tem colocado teses que fazem corar boa parte da esquerda tradicional, indicando como a falta de cultura socialista no movimento socialista no Brasil foi um fator inegável dos erros da militância comunista (PCB, principalmente). Talvez um sinal dessa debilidade esteja no fato de muitos de seus líderes ainda tentarem justificar os socialismos reais, ironizando, não sem

freqüência, discussões envolvendo, por exemplo a "Democracia como Valor Universal"<sup>8</sup> ou algumas lições básicas já presentes nos clássicos e re-ensinadas com maestria por um liberal do quilate de Norberto Bobbio<sup>9</sup>.

Maurício Tragtemberg recoloca novas questões dentro da já conhecida perspectiva anarquista autogestionária. É interessantíssimo ver como a "culpa" pelo fracasso dos modelos de socialismos reais vigentes não é colocada em Stalin, mas no sagrado Lenin, precisamente, na sua política de Estado que o faz abandonar, com "pragmatismo taylorista" os princípios de autogestão os mais elementares. Esse é um ponto que dói nas ortodoxias. Precisa ser aprofundado. Tragtemberg dá boas dicas. Todavia, resta inconclusa a sua tese da "adaptação" da Perestroika ao mercado capitalista mundial, bem como algumas pistas para a reconstrução teórica e prática mais imediata do socialismo nesses países que, justamente, parecem mergulhar na aventura (revolucionária, porque de baixo para cima) do capitalismo. Afinal, que fazer? A bem da verdade o autor limita a sua tese, demonstrando simplesmente que não há "crise", mas "adequação" no atual estado de coisas.

Concluindo, Frei Betto dá testemunho de fé no ideal de socialismo, com o qual quase todos os palestrantes parecem comungar, indicando questões importantes escondidas como armadilhas para aqueles que celebram o fim do socialismo real, o fim do socialismo e quase por decreto intelectual, o fim do marxismo. Por outro lado, parece confusa a sua posição de defesa do que de bom foi feito nos socialismos reais (e o "preço" cobrado pela Barbárie, por exemplo, com Stálin) e o reconhecimento dos erros (burocracia, falta de liberdade, etc.). A expressão por ele utilizada — socialismo-democrático — é abso-



lutamente redundante. O auto-apelo do socialismo-burocrático já é revelador de uma concepção instrumental de democracia com a qual temos que romper, e Frei Betto está consciente disso.

Seu reconhecimento de que não basta resolver o problema da fome, mas o problema da beleza, mais amplo, abre todo um campo (o de intersubjetividade, do cotidiano), tão esquecido pela militância tradicional, ainda presa à um messianismo revolucionário pleno de voluntarismo, condutor de autoritarismo e justificado em verdadeiras doutrinas inspiradas na religião, ao arrepio de um grande pensador universal e revolucionário<sup>10</sup> que foi e é Karl Marx, para qual o lema principal era: *De Omnibus Dubitandum* (Tudo deve ser questionado).

Todos os palestrantes ajudaram a entender um pouco mais essa problemática deveras complexa que é a busca da relação Socialismo e Democracia, tendo como ponto de reflexão a implosão dos "socialismos reais" e como ponto de chegada a sinonimização dos termos socialismo/democracia, a começar por uma releitura do que está vivo e morto na teoria marxista<sup>11</sup>, sem os preconceitos que povoam, ainda, boa parte da militância, posto que, segundo Heller: "... O preconceito é sempre moralmente negativo. Porque todo preconceito impede a autonomia do homem, ou seja, diminui sua liberdade relativa diante do ato de escolha, ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de alternativa do indivíduo"<sup>12</sup>. Essa situação dificulta ou distorce a criação de utopias.

Segundo Ernst Bloch<sup>13</sup> a utopia tem três funções: a) a utopia é protesto contra a situação presente, recusa de aceitação do sistema estabelecido. Ainda incapaz de subverter a realidade ao seu interior, ela exerce uma pressão contra a mesma e abre uma "tensão dialética"; b) a utopia

é prospecção das possibilidades ainda não realizadas pela sociedade. Ela apela para a ligação do imaginário e do real para a transformação das situações sociais e políticas. Nada a ver com a busca do paraíso perdido. Somente as falsas utopias são regressivas; c) a utopia é ao mesmo tempo exigência impaciente de realização imediata, sem passar por etapas, dessa sociedade liberada das repressões (incluída a liberação do desejo).

A APUFSC - Seção Sindical oferece à comunidade universitária do país a sua contribuição inicial para a construção de uma alternativa de sociedade, reconstruída na especificidade da sua modernidade, uma utopia concreta: a sociedade socialista que desejamos, com paixão.

Edmundo Lima de Arruda Jr. Professor do Departamento de Direito Privado da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Sociologia pela Université Catholique de Louvain. Foi presidente da APUFSC, gestão 88/90.

### Notas Bibliográficas

1) Sabemos que Cornelius Castoriadis e Claude Lefort, entre outros, denunciavam, há décadas, o processo de burocratização e são célebres os artigos da Revista *Civilization et Barbarie*. Também Bettelheim acusou o "capitalismo de estado" e, mais próximos do tempo, Soljenitzyn desvelou os desmandos de Stálin em *Um dia na vida de Ivan Denisovitch* e *Arquipélago Gulag*. Também se tornou conhecida a obra de Michel Volenski, dissidente russo (A *nomenklatura*: os privilégios de classe na URSA), entre outras. O que todas essas obras não podiam prever era a implosão tão espetacular dos sistemas sociais socialistas vigentes. Ao contrário, o pessimismo presente em George Orwell in 1984 dava a impressão de que a barbárie socialista dificilmente seria derrotada, sendo mais forte que a barbárie nazo-facista, derrotada em 45.

2) Neste aspecto, o conceito de Gramsci está adequado. Para ele, há crise quando o velho está morto ou morrendo e o novo não nasce ou ainda não pode nascer. Cf. *Quaderni del Carcere*. Edizione critica dell'Istituto Gramsci. Torino, Einaudi, 1975, vol. 1, p.311.

3) Cf. Alain Touraine. *O Pós-Socialismo*. Brasiliense, São Paulo.

4) Lembro-me da passagem do filme do visionário Glauber Rocha, *Terra em Transe*, quando é afirmado não haver dúvidas sobre a síntese entre capitalismo e socialismo, isto porque há bons capitalismos e maus capitalismos. Bons socialismos e maus socialismos, tornando-se inevitável a síntese.

5) A Folha de São Paulo tem, geralmente no segundo caderno, fornecido dados impressionantes (oficiais) sobre o pós-derrocada do "bloco socialista". Eis algumas manchetes sugestivas: "Protesto na Rússia pára 50 milhões" e "Nova crise ameaça precipitar guerra civil" (F.S.P. 27.4.91); "União Alemã foi um desastre" (F.S.P. 20.3.91), entre inúmeras outras matérias. Mas o que está muito interessante pois reveladora dos efeitos danosos da "via capitalista" está na matéria intitulada "Sul-americanização ameaça pós-comunistas" (F.S.P. de 29.4.91). Sul-americanização significando simplesmente os efeitos da brusca saída do socialismo para o capitalismo, com inflação crescente, desemprego, colonização econômica, instabilidade social. Tal processo levanta outra questão, a possibilidade da reação, com o fim da Perestroika (a velha guarda militar da revolução está ainda bastante presente e sempre manda avisos para Gorbatchev) e o retorno ao velho dilema político não resolvido "liberdade e segurança".

6) Uma análise atual pode ser encontrada na obra de Adam Przeworski, *Capitalismo e Social Democracia*, Companhia das Letras, São Paulo, 1989.

7) Cf. sua obra já clássica, *A Derrota da Dialética*, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1988.

8) Cf. obra clássica de Carlos Nelson Coutinho em livro com aquele título, Ed. Salamandra, Rio de Janeiro, 1984.

9) Referimo-nos a obra *Qual Socialismo?* Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1983.

10) Uma crítica implacável feita por um ex-líder comunista polonês aos procedimentos idênticos das práticas religiosas cristãs e da militância comunista tradicional está em Leszek Kolakowski, *O Espírito Revolucionário e Marxismo: Utopia e Antiutopia*, Ed. da UnB, Brasília, 1985, principalmente no primeiro ensaio "O espírito Revolucionário", pp.8-12.

11) Um bom exercício no sentido de refletir o que anda vivo e morto na teoria marxista está na obra de Jon Elster, *Marx Hoje*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1989, cap. X, pp.206-219.

12) Cf. Agnes Heller, *O Cotidiano e a História*. Paz e Terra, 2.ed. Rio de Janeiro, 1985, p.59.

13) Citamos literalmente partes do excelente trabalho de Laennec Hurbon, Ernst Bloch: *Utopie et Espérance*, Les Editions du CERF, Paris, 1974, pp.73-75. *Plural*. Florianópolis, n.1, p.4/8, jul./dez., 1991



## SOCIALISMO: REFORMA OU EXTINÇÃO?

LUCIANO MARTINS

Em primeiro lugar, queria agradecer o convite que me foi feito e, sobretudo, louvar a iniciativa da APUFSC, de promover essa série de conferências, com a visível intenção de estimular uma reflexão mais sistemática sobre algo que, seguramente, vai marcar a passagem deste século — se é que já não é o primeiro acontecimento do século XXI. Devo acrescentar, aliás, que, no circuito Rio-São Paulo, não conheço nenhuma outra iniciativa dessa natureza. Evidentemente, têm sido realizados algumas conferências e seminários, de forma mais ou menos esporádica, mas nada que tivesse esse caráter de sistematização e de preocupação permanente, como esta série de conferências parece revelar. Então, portanto, rigorosamente de parabéns por essa iniciativa.

O tema geral é "Democracia e Socialismo no Leste Europeu". Ele é evidentemente suscitado pelo que está acontecendo na União Soviética e nos demais países ditos socialistas. Estamos diante de processos recentíssimos de mudança, cuja definição ainda não é clara e que podem conter diferentes desfechos. Tudo que vou dizer aqui, portanto, deve ser entendido como contendo uma interrogação, como refletindo minhas inquietações e não minhas certezas.

Acho que há duas maneiras possíveis de abordar o tema proposto. E cada uma delas implica níveis diferentes de abstração. A primeira maneira seria de procurar discutir em que medida, no âmbito do pensamento marxista clássico, aparece a idéia de democracia. E quando falo em *democracia* estou evidentemente

me referindo à *democracia política*, em suas formas mais perfeitas ou menos perfeitas. Esse seria um procedimento: tomar a resposta que for dada a essa questão como um referencial conceitual para, a partir dele, tentar refletir sobre o que está acontecendo na União Soviética e nos países do Leste Europeu; e para especular sobre os possíveis desfechos desses processos.

A outra abordagem, mais direta, consistiria em partir de uma constatação que me parece, hoje, dificilmente questionável quanto à sua veracidade: a de que as formas concretas de organização da sociedade e do poder, típicas do que se chamou de socialismo nesses países, típicas do "Socialismo real", revelam-se incompatíveis com a prática da democracia política. Se esse dado é indiscutível, a questão que se coloca é a seguinte: será que esse "socialismo real" é reformável, a fim de que socialismo e democracia possam ser concretamente compatibilizados? E se for, de que tipo de socialismo e de que tipo de democracia se trata?

A pergunta complementar seria: será que é nessa direção, da compatibilização de alguma forma de socialismo com alguma forma de democracia, que caminham esses movimentos que hoje observamos e que parecem submetidos a uma extraordinária aceleração do tempo histórico? Para tratar essas questões, que me parecem ser as verdadeiras questões, parece-me que é a segunda das abordagens mencionadas a mais adequada. Ela abarca, de resto, o exame da idéia de democracia (ou a crítica à idéia de democracia) presente na concepção marxista ou na prática dos países ditos socialistas. É evidente que não vou fazer aqui uma conferência sobre o tema, mas apenas algumas observações mais diretamente relacionadas às questões que me preocupam.

Todos conhecem as críticas de Marx e de outros teóricos marxistas à democracia representativa, dita "burguesa", e as referências à necessidade de sua superação, muito embora Marx nunca se tenha ocupado sistematicamente da forma política que deveria sucedê-la. Resumindo muito talvez se possa dizer que a crítica marxista à democracia política está fundamentada num argumento lógico e, este, numa utopia.

Como se sabe, o argumento lógico é o de que "a relação/separação entre o Estado e a sociedade civil deixaria de existir na medida em que ocorresse o depauperamento, seguido da supressão, do Estado. Isto tornaria sem sentido, logicamente, qualquer forma de democracia representativa no futuro. E a utopia está justamente no desaparecimento do Estado. De outro lado, e também como todo mundo sabe, a idéia que Marx tinha de forma política desejável era a de uma democracia direta e muito influenciada pela experiência da Comuna de Paris. Mas é verdade, também, que Marx, com a aguda percepção política que tinha, chegou a explicar uma qualificação à crítica à democracia: embora a democracia representativa fosse uma democracia burguesa (e, portanto, a expressão de uma dominação de classe) havia uma contradição nela a explorar entre essa dominação de classe e os próprios instrumentos que a democracia política facultava às classes em conflito com a burguesia; instrumentos que permitiam às últimas avançar em suas posições, em suas reivindicações, acelerando o nível das contradições. Isto está claramente dito em *Lutas de Classes na França*. E entendo que é, em parte, como fruto dessa percepção (nunca sistematizada) que surgiram os fundamentos ideológicos da social-democracia.

Essa linha de reflexão e a porta que ela eventualmente abriria



no debate entre marxistas foi, como se sabe, violentamente fechada por Lênin, no calor da luta política, através de sua crítica a Kaustsky e dos ataques à democracia "burguesa", vista apenas como expressão de uma forma de Estado, como uma forma de dominação de classe, a serem liquidados pelo processo histórico através do proletariado organizado em Soviets. Portanto, se, para Marx, o exemplo de forma política seria a Comuna de Paris, já para Lênin era, claramente, a ditadura do proletariado exercida através dos Soviets.

Como se sabe, a primeira violação dessa última idéia se produz através da violenta repressão da revolta dos marinheiros de Kronstadt, em 1921, reprimidos, aliás, num monte de ferro e fogo, por Trotsky. Ora, os marinheiros reivindicavam exatamente isso: a reintrodução da instituição dos Soviets, em detrimento do monopólio do poder exercido pelo partido bolchevique. Esse episódio pode ser objeto de qualificações, se lembrarmos que estávamos na fase da guerra civil, com a União Soviética não só ameaçada de fora como passando por terríveis privações internas. O problema é que, depois disso, já em fases totalmente distintas, com a revolução já consolidada, nunca mais se pensou em Soviets. Assim, é possível afirmar que a ditadura do proletariado, exercida através dos Soviets, foi efetivamente liquidada a partir da brutal repressão da revolta de Kronstadt.

O que quero dizer é que a segunda abordagem se justifica porque as formas políticas concretamente assumidas no socialismo real, ao longo de todos esses anos, a partir da idéia de ditadura do proletariado através dos Soviets, converteram-se numa pura e simples tirania da burocracia. A própria experiência histórica, vivida, concreta, sepultou os dois referentes iniciais: a experiência da Comuna de Paris

e a idéia dos Soviets. Significa dizer: deixaram de existir os dois únicos referentes do marxismo clássico para pensar a compatibilização entre socialismo e democracia política.

As questões, pois, que se colocam, e que o marxismo parece incapaz de responder, são: qual a dinâmica que move esses acontecimentos na URSS e na Europa do Leste, quem são seus atores, em que medida esses movimentos podem levar a uma compatibilização entre alguma forma de socialismo e alguma forma de democracia. Acho que ninguém tem ainda resposta para essas questões. Mas é preciso formulá-las. E talvez até possam ser reformuladas, e de forma provocativa, através de duas outras questões: o que se chama de socialismo real é reformável, ou os processos que presenciamos representam uma tentativa de "saída" do próprio socialismo?

Talvez vocês tenham lido Alain Touraine, numa entrevista recente à *Folha de São Paulo*, defender, justamente, a hipótese de que o que estamos presenciando não é mais a tentativa de reforma do socialismo, mas a saída apressada dele. Dentro dessa linha de raciocínio, o próprio Gorbachev estaria em fase de superação.

O que introduz uma questão adicional: se esses movimentos exprimem, seja o desejo de saída do socialismo, seja o desejo de reformá-lo, onde entra, em qualquer dos casos, a idéia de capitalismo. Não é uma pergunta ociosa. Há indicações bastante claras sobre o estranho fascínio que parece exercer sobre os reformadores a idéia de capitalismo. Ainda na semana passada foi anunciado que, no congresso do partido comunista na União Soviética, que vai realizar-se em maio próximo, haverá uma proposta de privatização de quase 70% das atividades econômicas. E privatização, é claro, alguma

forma de capitalismo contém. Não quer dizer que David Rockefeller vá amarrar seu cavalo no obelisco do Kremlin, mas que alguma forma de capitalismo está em cogitação. Se é assim, a introdução de formas capitalistas no mundo socialista representará uma variável a mais, a ser examinada no contexto do tema central dessas conferências, ou seja, em que medida é possível conciliar alguma forma de socialismo com alguma forma de democracia. Na verdade, uma variável tão forte, para não dizer subversiva, que pode até, se confirmada, simplesmente desqualificar, tornar ociosa, a questão central deste debate.

Voltando à reflexão sobre esses movimentos. Seria bom que tivéssemos em mente que podem ser, desde já, detectados três tipos de processos de mudança. A partir de cada um deles talvez seja possível determinar — e fica aqui a sugestão para quem quiser estudá-los — o locus do impulso de mudança, onde ela se inicia, e, talvez, por esse caminho, procurar entender suas movimentações e seu substrato ideológico e político. Creio ser possível distinguir pelo menos três situações.

A primeira situação é a da União Soviética, na qual a própria burocracia toma a iniciativa da mudança, na ausência, ao que se saiba, de qualquer movimento social ou político reivindicatório expressivo. Só agora é que começam as primeiras manifestações públicas e de forma altamente incipiente. A mudança se inicia, assim, pelo alto, pela vontade do Príncipe, tradição muito russa, aliás, se nos lembrarmos de Pedro O Grande ou de Catarina. Só isto já suscita uma série de questões interessantes e que, infelizmente, acho que ninguém tem ainda condições de resolver. Porque na experiência pós-stalinista, o pensamento dissidente na União Soviética só tinha dois destinos: o gulag ou exílio no exte-



rior. Como então, se dá esse processo através do qual altos dignitários da nomenclatura (e Gorbachev é um exemplo típico dessa fauna) esperam pacientemente sua vez com toda uma listagem já pronta de críticas contundentes. Ainda recentemente, propus ao economista Abel Aganbeguian, um dos principais economistas da Perestroika, em encontro realizado no Instituto de Estudos Avançados da USP, essa questão: o que faz com que uma burocracia seja levada a propor reformas que podem conduzir a sua extinção ou, quando mais não seja, à extinção de seus privilégios estamentais. Ou seja, o que leva uma burocracia a propor mudanças da profundidade da Perestroika — o que para ela equivale a se suicidar — na ausência de pressões ou reivindicações explícitas e fortes da sociedade, ao contrário do que ocorreu em outros países do Leste Europeu. Aparentemente essa questão nunca lhe havia ocorrido. E Aganbeguian deu a resposta que todos seus colegas estão dando: "era isso ou o caos". Querendo dizer talvez, com isto, que a reforma do sistema era a única forma de sobrevivência possível para a própria burocracia, embora uma sobrevivência em termos totalmente distintos dos que até então haviam prevalecido. Enquanto não for convincentemente respondida essa questão — e não creio que alguém já possa fazê-lo — pouco se conhecerá sobre a dinâmica real do processo de mudanças na União Soviética. Mas vale o registro sobre a forma como foi iniciado e, até agora, tem sido conduzido.

O que configura, a meu ver, um segundo tipo de processo é exatamente o fato de a mudança ter sido forçada, através de avanços incrementais, pela ação de movimentos sociais. *Solidarnosc* é fundado no rastro das greves de Gdansk, em 1981, e a partir delas, ao longo de cinco anos, Lech Wa-

lessa amplia e consolida sua liderança contestatária, com extrema habilidade, argúcia e realismo, dada a situação geopolítica da Polônia. Diga-se de passagem que a União Soviética, desse ponto de vista, gozou de uma situação privilegiada: ela tinha a vantagem de não poder ser invadida, ao contrário do que ocorreu, como se sabe, anteriormente, com a Hungria e a Tchecoslováquia quanto intentaram também processos de mudança. Então, há um segundo tipo de processo nos países socialistas. O que nasce da sociedade (e, no caso da Polônia, que nasce da classe operária) e que vai impondo à burocracia as mudanças possíveis. Agora, as coisas se aceleram de tal forma, eliminado o constrangimento externo fundamental representado por uma possível repressão da União Soviética, que o impulso para a mudança tenderá a se aprofundar. Tudo indica que o "bonapartismo" do General Jaruselky vai encontrar seu fim nas próximas eleições. Muito provavelmente um representante de *solidarnosc*, ou algum movimento próximo a ele, será eleito diretamente pelo povo pela primeira vez. Isto é uma ruptura fundamental. E não me espantaria se o próprio PC polonês viesse a se dissolver.

Finalmente, há um terceiro modelo de mudança, exemplificado pelo caso da Romênia: o da insurreição popular contra os detentores do poder, contra a tirania de Ceaucesco, exercida em nome da ditadura do proletariado. A violenta repressão inicial não foi suficiente para quebrar o ímpeto de mudanças. E em quatro dias — apenas quatro dias — ruiu por terra, como um castelo de cartas, um rígido sistema de poder.

O que me parece interessante, para o tema em discussão, é que em todos esses processos, e talvez até pela rapidez com que a perspectiva do poder se está

abrindo para dissidentes ou insurretos, não parece haver qualquer projeto claro sobre o que fazer com o poder. Ou seja: qualquer projeto concreto, ou idéias claras, para uma reforma do socialismo real. É claro que quando se abole o sacrossanto princípio do monopólio político do Partido Comunista isso representa uma ruptura fundamental. Não só com a idéia do partido enquanto "vanguarda" como com os próprios alicerces do poder e da administração socialista. Mas só isso não é suficiente para indicar a existência de um projeto novo de sociedade e de organização do poder.

O que chama a atenção no caso da União Soviética, por exemplo, e é o caso em que justamente parece ter havido um tempo maior de reflexão, durante a "espera" de Gorbachev, é que o movimento crítico de reflexão parece desdobrar-se em dois tempos — sendo que o primeiro deles é nitidamente predominante. Esse primeiro tempo é o da tomada de consciência da situação a que havia chegado a sociedade soviética, do absoluto descalabro econômico. Na conversa a que anteriormente me referi, o economista Abel Aganbeguian revelou dados absolutamente surpreendentes. Mais da metade da indústria de bens de capital é totalmente obsoleta. A taxa de mortalidade infantil é superior à da Maurítânia ou de Barbados. Metade das escolas públicas da União Soviética não tem aquecimento central, não tem água encanada e não tem esgotos. Como conciliar as informações que retratam esse estado de degradação social com o fato de a União Soviética ser capaz, ao mesmo tempo, de colocar satélites em órbita e de mandar um homem à Lua? A resposta, que ainda parece algo nebulosa para nós, é que ao longo dos anos estabeleceu-se uma separação rígida entre indústria militar e o



resto do aparelho produtivo. Mas, aparentemente, a maior eficiência da indústria bélica foi obtida através de um enorme desperdício e sem que se criasse o que os economistas chamam de "efeitos para trás", de forma a ligá-la aos demais segmentos do setor industrial a partir de um certo padrão de qualidade de produção. Sua maior eficiência, assim, foi obtida às custas de um enorme desperdício. De cada mil toneladas de aço recebidas pela indústria militar eram jogados fora 95% por estarem fora de especificação. O que quero dizer é que, aparentemente, todo o esforço de reflexão do grupo que cerca Gorbachev parece ter sido mais consumido no levantamento dessa situação caótica do que voltado para a maneira de superá-la. Esse grupo se formou intelectualmente, aliás, no Instituto de Economia de Novossibirsk, que parece ter gerado essa nova geração de economistas e sociólogos que inspiraram a Perestroika. Mas, ao contrário da *intelligentsia* russa do século XIX, esse grupo parece destituído de um pensamento social, de um pensamento mais global, como que paralisado, no pensar, pela tomada de consciência da extensão do descalabro. O que me parece surpreendente — e isso traria água para o moinho da hipótese de que se trata de uma saída do socialismo — é que não parece haver uma reflexão sobre os termos e os limites da reforma desejada; não se conhece ainda um ideário de reformas para a sociedade soviética.

Em alguns países do Leste Europeu, como é o caso da Polônia, nos quais a contestação assumiu o caráter de práxis social, talvez tenha amadurecido mais a reflexão sobre as mudanças desejadas. Mas mesmo nesses casos não conheço nenhum texto que indique um projeto claro de reforma com preservação do socialismo. É evidente que a liquidação da

mitologia da ditadura do proletariado e a liquidação do monopólio de fato do partido comunista representam reformas de grande alcance. Mas tudo isso se passa no plano da rejeição e da negação do existente. Em termos de proposição para o futuro não conheço nenhuma reflexão mais estruturada: o que parece prevalecer é ainda a estupefação. Ainda outro dia, o atual presidente da Romênia, Ion Iliescu, deu uma entrevista ao jornal *Le Monde* que me parece significativa do que afirmo. Ele havia sido membro do comitê Central do PC de seu país em 1968, entrou em dissidência em 1971, foi preso, etc. Em síntese, um militante comunista de longa data. A pergunta do jornal era: Presidente, o senhor continua comunista? Resposta: "Atualmente é difícil adotar essa definição. Digamos que nasci numa família de militantes e permaneci militante político". Mas, insistiu o jornal, o marxismo está morto? Resposta: "O Marxismo tinha razões científicas para sua aparição e permanece um elemento histórico do desenvolvimento do pensamento. Mas no que diz respeito à prática social, econômica e política, e a ideologia que inspirou, está totalmente desacreditado. O pensamento contemporâneo é muito mais rico".

Que pensamento contemporâneo? Essa é a verdadeira questão. Não me parece (a questão vista por esse lado da aparente ausência de uma reflexão propriamente reformista) que exista, na consciência dos atores, um projeto político de reforma do socialismo real a fim de adequá-lo a certas formas políticas de democracia. Em outras palavras: existe apenas rejeição do socialismo real e existem reivindicações de democracia, sobretudo nos países do Leste Europeu onde ocorreram movimentos sociais. Ora, se isso é verdade, se o nível de nossa informação é razoável,

então, acho que há, realmente, uma forte tendência, não para a reforma, mas para a "saída" do socialismo *tout court*. Haverá condições internas, objetivas, para tanto? Haverá um substrato nessas sociedades, criado por baixo do "socialismo real", que pressiona nessa direção? Sinceramente, não sei.

Participei, não faz muito, de um seminário que organizei na UNICAMP no qual, e para surpresa minha, o sociólogo Adam Przeworsky demonstrou que, na Polônia, existem dezoito formas de propriedade dos meios de produção. Elas vão da propriedade privada propriamente dita à propriedade estatal, à propriedade das cooperativas e às propriedades de tipo *joint-venture*: privado estatal, estado-multinacionais, privado-multinacionais, cooperativas-estado, etc. etc. Em síntese, a idéia de que talvez ainda perdure, a da pura estatização dos meios de produção nesses países, talvez já há muito não mais exista, na prática, em alguns deles. Esse é certamente o caso da Polônia e da Hungria. Também Abel Aganbeguian, no encontro a que antes me referi, insistiu (com aparente satisfação, aliás) que estavam sendo abertos dois bancos por mês na União Soviética. O que coloca questão do maior interesse: onde se fez a acumulação para tanto? Porque é evidente que se vão privatizar, ou desestatizar, parte dos meios de produção, alguém vai comprá-los, ou deles se apropriar. A partir de que acumulação inicial? O mesmo economista nos disse, à guisa de resposta, que existem associações muito ricas na União Soviética e citou o caso de uma certa Associação de Inventores; acrescentando que ainda não estava em cogitação transferir as empresas hoje sob controle do Estado à iniciativa privada individual em virtude — curioso argumento — da ausência de um imposto sobre herança na União



Soviética. Provavelmente querendo com isso assinalar que eles estavam atentos à possibilidade de criação de uma estrutura de propriedade privada transmissível por herança. Mas será isso evitável? Que forças pressionam nessa direção e que forças a ela se opõem? Qual é o embasamento social de umas e outras? São respostas e perguntas como essas que, quando puderem ser respondidas, nos darão, creio eu, uma visão mais clara do que é realmente a sociedade soviética — e em que direção se encami-

nam as reformas pretendidas. Por enquanto, o que se pode perceber é ainda uma grande indecisão ideológica e política.

As questões fundamentais portanto, são essas: trata-se de reformar o socialismo ou de sair do socialismo? Em que medida uma coisa e outra será compatível com alguma forma de democracia política? Não creio que ninguém tenha ainda resposta para elas, a começar pelos próprios atores do processo. É possível que essa seja uma conclusão que crie frustrações. Mas entendo

que é preferível definir as verdadeiras questões, mesmo sem poder ainda respondê-las, do que dar respostas apaziguadoras a falsas questões. Já excedi meu tempo e não mencionei o caso da Alemanha, que é um caso especial. Mas talvez no curso do debate essa questão venha a ser tratada. Mais uma vez, muito obrigado.

Luciano Martins é Professor Titular de Ciência Política na UNICAMP.

Plural Florianópolis, n.1, p.9/13, jul./dez., 1991.



## SOCIALISMO: UMA EXIGÊNCIA DA REALIDADE

ROGÉRIO LUSTOSA

Inicialmente, gostaria de aplaudir esta importante iniciativa da Associação de Professores de discutir a questão da democracia e do socialismo. Em segundo lugar, saudar também a feliz coincidência — isso me parece que não foi proposital — de nós abordarmos esse assunto quando se comemoram 120 anos do nascimento de Lênin, que foi dirigente da maior e mais profunda experiência Socialista do mundo. Dirigente de uma revolução que inaugurou uma nova etapa na história da humanidade. Até então, os regimes se sucediam e eram sempre regimes das minorias, dos opressores, dos exploradores. Em 1917, na Rússia, a maioria tomou o poder e os trabalhadores passaram a decidir sobre o destino de seu país.

Lênin era não só o homem que teorizava sobre a liberdade, democracia e socialismo. Foi quem soube encontrar os caminhos práticos para que o trabalhador, de fato, transformasse a liberdade de sonho em realidade.

O tema da discussão é democracia e socialismo, visando compreender os acontecimentos no Leste Europeu. Fala-se muito em democracia. Aqui no Brasil, a posse do novo presidente foi saudada como uma consolidação da democracia. Será que foi? É preciso discutir o que é democracia. Existem alguns que consideram democracia um valor universal, permanente. Mas os conceitos têm um caráter histórico. Eles têm um tempo e um lugar. É muito difícil formular conceitos eternos. As coisas evoluem. Democracia é uma categoria histórica, também definida no tempo e no lugar. É um regime que

reconhece o poder de decisão da maioria, não é isso? É o poder da maioria. Isso é eterno? É permanente?

É preciso ver que, no capitalismo chama-se de democracia ao poder da minoria sobre a maioria. Não se trata portanto de uma democracia real.

Existe outro sistema, em que a maioria decide efetivamente, o socialismo. Isto também não é eterno. A maioria só prevalece sobre a minoria enquanto existe uma sistemática divisão de classes na sociedade. Com a abolição da propriedade privada, com o fim da exploração, é possível passar a uma etapa superior, em que não existam mais exploradores e explorados; não existam mais oprimidos e opressores; não existam mais interesses antagônicos no seio da população. Não será, então, necessário a maioria impor-se sobre a minoria. Sem classes, sem as limitações da propriedade privada, os homens aprenderão, pela convivência social, a respeitar-se uns aos outros, sem submissão de um ao outro, sem submissão da minoria à vontade da maioria. Porque não haverá mais maioria e minoria, sistematicamente, na sociedade. Este é o pensamento de Lênin. Um conceito muito mais avançado do que a tal democracia eterna e universal. No comunismo chegaremos a uma sociedade superior.

Apesar de se ter em perspectiva essa sociedade, na qual não é mais necessário uma parte oprimir a outra, é preciso conquistar, em primeiro lugar, um poder que represente a maioria. O primeiro passo é a classe operária conquistar o poder e tornar possível à maioria decidir.

Aqui, transcrevo a idéia de Lênin: "Ao passar para uma sociedade superior, a sociedade deixa de ser dividida em interesses antagônicos. Os homens habituar-se-ão a observar as condições elementares de convivência so-

cial, sem violência e sem subordinação. Não haverá a quem se submeter".

Nessa etapa, o Estado, instrumento que uma parte da sociedade usa para impor sua vontade, ou para submeter a outra, perde a função, se extingue. O Estado define e desaparece, os homens decidirão as coisas pela administração comum, pela consciência, pela fraternidade, pela solidariedade e não mais por nenhum tipo de submissão de um homem ao outro.

Em virtude das condições objetivas da sociedade capitalista, na qual um é dono da fábrica e o outro trabalha para ele, é necessário existir um instrumento de coação para que essa relação perdure. Ninguém vai trabalhar se tiver meios de dizer: eu é que trabalho, eu produzo, por que você é que é dono? O outro dirá o contrário: Eu sou dono, logo, você trabalha. Não é que patrão obrigatoriamente seja mau. Apesar de haver o carrasco também. Mas não é propriamente esta a questão. Se ele é dono e o outro trabalha para ele, é preciso haver um instrumento que obrigue o despossuído a acatar as normas dos poderosos.

Quando o trabalhador disser: eu não vou trabalhar mais, vou me apropriar dessa fábrica, o patrão tem a força policial para defender a sua propriedade. Mas o trabalhador não pode chamar a polícia reclamando uma propriedade também. O trabalhador não pode recorrer à polícia, porque ela é instrumento do dono dos meios de produção, que domina também o Estado.

Na medida em que os trabalhadores conquistem o poder, eles se apropriam dos meios de produção e dispõe da força para proteger a propriedade social e para obrigar a que o antigo patrão, se quiser comer, trabalhe. O Estado nas mãos do trabalhador é uma forma de submissão também. Quem era patrão, e deixou de



ser, é obrigado a trabalhar para viver.

### 1. Período de Transição

A transição do regime capitalista de exploração para o regime comunista, sem classes e sem exploração, não se dá automaticamente. Os trabalhadores, ao tomarem o poder, se deparam com uma economia capitalista. Eles se apropriam, inicialmente, dos grandes meios de produção. Mas restam milhares de pequenas e médias propriedades que não são socializadas e que não se pode socializar de uma hora para outra. Eles encontram diferenças de classes marcantes. Diferenças entre burgueses e trabalhadores que não são eliminadas simplesmente de um dia para o outro. Os proprietários da Volkswagen, ao perderem suas empresas, não deixariam de ser burgueses no outro dia. Permaneceriam muito diferentes de quem trabalha naquela fábrica. E não é só isso. Permanecem por longo tempo as diferenças entre os próprios trabalhadores, entre os operários das fábricas e os camponeses. Sobrevivem diferenças culturais acentuadas. A parte da sociedade que tem propriedade domina a cultura. A outra parte, despossuída, não tem acesso ao saber. Entre o analfabeto e o letrado há diferenças muito grandes. Os que não têm informação, que não sabem ler, que não podem ver o que está acontecendo no mundo, têm um poder de decisão limitado, objetivamente. Não porque ele seja mais inteligente ou menos inteligente.

Na transição entre o regime capitalista e o regime comunista, permeia uma situação intermediária em que há elementos do novo sistema comunista (em que a propriedade dos meios de produção vai ser de todos, em que todos vão trabalhar), e há restos da velha sociedade capitalista, que redundam em diferenças de

classe. São restos da economia capitalista anterior e, inclusive, de economias pré-capitalistas.

É necessário um período de transição até para educar e modificar a mentalidade das pessoas. No capitalismo, a disciplina do trabalho é a disciplina do chicote. No comunismo a disciplina é voluntária, consciente. É pelo trabalho que a inteligência humana se desenvolve, que a sociedade humana aparece e evolui. A própria condição humana está ligada ao trabalho.

É preciso educar a sociedade para uma nova mentalidade do trabalho. A lei maior do socialismo é: quem não trabalha não come. (Eu estou distinguindo propositadamente socialismo de comunismo. Entre o sistema capitalista e o sistema comunista permeia uma fase que Marx e Engels chamam de socialismo. O socialismo é a primeira fase do comunismo.) Todos trabalham e cada um recebe de acordo com seu trabalho. Trabalho igual, salário igual. Lênin comenta que isso é o resquício da velha sociedade capitalista, em que se é obrigado a medir os minutos. "Quanto você trabalha? Três minutos mais do que aquele. Então você ganha mais três minutos do que ele de salário". Isso é uma forma atrasada, que vem da velha sociedade explorada, porque trata igualmente as coisas diferentes. Os homens são diferentes. Você trabalha cinco horas e eu, cinco. Pois bem, você recebe a mesma coisa que eu. Mas, se eu tenho três filhos e você não tem nenhum filho, vou ter que reparar a minha comida, eu e mais três, e você come tudo sozinho.

Na medida em que todos trabalhem conscientemente e que há riqueza suficiente na sociedade para todos, não é mais necessária essa repartição injusta. Cada um trabalhará de acordo com sua capacidade e receberá de acordo com sua necessidade. Essa é a mentalidade do comunismo.

Vejam só, companheiros, este é o pensamento de Lênin sobre a transição. Nessa fase, existe o novo, que é o comunismo, e o velho, que são as heranças do capitalismo. São inevitáveis, portanto, conflitos de interesses nessa sociedade. Não porque as pessoas são ruins, mas porque, objetivamente, uns vivem bem com a herança da velha sociedade.

Por exemplo, os pequenos empresários e os camponeses que têm um pedaço de terra. Com a revolução, eles não têm mais a concorrência do latifundiário e do grande capitalista. As rendas deles sobem muito. Para eles, a revolução acaba aí. Para os trabalhadores, os operários, despossuídos, a revolução começa aí. Existem portanto choques de interesse. E, por isso, é necessário, ainda, que a minoria se submeta à maioria.

### 2. Passos do Novo Regime

Ou se fortalece a herança capitalista e volta-se ao velho regime ou se fortalece o novo, o comunismo. Para tratar estes conflitos, são criados instrumentos que permitam à maioria promover as transformações rumo ao comunismo.

A resistência às mudanças assume, objetivamente, um caráter de classe. Uma parte, a classe operária, mais avançada, luta para completar a passagem do velho modo de produção para o novo sistema econômico-social. E os setores que se beneficiam daquelas heranças capitalistas, lutam para que se vá mais devagar, que se pare por ali mesmo ou até que se retroceda ao domínio do capital.

Têm que haver mecanismos, por exemplo, para convencer o camponês a se associar, a fazer cooperativas. Até que ele vá comprovando que coletivamente as coisas são melhores que individualmente e, assim, vá mudando o seu modo de pensar. O proletário



riado organiza o seu Estado e o seu partido, para convencer as camadas vacilantes e para impedir, também, o retrocesso. Objetivamente, esse Estado representa a maioria trabalhadora e ainda submete a minoria. É, ainda, um instrumento de força — democrático.

A revolução procura desenvolver o mais rápido possível as novas relações econômicas e incorporar os trabalhadores nos postos dirigentes do novo Estado. O Estado socialista é um poder acessível às grandes massas e as atrai a participar de todas as decisões. E, na medida em que todos forem participantes do poder, o Estado, como tal, deixa de existir. Se todos participam, não há a quem submeter, não há mais a quem combater.

E vejam só, companheiros, os passos que foram dados pelo socialismo na URSS. A revolução russa, em 1917, criou um novo aparato estatal com base nos soviets, organizações de operários, camponeses e soldados nas suas unidades de trabalho: fábricas, cooperativas e exército. Foi a massa que criou os soviets e o Partido de Lênin sistematizou sua estrutura como sustentação do novo Estado. Os soviets eram aparatos de poder em todas as instâncias do país. Em 1922, cinco anos, apenas, depois da revolução, na composição dos soviets, desde o escalão nacional até o escalão menor possível, 44% dos deputados eram operários e 27% eram camponeses. Ou seja, na Rússia, 71% do poder era exercido por operários e camponeses. Por deputados operários e camponeses.

Eu queria fazer um convite para vocês pensarem um pouco. Procurem um só país capitalista, escolham o mais democrático de que vocês já ouviram falar, com todas as belezas que a TV Globo pinta. Um país capitalista apenas, que tenha 30% do poder exercido pelos operários e cam-

poneses. Se quiserem procurar por duas semanas, eu volto aqui de novo. Observem que eu não falei 70%, como era na URSS em 22, mas apenas 30%. Quer dizer, cinco anos depois da revolução, esse poder socialista era mais democrático do que qualquer das democracias burguesas ainda hoje.

O Congresso Nacional, por exemplo. Aqui no Brasil, quantos milhões de operários e camponeses tem? São 140 milhões de brasileiros, mais de 120 milhões são trabalhadores. Será que há 20 operários e camponeses no Congresso Nacional? Vocês já viram camponeses no Parlamento? Nem nas cidades do interior vocês encontram camponês na direção municipal. Às vezes, encontram um abastado como vereador.

Vejam mais. De 1917 a 1924, portanto, em apenas 7 anos de poder soviético, 12,5 milhões de trabalhadores foram eleitos deputados para os soviets. 12,5 milhões, numa população que, naquela época, devia ser 130 milhões mais ou menos. Ou seja, 10% da população tinha participado diretamente do poder. Qual o país capitalista com situação parecida? Na década de 60, início da década de 60, existiam 1.500.000 (hum milhão e quinhentos mil) deputados nos soviets, em todos os escalões. Além disto, os soviets aglutinavam vinte e três milhões de pessoas em diversos tipos de comissões auxiliares. Numa população de menos de 200 milhões de habitantes, 23 milhões participavam do poder, diretamente.

Mais um detalhe interessante: nesses soviets, os deputados não se afastavam de seu trabalho. Eles continuavam trabalhando na fábrica, no campo, ou onde fosse. Reuniam-se, uma ou duas vezes por ano, em sessões plenárias, para tomar decisões. E nomeavam um conselho pequeno, o comitê permanente que, aí sim,

reunia-se freqüentemente para ver as mudanças necessárias e fazer propostas para as reuniões do pleno, de tempos em tempos. Mais do que isso. Os salários eram os mesmos que o cidadão recebia no seu trabalho.

O soviets elimina a dualidade entre executivo e legislativo. O soviets decide, executa e evita o que a gente está vivendo hoje, no Brasil. Vocês viram como foi implantado o Plano Collor. O executivo executa e o parlamento parlamenta. Discute, discute, discute e nada faz. O presidente decide, e está acabado. Quer dizer, há falta de sintonia entre quem decide e quem discute. Um decide e outro discute. Não é isso? Os soviets eliminam isso.

### 3. Falhas na Construção

Nesse processo, é importante nós entendermos que foram cometidos erros, principalmente, após a guerra. Seria melhor se a prática realizasse 100% do que se formula teoricamente. Mas viver é melhor do que sonhar. E na vida cometemos equívocos que exigem retificações. Ao fim da guerra, não houve a continuação dessa incorporação de grandes massas ao poder. Ou seja, o Estado deixou de ir perdendo as suas funções. Deixou de as transferir, cada vez mais, às grandes massas.

O processo de extinção do Estado não se fez na velocidade necessária. Com isso, as massas tiveram menos iniciativa. O próprio partido teve menos iniciativa.

As massas passaram a ter grande confiança no Estado e no partido. Graças aos grandes êxitos da construção do socialismo, vencendo o maior exército burguês do mundo, o mais equipado. O Estado e o partido foram capazes de vencer a ofensiva hitlerista e dirigir a construção do socialismo. Mas, o Estado e o próprio partido não deram prosseguimento à tarefa fundamental de



passar às grandes massas as decisões. As massas confiavam excessivamente no Partido e no Estado. E com isso perdiam impulso revolucionário e capacidade crítica. Entorpecidos, pensavam: "eles" sabem fazer as coisas. Mas quem faz a revolução não é o Partido, são as grandes massas.

Com isto, os que eram ainda partidários das velhas heranças capitalistas encontraram um flanco aberto para atacar o poder socialista e o partido da classe operária. E tiveram êxito. Quando Stalin morreu, o Comitê Central do Partido não teve iniciativa suficiente para enfrentar a nova situação. O próprio Partido, de certa forma, confiava demais na liderança de Stalin. Erro do Partido e erro do próprio Stalin. Há, inclusive, uma formulação de Stalin que mostra o quanto ele não compreendeu essa questão a contento. Ainda que tenha sido um grande dirigente, nessa fase, não percebeu o que estava ocorrendo. Pelo menos, não percebeu como devia perceber. Ele diz o seguinte: embora as classes dominantes tenham sido liquidadas, não havendo mais grandes burgueses e latifundiários, o Estado precisa tomar conta dos sabotadores, dos parasitas, dos preguiçosos e não sei o que mais. Ora, é preciso Estado para isso? Em cada fábrica, você sabe quem é o parasita, quem é o preguiçoso, quem é o sabotador. Não há necessidade do Estado para isso. Se existe uma sociedade organizada, se existe uma elevação da consciência em grande escala, é desnecessária a interferência do Estado. A própria massa, no local de trabalho, sabe quem é o preguiçoso.

Pois bem, companheiros. Na década de 50, a luta passou para um novo patamar. Essa camada que se beneficiava das sobrevivências burguesas, conseguiu se apossar do partido e do Estado soviético e passou, então, a teori-

zar sobre as mudanças, no sentido inverso. "Em nome do socialismo", passou a reforçar os fatores capitalistas. Do ponto de vista teórico, dizia: já não se precisa de um Estado que seja da classe operária, nem de um partido que seja da classe operária. Agora, o Estado é de todos e o partido é de todos também. Mas como de todos? Que "todos"? Dos que são a favor da continuação do processo revolucionário e da construção do comunismo, ou dos que são a favor da manutenção e reforço das velharias capitalistas?

Esta, companheiros, foi uma forma de se desarmar o aparato do proletariado. De se interromper a construção do comunismo. Do ponto de vista prático se passou também a tomar medidas para restaurar o capitalismo. As máquinas e os tratores eram propriedade de todo o povo. As cooperativas usavam-nas sob contrato. Essas máquinas e tratores, que eram administradas pelo Estado, passaram a ser vendidas às cooperativas. Ou seja, passaram a ser propriedade privada das cooperativas. As diferenças entre as cooperativas se acentuaram. As que tinha melhores condições, que eram mais ricas, compravam mais máquinas e melhores máquinas. As cooperativas mais frágeis compravam menos e piores máquinas. O que acentuava as diferenças.

A economia que era planejada de forma centralizada, passou a ser regionalizada. No lugar dos ministérios centrais de planejamento econômico se instituíram 105 conselhos econômicos regionais. As regiões com mais facilidade de crescimento econômico, mais riqueza local, mais petróleo, mais minério, terras melhores, mais próximas dos grandes centros comerciais, se desenvolveram mais do que as outras.

Os diretores de fábricas passaram a ter autonomia para decidir sobre a produção, sobre o reinvestimento do lucro e sobre o

salário. E, evidentemente, esses diretores prometiam salários iguais para todos, mas eles eram um pouco "mais iguais" do que os outros. Daí, recebiam salário "um pouco mais igual" do que os outros; uma casa "mais igual" também, uma escola "mais igual" para os seus filhos e, com isso, a diferença entre os diretores e os trabalhadores se acentuaram.

#### 4. Retorno ao Velho

Chegou a tal ponto que o principal economista soviético Abel Aganbegian, quando esteve aqui no Brasil, em 1988, deu uma entrevista ao JB do dia 10.07.88, dizendo o seguinte: agora qualquer pessoa pode organizar sua cooperativa, que pode criar seu banco e emitir ações e determinar salários. Nós criamos uma lei (isso são palavras dele), eufemisticamente chamada de atividade laborial individual que pode ser traduzida por iniciativa privada. No início de 1988, já existiam 50 mil cooperativas desse tipo, individuais, particulares, empregando um milhão de trabalhadores, movimentando cento e noventa e oito bilhões de cruzeiros. Recentemente, para completar, foi inaugurado um hospital particular em Moscou! Hospital particular não tem nenhuma justificativa. É um absurdo ter a saúde privatizada novamente.

Mais do que isso. A imprensa deu conta de um empresário moscovita, um yuppie, como é o termo agora usado, membro do PCUS, que dá uma contribuição mensal ao partido de 8,5 milhões de cruzeiros! O faturamento mensal da empresa desse yuppie é de 286 milhões de cruzeiros. Esse é, talvez, um dos homens "mais iguais" que há na União Soviética, atualmente. Com as alterações na cotação do dólar estes números podem estar distorcidos. Mas vale como exemplo global. Tem muita gente como ele. Querem nos fazer



acreditar que é um "novo tipo" de comunista!

Existem em Moscou, cerca de 30 cooperativas, atualmente, com renda mensal de mais de 100 milhões de cruzeiros. É evidente que as desigualdades sociais são marcantes. O Estado, que deveria se extinguir, passa, gradativamente, a ser o Estado desses novos ricos. O Estado dos novos diretores, dos empresários, dos que detêm novamente, a propriedade privada.

A teorização completa do retorno é feito por Gorbachev com a Perestroika. Os novos governantes da URSS dizem literalmente: o último passo para se desenvolver o socialismo é restaurar a economia de mercado na plenitude e restaurar a propriedade privada. Inclusive, pela Constituição soviética, está sendo legalizada novamente a propriedade privada. Chega ao fim o processo de transição, de volta. Quer dizer, o processo se inverteu. Era uma sociedade de transição, em que o comunismo avançava e tinha restos do capitalismo. O que nós assistimos depois do que aconteceu na década de 50 para cá é o contrário. Desde então havia um capitalismo crescente e sobravam restos do socialismo que fora alcançado. Agora, com a destruição completa desses restos de socialismo, é natural implantar novamente a propriedade privada em toda a linha. Até recentemente, as fábricas eram estatais. E o diretor recebia pelo Estado. Se fracassasse, se tivesse uma administração ruim, a fábrica ia pro buraco. Mas o salário dele vinha do Estado. (Como há as estatais aqui, que nós conhecemos muito bem, cujo diretor pode ser o mais incompetente possível, sem problema, pois o salário dele é pago pelo Estado. Não é isso?). Então, na URSS, agora, tratam de restaurar as condições dos seus colegas, do ocidente, do mundo capitalista. Aqui, o empresário

fracassa e a fábrica fecha. Lá não, o empresário falhava e o Estado "fechava". Agora, as novas "velhas" regras estão implantadas: A propriedade privada e a competição capitalista imperam.

### 5. Da Prisão... ao Fracasso

Companheiros, eu me detive muito na União Soviética, porque é ali o centro das reviravoltas no Leste Europeu. Não o fiz por acaso. Das revoluções socialistas, a de 1917, dirigida por Lênin, foi a de maior profundidade. Nos outros países, as transformações se fizeram em condições muito adversas, com partidos massacrados pelo nazismo. A passagem do exército soviético até a Alemanha facilitou em grande parte a revolução. O poder socialista foi implantado com pouca organização do povo, com partidos pouco experientes, em geral sob muita dependência da União Soviética. Na medida em que a URSS cedeu às pressões da burguesia, a influência político-ideológica dessa mudança se fez sentir em quase todo o Leste Europeu. Influência militar também. Praticamente todos os governos do Leste foram mudados nesses últimos trinta anos. E alguns de forma violenta. Embora a imprensa deturpe muito, vocês conhecem a invasão da Hungria, em 1956, por tropas soviéticas. É admissível um país que se diga socialista invadir outro a pretexto de "salvar" o socialismo? Defender o socialismo com tanque em cima dos trabalhadores? Não se admite isso.

Na Hungria, Janos Kadar que foi colocado na direção do Partido e do Estado da Hungria, esteve preso, por conspirar contra o socialismo. Na Polônia, Wladislav Gomulka estava preso desde 1948 por sabotagem. Foi retirado da cadeia e colocado na direção do governo e do POUP. Bierut, que era o principal dirigente do partido polonês, morreu misteriosamente em Moscou. Dizem

que morreu de gripe. E gripe é coisa que mata mesmo(!). Deve ser verdade (!?). Gomulka foi içado ao poder. E eis no que deu a Polônia. Na Tchecoslováquia Gottwald, também dirigente do partido, morreu da mesma forma misteriosa, visitando a União Soviética. Ninguém sabe como. Deve ter sido outra gripe. Dimitrov, dirigente da Bulgária, morreu também, em Moscou. Ceausesco, (aquele das torneiras de ouro), subiu ao poder se não me engano, em 1961, na Rumênia.

Todos os governantes do Leste agora varridos pelo povo, foram instalados no poder sob o impulso da crítica ao "stalinismo".

A imprensa fala muito em erros de Stalin. A burguesia nunca esteve interessada em apurar os erros de Stalin. Interessados em apurar os erros na construção do socialismo somos nós. São os trabalhadores que estão interessados em estudar e corrigir todos os equívocos, porque a burguesia se beneficiou deles. E não está preocupada em mostrar onde é que os revolucionários falharam.

O combate furioso empreendido ao chamado "stalinismo" era na verdade, um pretexto para os inimigos do socialismo ganharem terreno. Nós, em particular, do PC do B, desde o primeiro momento, consideramos a linha dos "revisionistas" como retorno ao capitalismo. Há trinta anos dizíamos isso, como vocês podem ler nos documentos do partido. E fomos chamados de tudo nessa época. De sectários, de não sei o que mais. Agora eles mesmo, Gorbachev e seus partidários, dizem que é capitalismo mesmo.

O Lech Walesa, logo que o Solidariedade assumiu o poder na Polônia, delcarou o seguinte: quero que o comunismo morra. Há quem diga que ele contribuiu muito para o socialismo na Polônia. Eu digo que não. Com uma "contribuição" dessas não há socialismo que agüente.



Em função do retorno às regas burguesas, também, se acentuam as diferenças nacionais na União Soviética. O que era a União Soviética, que foi constituída em 1922, voluntariamente, hoje é a desunião soviética. Cada um puxa para um lado. E estes que vieram restaurando o capitalismo e que se dizem os libertários, usam tanques para sufocar seus opositores. Usam tanques na Armênia, usam tanques na Lituânia, usaram tanques na Tchecoslováquia, no Afeganistão. É difícil acreditar em socialismo dessa forma.

Em 1917 uma das bandeiras de Lênin e do Partido Comunista era a seguinte: os povos que estão sob dominação do Império Russo devem decidir se vão se unir numa união de repúblicas ou se vão se separar. A Finlândia fazia parte do Império Russo. E manifestou-se contra a união das repúblicas socialistas. Pois bem, companheiros. Em 31 de dezembro de 1917, portanto, um pouquinho mais de um mês depois da revolução, que foi dia 7 de novembro, o novo Estado Soviético reconheceu a independência da Finlândia. E aqui, uma frase de Lênin na ocasião: "Me recordei muito bem do momento em que tive que entregar o documento oficial de independência ao representante da burguesia finlandesa. Me estendeu a mão, amavelmente. Trocamos algumas palavras formais. Que desagradável foi aquilo. Mas não tinha outro remédio, pois a burguesia, então, enganava o povo finlandês". Ou seja, o povo finlandês não distinguia os interesses de classe. Não tinha havido diferenciação político-ideológica entre o proletariado e burguesia. A dominação burguesa não estava clara para o povo finlandês. E a burguesia era "representante" da Finlândia, porque o povo confiava na burguesia. Então este país separou-se das repúblicas socialistas. A única represália de Lê-

nin foi comentar: "que desagradável foi aquilo". Não houve tanques na Finlândia. Mas os libertários, agora, na Lituânia...

Na Lituânia, o Parlamento se reuniu, Parlamento eleito em eleição recente, e decidiu pela separação da URSS. Se eu concordo, ou não, com a opinião do Parlamento Lituano, isso é um problema meu. Mas a Lituânia tem direito à independência. Só que os tanques de Gorbachev decidiram o contrário.

Que diferença também no tratamento dado por Stalin à frente do Estado Soviético com relação à Iugoslávia. A Iugoslávia, em 1948, sob a direção de Tito, rompeu com o campo socialista, repudiou o marxismo e aderiu às potências ocidentais. A providência foi a seguinte: Tito foi expulso do Cominform, organização internacional dos Partidos Comunistas daquela época. Mas nem de estilingue, pelo menos, se atirou uma pedrinha na Iugoslávia. nenhuma. Algum tanque? Algum tiro? Nada. Entretanto, quando em 1968 a Tchecoslováquia tentou se afastar da órbita soviética, os blindados russos, a mando de Brejnev, imediatamente, ocuparam o país. Em 79, foi a vez do Afeganistão.

## 6. Começar de Novo

Por tudo isto, penso que no Leste Europeu e na União Soviética, há uma restauração completa do capitalismo. É uma derrota fragorosa do socialismo. É um atraso imenso do proletariado. Temos que reconhecer isso para criar condições de reconstruir o grande caminho da revolução.

E esses partidos, todos que hoje mudam de nome e jogam símbolos fora... Por quê? Porque cumpriram seu papel. Acabou. Eles são partidos da transição de volta, de volta à herança capitalista, que era só herança no Leste Europeu, e que eles restauraram em sua plenitude. A burguesia

diz: bem, vocês foram ótimos, cumpriram seu papel, agora saiam de cena. A burguesia assume diretamente o poder. Estes partidos, que nós chamamos de revisionistas, cumpriram o papel de intermediários da volta. E hoje, companheiros, quem não compreende isso, fica no meio do caminho. Há correntes que se dizem socialistas, inclusive, que consideram isso "socialismo renovado". É um grande engano. Isso é capitalismo, companheiros. Não há meios de dizer que no Leste Europeu ainda impere o socialismo.

Eu queria fechar, reproduzindo um comentário de Bresser Pereira, insuspeito de ser socialista, comunista, ou coisa que o valha. O ex-ministro do Sarney, Bresser Pereira, comentou o plano econômico da Polônia, que alguns anunciavam como um grande avanço, e disse o seguinte: "É um típico plano ortodoxo, aprovado pelo FMI. São medidas néo-liberais que, se não dão certo nos países capitalistas serão desastrosas nas condições da Polônia". Isso é dito por Bresser Pereira! E há quem afirme que isso é o socialismo renovado!

Nós vamos ter que estudar muito, aprofundar a crítica aos erros cometidos e ter paciência. Na verdade, penso que o que morre é esse processo, termina essa luta, encerra-se essa etapa. A idéia de que o comunismo morreu, o socialismo morreu, não é correta. Porque o socialismo não é uma idéia, é uma exigência da realidade. Um mundo sem classes, sem exploração, um mundo de fraternidade é uma exigência objetiva da realidade. Essa é uma convicção científica, não é uma fé abstrata. É uma análise concreta da realidade, que aponta para a superação do capitalismo, que não é imutável, que não é eterno. Os trabalhadores do mundo inteiro vão construir o comunismo.

Convidaria a vocês, que estão aqui, para que não se dessem por



contentes com esse debate, não se dessem por contentes com o que estou falando aqui. Porque eu também cometo erros. Discutam o problema, companheiros. Vocês estão aqui não por acaso. Estão aqui porque procuram o caminho da liberdade. Por que vocês se preocupam tanto com o Leste Europeu, tão longe? Porque o que aconteceu lá, companheiros, bate no coração de

vocês. Porque vocês depositaram esperanças na idéia do socialismo. E hoje, se perguntam: devo acreditar menos? Será que, em vez de cortar a corrente da exploração, vou me contentar com a corrente mais fina? Será que na lei do chicote vou me contentar com o chicote mais brando um pouco? Não, companheiros, não vamos nos contentar com uma exploração mais amena, vamos aca-

bar com o chicote, vamos construir a sociedade da liberdade.

**Rogério Lustosa** — É militante comunista, membro do Diretório Nacional do PC do B, jornalista do periódico "A Classe Operária" e editor da "Princípios", revista teórica, política e de informação.

*Plural*. Florianópolis, n.1, p.14/20, jul/dez., 1991



# DO SOCIALISMO PARA ONDE?

UWE OPTENHÖGEL

Boa noite, companheiras e companheiros. Primeiro, vou lhes dar o roteiro da palestra. Tentarei abordar seis pontos. O primeiro será uma tentativa de caracterizar o tipo de mudança que estamos vivendo, lá no Leste Europeu; num segundo momento, procurarei, de uma forma um pouco mais descritiva, deixar claro que mudanças ocorrem e já ocorreram no campo político; no terceiro momento, entrarei na questão propriamente econômica, ou seja, quais mudanças vêm sendo feitas no campo econômico; em quarto lugar, vai ser abordado o papel dos Partidos, dos Sindicatos, ou, de forma mais geral, o das agitações sociais lá existentes, em outras palavras, quem faz as mudanças no Leste; em quinto, vou entrar um pouco nas repercussões geo-estratégicas que estão existindo, em função das mudanças do mesmo Leste Europeu; e, finalmente, em sexto lugar, vamos refletir um pouco sobre a seguinte questão: trata-se do fim do Socialismo ou de outra coisa?

Começamos com o ponto 1: a caracterização do tipo de mudanças. Acho muito importante a gente lembrar o projeto inicial do socialismo, do comunismo, quando, em 1917, o processo lá começou. O projeto inicial, inclusive dos Bolcheviques e das outras forças socialistas revolucionárias, na União Soviética, era uma promessa para as massas. Uma promessa que visava a uma vida material muito melhor, a uma emancipação individual, liberdade e justiça social. A promessa visava à emancipação individual, dentro de um contexto coletivo, obviamente, e a promessa continha, também, um elemento de utilização racional dos recursos

humanos e naturais. Então, sintetizando, o projeto de socialismo, naquela altura, era uma promessa essencialmente igualitária e humana. Partindo, então, desse projeto inicial, fica muito fácil entender que o socialismo real, constituído nos setenta anos seguintes, não conseguiu chegar ao que a promessa visava. Antes, pelo contrário, o próprio processo das mudanças de hoje deixa clara uma coisa: a promessa primeira, inicialmente, uma utopia concreta, porque a revolução se dava dentro de um contexto em que se pensava que era realmente possível chegar a esses elementos positivos do socialismo, dentro de um prazo, pelo menos de uma vida daqueles que eram militantes à época, essa promessa, com o decorrer do tempo, virou mito. E o que está caindo, hoje, naqueles países, é o mito. Se cai também a promessa, é outra questão que vou tentar abordar, no final da palestra. Então, o que vemos é a queda, a destruição de um mito, no processo da destruição dos regimes que lá tinham-se instalado. Nesse contexto explica-se, também, o projeto do Gorbachev, da Perestroika. Por que, no início, a Perestroika começou, claramente, como tentativa de reforma interna. De reforma do regime no seu interior. Ela está acabando, hoje, num processo, a meu ver, revolucionário. O aspecto da reforma existe, ainda, pelo menos por parte de quem está tentando administrá-la. Assim, o PC da União Soviética tenta controlar o processo da reforma, mas, em outros países do Bloco Socialista, passou-se de reforma para revolução. Acabou-se com o regime e, na grande maioria dos países, o processo não é mais um processo controlado, pelo menos não pelos PCs. Tomando tal fato em consideração, que é, digamos, o pano de fundo das mudanças, coloca-se a questão: que tipo de revolução temos lá? E, aí, acho que o

tipo de revolução que se está vendo lá é, claramente, uma revolução política, ou seja, uma revolução que supera as estruturas de poder, seja do Estado, seja do Partido, seja do Sindicato. A revolução não é uma revolução social. Não é uma revolução de uma classe social. E aí é que está uma diferença profunda, por exemplo, com 1917, quando a revolução de outubro era uma revolução da massa operária, era uma revolução claramente social e uma revolução que visava à implantação de um regime diferente de poder operário.

O que nós vemos, hoje em dia, é muito mais uma revolução política do que uma revolução social. O que nós vemos é o movimento do conjunto da sociedade contra as várias agências burocráticas, todas propriedade de um partido único, que se chamava, se autodenominava comunista, mas que, na verdade, acabou formando uma classe política fechada, que, inclusive, perdeu aos poucos o contato com as massas. É nesse contexto, de revolução do conjunto da sociedade contra a estrutura de poder, que se explica, também, o lema central das primeiras grandes manifestações na Alemanha Oriental. O lema central, no início, no tempo em que caiu o muro mesmo, era "nós somos o povo". E vejam bem o que isso significa. O lema central das manifestações era "nós somos o povo". E não se chamava a vanguarda de povo. "Nós somos o povo". O que se via, claramente, é esse caráter político do movimento da sociedade inteira contra o poder instalado.

Também ficou claro, nesse projeto todo, que o movimento, lá nos vários países, não buscava uma revolução socialista, mas se tratava de um movimento com forte conotação capitalista. As massas querem o capitalismo. Elas vão para a rua e dizem o que querem e lutam pela introdução do capitalismo. Vendo, então, es-



ses acontecimentos que começaram na União Soviética com a Perestroika, há uns 4 ou 5 anos, e chegaram a um pique no ano passado, no resto do Leste Europeu, podemos arriscar uma classificação desses eventos numa perspectiva histórica.

E, aí, eu diria que, nesse século XX, tivemos três momentos históricos cruciais. O primeiro foi a própria revolução russa e tudo o que veio em seguida. O segundo, o grande momento de mudanças no mundo, foi a derrota do fascismo, em 1945. E o terceiro momento de dimensão histórica mesmo, que vai redesenhar o mapa pelo menos do mundo europeu e, provavelmente, de outras partes do mundo também, foi o do ano passado, o processo de que nós fomos contemporâneos e com o qual convivemos.

Passo para a segunda questão: as mudanças no campo político. Tentando analisar as mudanças no campo político, é muito importante diferenciar entre a União Soviética e todos os outros países do bloco. Qual é essa diferença? Na União Soviética, vemos um processo de reforma que vem de cima para baixo e, até agora, é um processo controlado pelo partido, embora, ultimamente, fuja, cada vez mais, do seu controle. É um processo em que as elites do Estado e do Partido são preparadas e estão participando ativamente, tentando administrar o processo de mudança. E foi na União Soviética que houve uma verdadeira revolução, como início do projeto socialista. De outro lado, nos outros países do socialismo real, temos um processo que é exatamente o contrário. Parte de baixo para cima. É um processo não controlado e para o qual as elites não estavam preparadas. São países em que o regime socialista, do socialismo real, se instalou na ponta da espingarda do exército vermelho e não foi resultado de

uma revolução social, dentro deles mesmos. Havia PCs mais ou menos fortes, PCs que, em eleições, acabavam por ter 35 ou 38%, mas não existia nenhum país em que o PC tenha chegado perto da maioria. E, mesmo assim, logo depois da vitória sobre o fascismo, os regimes lá foram implantados, inclusive pelo stalinismo, dentro de um raciocínio em cujos detalhes não vou entrar muito. Enfim, o que queria salientar é que nada foi fruto de revolução própria. Foi fruto de revolução da União Soviética, não dos outros países.

Devido ao caráter da revolução, as mudanças que acontecem, agora, se dão, majoritariamente, no campo político e isso é, por exemplo, também, o que o próprio Gorbachev está sublinhando cada vez mais. Está sublinhando desde o início. Ele, por exemplo, disse, nos primeiros encontros, quando lançou a Perestroika, o seguinte (é citação): "Na nossa compreensão atual, a idéia do socialismo é, em primeiro lugar, a idéia da democracia." É algo que Brejnev e Krustchev, para não falar de Stálin, nunca teriam dito. Na ocasião do 60º aniversário da própria revolução russa, isso é afirmado mais claramente ainda. Disse ele (e agora não é citação): a democracia é, hoje, o princípio básico, sobre qual a sociedade socialista tem que ser construída. Colocações como estas podiam, perfeitamente, ser feitas por Lula ou Brizola na campanha do ano passado... Vemos, aí, claramente, que o conceito de democracia vem à superfície e vem desempenhando um papel essencial, nessa tentativa de reforma levada para a frente por parte da elite que se reúne em torno de Gorbachev. Devido a esse ponto de partida político, que, inclusive, as elites vêem como um processo de reforma, vêem, em primeiro lugar, como um processo iniciado no campo político. As mudanças havidas, até hoje, se deram, expli-

citamente, nesse campo político. Por exemplo, hoje em dia, existem, lá, direito de manifestação, direito de oposição, eleições mais ou menos livres, o questionamento do monopólio do partido único, o fim da polícia política e da repressão, o fim da censura e o direito de viajar (o que pode parecer uma coisa engraçada, mas, para quem lá vivia e não podia viajar para lugar nenhum, foi uma grande conquista). Todas essas conquistas, porém, se deram explicitamente no campo político. O que significa que o processo todo se iniciou e deu seus primeiros resultados concretos no campo político.

Passemos para o campo econômico, que é o terceiro ponto que queria abordar. Aí é que se situa o principal problema, digamos, o nó crítico de todo o processo de transformação. A questão central se dá no campo econômico, porque o que todo mundo discute, o que todo mundo pensa é o seguinte: isso, lá, vai acabar numa reforma do socialismo ou numa volta ao capitalismo? Aí, é difícil avaliar, a essa altura dos fatos, definitivamente, onde é que tudo vai acabar. Mas podemos, já, sintetizar e ver algumas coisas que mudaram no campo econômico.

Todos os governos e os novos que chegaram lá, há muito pouco tempo, através do movimento popular, ou mesmo o governo, na própria União Soviética, têm algo claro. Eles querem introduzir elementos do mercado na economia planejada. O processo que está começando com essa tentativa de introduzir mercado em economia centralizada e planejada, é um processo sem precedentes na história, porque o que vemos aí é uma tentativa de processo de transição, passando de uma economia estatizada para uma economia privada, ou parcialmente privada. E isso não tem precedentes. Nós temos precedentes opostos. Quer dizer, há tentativas



de se estatizar, de se socializar, de se fazer planejamento central. Mas não existe nenhum precedente no mundo de como é que podia se dar o processo inverso, o que significa que os Estados e as sociedades, lá, caem em um profundo vácuo teórico. Vocês imaginem, por exemplo, faculdade de economia nos países de lá... Podem jogar os currículos no lixo. Literalmente. Porque tais currículos não servem para esse processo de transformação do estatizado, do planejamento central para o privado. Então não há teoria econômica que tenha, digamos, orientação, que tenha, já, desenvolvido esse processo teoricamente. O que para eles é um problema enorme.

Vou contar um episódio de uma amiga que mora na Alemanha Oriental e acabou o curso na faculdade de economia na Universidade de Berlim, uns 2 ou 3 meses antes da derrubada do muro. Depois da queda do muro, ela não tem a menor chance de aproveitar o que aprendeu, porque não tem mais como aplicar seus conhecimentos. Acabou-se. Quer dizer, um aprendizado de 5 ou 10, não sei quantos anos, é totalmente desvalorizado. É claro, também, que tudo isso não vai se dissolver no ar, mas direcionar, para orientar o processo de transformação. Eles, realmente, estão operando num vazio muito grande. Agora, o problema que se dá nessa situação concreta, é, ao meu ver, o seguinte: nós estamos vendo, aí, uma tentativa de passagem de um sistema de uma economia de planejamento central, sob o domínio das necessidades políticas de um partido, e não sob a racionalidade econômica. O que quer dizer o seguinte: o planejamento central, nessas sociedades e, em particular, na União Soviética, obedeceu, historicamente, muito mais às necessidades do partido comunista do que às necessidades da racionalidade econômica. O que significa

que eles, em vários momentos históricos, quando havia alternativa, sempre optaram pela tendência de assegurar o domínio do partido sobre a economia e não raciocinaram muito sobre esquemas mais eficazes de planejamento central. Foi essa uma das razões porque o planejamento central que eles estabeleceram lá fracassou.

Eu, depois, podia entrar, talvez, em algumas das razões mais teóricas desse domínio do político sobre o econômico. Mas vou colocar isso primeiro como tese. Agora, é óbvio que os regimes de lá também tiveram algum êxito, pelo menos durante certo tempo e pelo menos até, digamos, o início da década de 70. Esse tipo de planejamento central que nós observamos conseguiu, na maioria dos casos, satisfazer às necessidades básicas materiais da população. Mas nada além disso. O que significa que eles conseguiram satisfazer, sim, as necessidades básicas: não haver fome, não haver miséria, não haver desemprego. Mas, fora dos países do bloco, sempre existia a avaliação de que, por exemplo, o sistema de saúde, de educação, o sistema social eram uma coisa a ser defendida, realmente, era uma coisa boa, sobretudo do ponto de vista de um país em desenvolvimento, como o Brasil, ou como outros. No momento em que se abre, lá, todo o processo político, nós constatamos, lamentavelmente, que nem nesse campo eles conseguiram tanto como todos pensavam. Agora, no processo de mudança que começou fora da União Soviética em meados do ano passado, havia alguns grupos que, inclusive, eram grupos mais ativos, que se arriscavam mais, que partiram da noção de que fosse possível um casamento de elementos positivos do socialismo e dos estados de bem-estar capitalista dos países ocidentais. Acontece que esses grupos estão totalmente marginalizados, hoje.

Eles estão longe de ter maioria nas eleições que lá ocorrem e já se pode avaliar essa pretensão deles como algo ingênuo, que não teve base nas massas. Porque, afinal de contas, esses grupos pensavam que fosse possível uma economia mista e uma aproximação gradual do mercado. E eu diria que isso já não é possível. A aproximação não é nada gradual, ela é muito rápida e a economia mista, atualmente, é mais pretensão de uma esquerda néo-comunista, muito pequena lá, do que a ambição da massa.

Esse projeto que os grupos de oposição tinham, no início do processo foi ingênuo, porque se apoiava na noção de que fosse possível, digamos, juntar o bem-estar do ocidente com a segurança social e de emprego do oriente. Acho, realmente, que foi um sonho, uma coisa impossível e o próprio processo já está comprovando que as coisas não vão por aí, porque, na realidade, as economias do bloco todo estão à beira da falência, se já não estão falidas. O sistema de planejamento central fracassou. Está com um endividamento interno e externo brutal. Perdeu a competitividade internacional nos últimos anos, já que o leque tecnológico abriu-se brutalmente e eles não são nada competitivos fora do setor militar. Não têm, ademais, um sistema de preços que dê para medir o valor real dos produtos do mercado. Ou seja, os preços são preços políticos e ninguém sabe quanto custa um produto na verdade. Além disso, os regimes do Leste produziram desastres ecológicos que, realmente, não têm comparação com os do mundo capitalista. Com isso, não quero dizer que o capitalismo trate a natureza de forma melhor, não tem nada a ver com isso, mas nos países capitalistas em que dominam as democracias burguesas, houve movimentos de partidos suficientemente fortes para impôr ao capitalismo o devido cui-



dado, o devido respeito para com a natureza. O que podia ser muito melhor, mas que, pelos menos, tem um controle público. Porque há exemplos, claramente, nos países em desenvolvimento, nos quais o capitalismo trata da natureza tão mal como o socialismo real, na União Soviética.

Dados mais verdadeiros foram publicados, pela primeira vez, por ocasião do desastre de Chernobyl. Na União Soviética, os dados oficiais revelaram 81 pessoas mortas. Na verdade, já se calcula que mais de um milhão de pessoas vai morrer por causa desse acidente. E o governo tem um comportamento totalmente irresponsável com quem vive, ainda, nas áreas contaminadas, pois essas pessoas deviam ser deslocadas de lá, deviam ser tratadas e o governo nada faz.

Então, considerando que as economias estão debilitadas e à beira da falência, constatamos um outro fator, sem precedentes em termos históricos: a estrutura, a estratificação social que existe nesses países e a que vai existir no futuro. O que quer dizer o seguinte: hoje em dia, na Alemanha Oriental, você tem um leque salarial de 1 a 3. Ou seja, quem ganha mais, ganha 3 vezes mais do que quem ganha o mínimo. O salário mínimo, nos países capitalistas, nós sabemos, tem um leque muito maior. Na Alemanha Ocidental, é de 1 a 30. Agora, o problema que eles passam lá, é que eles partem de certa igualdade social, de uma estratificação social que não é muito diferenciada, para uma estratificação social mais diferenciada. O que significa que eles vão criar novas classes sociais. Daqui a pouco, vai haver um leque salarial de 1 a 5, de 1 a 8, de 1 a 30, não sei de 1 a quanto. O que significa que vão se criar novas classes sociais, com todo o apoio da população, que as deseja explicitamente. Porque um médico não quer ganhar, depois de tanto tempo de

estudo, tanto quanto um operário qualificado. Ele quer ganhar mais. E aí, há sim, um processo sem precedentes, porque a tentativa do socialismo era, exatamente, a de reduzir o leque salarial, criar um regime mais igualitário, acabar com as classes sociais. E, agora, se tem um movimento em que o que se pretende é exatamente o contrário. E o povo leva isso para a frente. Esses fatores todos permitem concluir, queiramos ou não, que o que vemos lá é muito mais uma volta ao capitalismo, do que uma reforma do socialismo. E acho que nós, inclusive as esquerdas no ocidente, têm que encarar os fatos sem ilusões. Têm que ver o que acontece. A tendência é a volta ao capitalismo e a um capitalismo extremamente brutal, um capitalismo selvagem, um capitalismo nada civilizado. E vamos poder observar, mais tarde, não sei quanto isso vai durar, 5, 15 ou 20 anos — que aquele capitalismo vai tentar encontrar o seu lugar, já que as forças populares começam a se organizar em volta disso e começam a defender também, obviamente, em um processo desses, os interesses de classe.

Agora, essas populações que levam as reivindicações da volta ao capitalismo às ruas não têm claro qual vai ser o preço que vão pagar, porque partem, digamos, de uma noção meio ingênua, que vê, em primeiro lugar, a possibilidade de consumo dos países capitalistas, mas não enxerga o lado negativo da questão. E aí, vamos, já, entrar — e alguns países já entraram, especificamente a Polônia e a Alemanha Oriental está entrando — num processo em que vai haver investimentos externos nesses países. Investimentos externos em que as multinacionais, que vão penetrar lá, vão dar as cartas. O problema dos governos dos países que necessitam dos investimentos externos é que eles não têm espaço de manobra para a negociação. Vai

haver aumento de preços de bens essenciais, um aumento brutal; vai haver inflação que eles não conhecem; vai haver escassez de abastecimento; vão existir setores industriais extintos, de forma ultra brutal, sem muita participação da população; vai haver desemprego em massa; vai haver novos ricos e aproveitadores da crise... Todos esses aspectos negativos só começam a pintar aos poucos, agora, nesses países e as populações não estão preparados e não têm claro o que está vindo por aí. Como administrar o conflito que está vindo aí? Ninguém sabe nesse momento. Os governos que chegam ao poder pelo voto popular são totalmente inexperientes no que se refere à administração política; as velhas elites estão marginalizadas, expulsas, ou, pelo menos, não dispõem mais do poder. Tem-se, pois, um processo muito indefinido e será, ainda, um processo de muita movimentação social.

O resultado, eu não arriscaria nenhuma especulação sobre ele. Há um aspecto nesse processo todo e que gostaria de salientar, encerrando esse ponto três, sobre a economia. As massas são sempre materialistas. Elas eram materialistas em 1917, porque naquele inadmissível regime autoritário do Czar, no Czarismo, a massa vivia na miséria. O projeto socialista e comunista dos bolcheviques tinha também a promessa de melhorar as condições materiais. A revolução que ora está acontecendo, também, nesse sentido é materialista. Por que, por exemplo, na primeira eleição livre da Alemanha Oriental o povo votou, em massa, nas forças mais conservadoras? Não necessariamente porque fizeram uma opção político-ideológica, mas porque achavam que essas forças conservadoras, que são as que governam a rica Alemanha Ocidental, essas forças é que poderiam levar o nosso Marco para lá, a fim de se viabilizar a economia



deles. É isso o que eles querem e, por isso, foi um voto claramente materialista. O próprio processo de eleição na Nicarágua tem um elemento semelhante. Eu não diria que o voto em Chamorro foi, explicitamente, materialista, mas há, com clareza, esse aspecto de que as massas sabiam que Chamorro ia trazer o dólar e investimentos. É óbvio que este não foi o único fator de sua vitória, mas foi um fator forte. E, aí, acho, também, que as esquerdas têm que encarar isso sem ilusões. Inclusive, acho que essas tais massas têm o direito de ser materialistas. Elas sempre foram assim e têm que ser trabalhadas pela esquerda ocidental de uma outra forma, diferente daquela como foram trabalhadas ativamente, quando havia muito mito do obreirismo nesse tipo de coisa.

Partamos, agora, para os agentes do processo, quem faz lá a mudança? E entremos no quarto ponto: o papel dos partidos, dos sindicatos, daqueles que são os agentes das modificações.

Em primeiro lugar, fica muito claro que os PCs e os sindicatos, nesses países, não são a vanguarda, mas, a retaguarda perdida do processo. E que, inclusive, eles não têm mais ligação com as massas. O único PC que tenta administrar o processo é o PC na União Soviética, devido aos fatores que já mencionei. Acho, principalmente, que isto tem muito a ver com o próprio fato de ter havido revolução na União Soviética e não instalação externa. Agora, em todos os outros países, os PCs perderam influência, perderam poder e a revolução foi feita contra as organizações que se dizem de massas e que se dizem vanguarda das massas.

No campo sindical, pior ainda, porque as forças mais retrógradas, nesse processo todo, eram os sindicatos oficiais desses países. Há lideranças sindicais do mais alto nível da velha guarda de lá

que estão na cadeia. Há muita corrupção que foi detectada e comprovada. E o processo que se dá dentro do operariado é um processo que não é nada melhorado pelas organizações oficiais. Nós temos um processo espontâneo, muitas vezes, de formação de comissões de greve, de intercomissões entre essas forças; de criação de sindicatos paralelos em alguns países. A Polônia é o exemplo mais conhecido. Temos lá uma estrutura sindical paralela: o sindicalismo oficial continua existindo e há o Solidarnosc que não é tão sindical, talvez, mas que começou como sindicato e, agora, vive uma crise de definição, digamos, porque vai ter que optar entre ser partido ou sindicato. Mas, na maioria dos outros países, o que se tem é claramente isso: os partidos comunistas e os sindicatos oficiais, realmente como a retaguarda, como as forças que mais estavam contra as tentativas de reformas.

No campo sindical, existem algumas coisas concretas, que indicam a crise profunda do sindicalismo oficial. A FSM — Federação Sindical Mundial dos Países Socialistas tinha planejado um Congresso para o final de 1990 (deste ano), cancelaram-no, sem data, porque acharam que a coisa ia estourar, não havia condições. Ou eles esperavam a sua auto-dissolução, ou, pelo menos, uma enorme desavença, um desentendimento ímpar entre as organizações novas (que começaram a existir) e as velhas (que defendem, digamos, o poder burocrático que têm). Nesse campo sindical, a FSM tem um problema grande, que é o próprio sindicalismo da União Soviética, porque, na União Soviética, até agora, não houve mudança nenhuma. A velha pelegrina lá está, no poder, e o próprio Gorbachev não está muito contente com isso. Ele critica, na platéia internacional, os próprios sindicatos. Um problema que

eles enfrentam é o seguinte: já há, na União Soviética, uma série de greves, que, por enquanto, são locais e regionais. No ano passado, quando houve a grande greve dos mineiros, o governo federal e o próprio Partido tinham muito medo de que estourasse uma greve geral, mas ela não saiu, o que é sinal de que ainda não se tem estrutura para se organizar isso. Já na região da Ucrânia, onde existiu movimento semelhante, houve tentativas de coordenação. Havia, ainda, comissões que organizavam o processo que saiu de uma luta meramente sindical e passou a reivindicações políticas. O que significa que o campo sindical, também na União Soviética, está em processo de transformação.

É importante destacar, contudo, que o processo passa por fora da estrutura oficial, nasce em organizações de base, ou por criação de sindicatos livres. Agora, no campo sindical, também fica clara uma coisa: com a imposição do aspecto de mercado na economia, ou, inclusive, com a introdução de economias de mercado, os desafios para o sindicato de lá vão ser os mesmos que os dos nossos sindicatos, porque eles vão ter que enfrentar o capital, através da greve, que era proibida até agora; eles vão ter que negociar salários ou, pelo menos, lutar pelos salários; eles vão ter que lutar pelas condições de trabalho, pelo meio-ambiente. Então, no campo sindical, prevejo uma tendência clara de reunificação em uma única central mundial, porque os problemas concretos dos sindicatos, nesses países, vão se aproximar muito dos problemas concretos que têm os sindicatos no mundo capitalista.

Para finalizar esse ponto, acho muito importante que a gente tenha claro que a participação dos trabalhadores no processo revolucionário não foi da classe trabalhadora, mas do trabalha-



dor como cidadão. O que significa e, aí um exemplo é o da Alemanha Oriental, o seguinte: nas fábricas, não houve movimento, mas as operárias e os operários, depois do expediente, saíram às ruas, para participar das manifestações de massa. Os operários participaram, a classe trabalhadora participou, mas muito mais como cidadão, em favor de uma democratização da sociedade, do que como classe que reivindicava interesses classistas. Existe uma exceção interessante, a Tchecoslováquia. Ali, vimos uma greve geral, em fins do ano passado, em que a classe trabalhadora, como classe, era protagonista da luta e essa greve geral, na Tchecoslováquia, foi peça-chave na tentativa de derrubar o regime. Então, houve intervenção classista, no sentido mais clássico. Mas, em geral, a intervenção do, digamos, atual sujeito da mudança é o trabalhador como cidadão e não, como operário, numa perspectiva de classe.

Agora, os movimentos diversos que iniciaram o processo não tinham a forma de partidos, o que significa, também, um descrédito grande em relação à forma organizativa partidária. Os movimentos chamavam-se de formas variadas de plataforma, de grupo 47, de grupo não sei das quantas, de frente. Então, eram conjuntos interclassistas, muitas vezes, inclusive, com o peso forte de intelectuais de esquerda, mas eram movimentos muitos diversos, não partidos. Acontece que, nesse processo forçado que nós estamos vivendo agora, esses movimentos estão sendo cada vez mais marginalizados. Eles não conseguem tirar proveito do processo que eles próprios iniciaram, pois os partidos clássicos, que estão sendo implantados lá, dão a volta por cima e marginalizam esses movimentos que abriram o processo da mudança. Na Alemanha Oriental, também, por exemplo, havia dois ou três gru-

pos de oposição no final do regime que se arriscavam, realmente. Seus integrantes se arriscavam. Era uma situação de trabalho na clandestinidade, de repressão e de ameaça de expulsão, de se acabar na cadeia... Esses grupos todos, hoje, não têm mais nenhuma influência no processo político. Enquanto os partidos clássicos, com forte apoio da Alemanha Ocidental, deram a volta por cima e implantam, lá, um regime de domínio conservador. E, no processo de reunificação, acho que esses grupos, que tinham projetos interessantes, não vão ter muita influência. Mas, em geral, há de se constatar que os movimentos eram uma espécie de movimento de libertação política, só que não conseguiram transferir o impacto que causavam, sua força inicial para o presente.

Passaremos para o penúltimo ponto: as repercussões geo-estratégicas. Com as mudanças havidas no Leste Europeu, o centro geo-estratégico, na Europa, vai se deslocar, de Londres para Bruxelas, mais para o Leste, um pouco mais para Paris e, especificamente, para Berlim. Isso é fato que já se comprovava na política dos EUA, é fato de que muitos países europeus não gostam, porque os países europeus têm bastante medo da reunificação alemã. Com todo o direito, obviamente. Pela trajetória histórica, têm todo o direito. Mas o fato é que o centro geo-estratégico vai se deslocar mais para o Leste.

O interessante, aí, é como Gorbachev está promovendo esse processo. Ele quer isso. Ele quer isso por quê? Porque ele alimentou muito o movimento nos antigos países satélites e, realmente, quis que o processo, nesses países do bloco, fossem processos de mudanças. Não se sabe se ele queria mudanças tão radicais, mas por que ele apoiou esse processo? Porque vive uma situação extremamente difícil, interna-

mente. A Perestroika avança apenas no campo político, não no campo econômico. O que significa que existem grandes camadas sociais da população, na União Soviética, que não estão satisfeitas com a política da Perestroika. Gorbachev é uma figura muito mais controversa na União Soviética do que no resto do mundo. E enfrenta uma direita interna, bem brava e bem armada, além do processo de mudanças radicais e rápidas no Leste Europeu. Por isso, ele possibilita aos países fora da União Soviética criar fatos, fatos consumados, enquanto deixa claro para a direita interna que não haverá volta, não haverá como retornar ao estado anterior. Pelo menos, nos outros países, ou seja, na Alemanha Oriental, na Polônia e na Tchecoslováquia, a retomada do regime anterior significaria guerra civil ou, quem sabe, outra guerra, mais ampla ainda.

Gorbachev estava aproveitando e alimentando esse processo em função de uma necessidade de contrabalançar as forças da direita, situadas, basicamente, numa determinada ala do partido e no setor militar da União Soviética. Nesse processo, Gorbachev aposta na reunificação alemã. Aposta, porque quer, depois, digamos, viabilizar a economia soviética, através da força do capitalismo alemão. Quer e reforça essas tendências em favor da reunificação alemã, mas sob uma condição: exercer sua influência na condução do processo. Por isso, agora, por exemplo, as propostas da União Soviética nos primeiros encontros: os aliados ficam com os dois estados alemães e a União Soviética tenta neutralizar militarmente a nova Alemanha reunificada, a fim de que tenha garantias de segurança. E, aí, a tendência é reunificação, sim, para aproveitar o peso do capitalismo alemão, mas trata-se de reunificação controlada, de alguma forma, pelos aliados e,



especificamente, trata-se de um processo de reunificação, respeitados os interesses de segurança da União Soviética, que já sofreu duas guerras iniciadas pelos alemães. Tem-se, então, uma posição bastante contraditória, mas acho que é por aí.

Agora, a direita da Alemanha, que ganhou as eleições na Alemanha Oriental, não vê os fatos dessa forma, donde a grande pergunta seria se Gorbachev vai conseguir seu objetivo de exercer influência sobre a reunificação alemã. Penso que ele não vai conseguir, porque vejo isso negativamente, e a direita alemã vai dar a volta por cima. Vai realizar um processo extremamente rápido de reunificação e vai insistir na permanência da Alemanha reunificada na OTAN. O que a União Soviética não quer. Creio que o processo de reunificação alemã é algo extremamente delicado no quadro europeu. E penso que é muito importante que não somente a União Soviética tente influenciar e controlar ao máximo o espaço de manobra de um futuro governo de uma Alemanha reunificada, como acredito importante que os outros países europeus ocidentais, a CEE, têm que tentar procurar um esquema no qual a nova Alemanha reunificada — que vai ser uma superpotência econômica, em todo o caso — precisa ser controlada politicamente, através de uma postura ao nível europeu. E a posição da direita na Alemanha e da direita nos outros países europeus, não fica tão clara. A direita da Alemanha quer muito mais espaço de manobra do que, na minha opinião, deveria ter.

Para finalizar, tudo isso significa o fim do socialismo? Acho que não. Não é o fim do socialismo, por várias razões. Em pri-

meiro lugar, lá não havia socialismo, porque não existia democracia. Acho, inclusive, paradoxal que, hoje em dia, na linguagem cotidiana, algumas pessoas necessitem falar de um socialismo democrático. Do projeto inicial, sempre a democracia era parte inerente, aparecia como aspecto central de qualquer idéia socialista. Só que o problema nosso, hoje, é que Stalin acabou, até mesmo, com a nossa linguagem. Determinados conceitos foram, lá, tão destruídos, que não se pode mais utilizá-los porque eles criam estranhamento, conotações negativas e não sei o que mais.

Mas, ao nível, digamos, da capacidade de resolver problemas que são fundamentais para o mundo, hoje, é óbvio que não se trata do fim do socialismo. O capitalismo também não fornece nenhuma resolução para os problemas centrais que estamos enfrentando. O capitalismo, especialmente em países como os aqui da América Latina, não consegue, de forma nenhuma, contribuir para uma sociedade humana: discrimina, mata literalmente, através das condições de vida, das condições de trabalho. E o capitalismo, em nível mundial, não enfrenta, de forma adequada, os problemas que, hoje, são problemas mundiais. Por exemplo, a questão da ecologia é algo que precisa de um enfrentamento em nível internacional, inclusive de um novo internacionalismo.

Trata-se, não da morte do socialismo, e nem da morte do internacionalismo. Antes, ao contrário. A queda dos regimes de lá vai dirigir o pensamento das esquerdas ocidentais, vai libertá-las de uma doutrina pesada, de uma trajetória dogmática que não tinha mais cabimento. Penso, por outro lado, que temos que

ver muito bem o que lá fracassou mesmo e ver também se há algumas coisas que deram certo. As esquerdas do ocidente vão ter que abrir espaço para discussões realmente profundas e vão precisar ter coragem para encarar o fracasso total dessa tentativa de implantação de um regime socialista. Portanto, acredito que é muito mais urgente para o futuro vermos como se fará a passagem para um novo internacionalismo e como concretizar, com respostas, as questões centrais que se colocam e que são, basicamente, a questão social nos países ainda não desenvolvidos, a questão ecológica em nível mundial e a questão tecnológica. Esta última no seguinte sentido: a humanidade, hoje, consegue produzir tecnologias destrutivas, o que significa uma diferença qualitativa em relação a 50 ou 100 anos atrás. A humanidade consegue se auto-destruir hoje. Não era esse o caso no século passado, nem em 1918. Vai se precisar sim é de instrumentos democráticos de controle dessas potências tecnológicas, no campo da energia nuclear, no campo da biotecnologia, da genética... E, aí, vejo que, realmente, se terá a resposta a essas questões mundiais mais centrais e se chegará à definição do novo projeto socialista de que vamos precisar, porque o capitalismo não vai ser capaz de resolver problemas tão profundos.

O Professor Uwe Optenhögel trabalha no ILADES — Instituto Latino Americano de Desenvolvimento Econômico e Social — com sede na Alemanha Ocidental e, agora também em São Paulo.

*Plural*. Florianópolis, n.1, p.21/27, jul./dez., 1991.



# FIM DO SOCIALISMO OU CRISE DO ESTADO BUROCRÁTICO?

MAURÍCIO TRAGTEMBERG

Desculpem a pressa em fazer a apresentação, mas meus pais e avós são do Leste Europeu. Então, esse é um problema que eu vivi e ainda vivo, de certa maneira, no cotidiano. Isso, para mim, não é algo excepcional ou de sensação, porque está na moda ou coisa assim. Meus avós vieram da colonização judaica da Romênia, aliás, uma região da Besarábia que uma hora pertencia à Rússia e outra, à Romênia. Então, os problemas dos, na época, chamados Balcãs eram discutidos no cotidiano da casa e eu conhecia. E tinha como centro de preocupação o seguinte: por que sociedades agrárias, até a 1ª Guerra Mundial eram fascistas?

O Fascismo teve um grande teórico romeno chamado Mancolesco. Ele tem duas obras importantes. Uma sobre o corporativismo, e outra, uma obra clássica, que se chama *O Partido Único* em que ele desenvolve uma tese de que o partido é a vanguarda da Nação. É interessante que muito antes de Lênin, ele aplica o conceito vanguarda. Mas não é sobre isso que eu vou falar. O que eu quero dizer sobre o assunto é que já faz mais de 20 anos que a gente o vive.

A grosso modo, o que eu vou falar tem dados em duas obras que acho importantes para entender isso e aprofundar. E também para não ficar dependente do que eu falo. Uma obra é de Marcel Rach, *A crise do país do leste*, editada por uma editora marxista francesa. Outra obra é *A história das democracias populares*, de um socialista húngaro,

Ferjo, radicado na França, em dois volumes, editora Du Seuil.

O Leste não é problema só do leste europeu. Vocês vêem que as reformas do Leste são precedidas pelas reformas da União Soviética. Antes de Gorbachev a coisa não estava assim clara. O que é o Leste Europeu? É a criação do Tratado de Yalta, em que o mundo foi dividido em esfera de influência americana e esfera de influência russa. E, em troca dos partidos comunistas do ocidente apoiarem os governos burgueses e os PCs da França e da Itália não tomarem o poder na França e Itália, Roosevelt concedeu que a União Soviética assegurasse o Leste sob sua esfera de influência.

Dentro dessa mesma divisão do mundo depois da IIª Guerra, na conferência de Yalta, é que surge a questão do Leste. Mas é claro, que a maneira como se organiza a economia no Leste, o sistema político e as formas de controle social, têm uma matriz fundamentalmente calcada no processo de burocratização da revolução Russa de 17. A matriz está lá, fundamentalmente. Então, nós temos que ter uma noção muito clara do que foi o processo da Revolução Russa, que Gorbachev de certa maneira, é um dos resultados. Desconhecida a matriz russa, a questão Leste fica empobrecida. Eu acho que as duas coisas, de certa maneira, fazem parte de uma questão só: que possibilidade de sobrevivência e expansão, na época do mercado mundial capitalista, tem uma economia burocrática para se realizar? Isso é um problema central. Ou poderia falar de outra maneira. Como dizia o velho Marx (tão falado e tão pouco lido, geralmente tão odiado e tão pouco lido), hoje o mercado mundial é a forma moderna de destino. Então, ante o mercado mundial como forma moderna de destino é possível você ser um regime sócio-econômico de eco-

nomia burocrática que não sofra a influência do capitalismo mundial e da divisão mundial do trabalho? Eu acho que essa é a problemática central, tanto do Leste, como da União Soviética, em relação ao sistema capitalista, encarado como isso que se chama, eufemisticamente, internacionalização da economia.

Agora, eu devo dizer uma outra coisa também. Que toda essa festividade em torno de que o muro de Berlim caiu, de que democracia para lá e para cá no Leste e na União Soviética... é necessário ver isso com mais rigor. Por que? *A crítica à burocratização da revolução* e à criação de uma economia burocrática e da ditadura do partido único, *partiu, primeiro, da esquerda, muito antes da direita*. Isso quer dizer o seguinte: o velho Trotski dizia que em matéria de política, a ignorância é má conselheira. Eu queria dizer é que enquanto ocorria a revolução em 18 e tomava o poder, em Moscou, Trotski e o partido bolchevista, estava havendo uma grande revolução autogestionária na Ucrânia, montando uma economia fundada na auto gestão social e na mais ampla liberdade política. Em plena guerra civil, se estruturava a primeira grande crítica à economia burocrática, à ditadura de partido único e ideologia única.

Quando, naquela época, Hitler estava engatinhando e tomava mamadeira e o Mussolini ainda comia macarronada, em vez de mamadeira, o fascismo e o nazismo estavam em cueiros, já no processo da própria Revolução Russa, *a esquerda da linha anarquista ou linha socialista libertária, já fazia a grande crítica ao processo de burocratização da economia, do Estado, da ditadura do partido único e mostrava as implicações que deram no que deu agora*. Portanto, eu queria dizer que, no caso, é importante fazer a revisão histórica, para não abrir porta aberta, que é a coisa mais



triste. Primeiro porque o sujeito fala e não sabe que não sabe. E a segunda coisa, é que ele dá a maior ênfase do mundo, citando bibliografia estrangeira que, às vezes, ninguém encontra e o cara abre porta aberta. Ele está falando sobre o óbvio com ar triunfante. Isso se chama chutação. Então, eu procurei organizar a temática, porque o Leste Europeu pode ter como substituto Deus e o mundo. Caberia bem na palestra, porque é uma problemática tão complexa; econômica, política, social, em que inclusive problemas étnicos têm peso.

Um dos problemas que me preocupa seriamente é o de que o Partido Comunista do Leste e da União Soviética reprimiu violentamente a esquerda não-comunista. A esquerda socialista, anarquista, sindicalista. E esse pessoal foi reprimido, foi fazer carreira de pinguim na Sibéria, e agora, o PC colhe o que plantou. Qual é a colheita: *o maior fascismo que aparece à tona no Leste hoje, o anti-semitismo*. Não é só o fenômeno francês. Na Polônia, mesmo o "Solidariedade", que a gente sempre apoiou, tem uma ala anti-semita. O anti-semitismo faz parte da cultura política polonesa. E você tem, hoje, um partido anti-semita no Leste e na União Soviética. O próprio Gorbachev escolheu um racista e anti-semita como um dos assessores.

Uma das questões fundamentais que precisa ser pensada, não é ficar babando essa festividade neo-liberal de que o comunismo acabou, que temos liberdade e tal.

O que está havendo é o seguinte: *depois de 70 anos de repressão da esquerda independente da União Soviética e do Leste Europeu, quando há uma abertura, o que sobe à tona é o fascismo*. É o que está subindo à tona: correntes fascistas poderosas. Vocês vêem a Romênia, que é um país que na 2ª Guerra Mundial era

aliado de Hitler. A Letônia, a Romênia, Estônia, têm muito disso. Muitos deles foram lutar com a Alemanha nazista, contra a União Soviética. Então, vejam só. Romênia, um país tradicionalmente agrícola, a maioria da população rural, durante 20-30 anos conheceu o regime fascista. Bom, ninguém está livre, nem o Brasil está livre de conhecer de novo isso. E esse regime tinha um ditador chamado Antonescu que criou a "guarda de ferro". Agora, o pior não é isso. Essa "guarda de ferro" era uma sociedade secreta. Bom, o fato é que eles lutavam com Hitler e a Romênia foi aliada de Hitler na 2ª Guerra Mundial. Perdeu e a "Guarda de Ferro" foi para os EUA. Agora, estão voltando todos para a Romênia, com a mesma cabeça totalitária fascista de antes.

Então a gente começa a pensar e lembra de Machado de Assis, onde, num conto, um personagem se pergunta: — Meu Deus, quem que mudou, você ou a vida? Quanto à "Guarda de Ferro", ela não mudou. E volta, agora, para a Romênia. Essa grande unificação de fascismos, que se julgava desaparecida com a 2ª guerra reaparece, agora, aproveitando uma abertura política.

Na União Soviética há "Pramiat", um partido eslavótilo e fascista. A União Soviética é uma república, é uma federação em que a maioria da população está muito ligada a tradições mulçumanas. Há muito xiita na União Soviética... O russo é minoria na União Soviética. Então lá, há um problema sério e há esse partido Russo combatendo quem não é russo, não é soviético, logo, altamente racista e fascista no sentido em que vê pessoas e grupos inferiores e superiores, normalmente os outros.

Isso é para vocês verem que não dá para acompanhar o que ocorre na União Soviética e no Leste Europeu pela grande imprensa brasileira ou pela TV. É

impossível. Só se você quiser saber o que não ocorre lá, aí tudo bem. Ou então pela Globo. Pela Globo então, é impossível.

Eu fiz aí um esquema que estou até admirado por ter conseguido fazer: um esquema expositivo. Lembra um pouco a aula, assim como professor, conferencista sem esquema não vive.

Primeiro, eu parti da idéia seguinte: que a crise do Leste está profundamente ligada à União Soviética e ao processo da Revolução Russa. Por que? O processo da Revolução Russa criou um tipo de sistema econômico, social e político que foi reproduzido no Leste, exceção da Iugoslávia. E não é por acaso que a Iugoslávia foi o primeiro país que cindiu com a União Soviética na briga Tito e Stalin. E um outro país que não é do Leste, mas onde a União Soviética não teve peso nas mudanças foi a China. E a China foi o segundo país a entrar em conflito com a União Soviética. Não é por acaso. Agora, o resto do Leste Europeu deve muito ao PC, ao Exército Vermelho. A libertação deles, do nazismo. Daí se sabe porque que a independência é maior do modelo original do conjunto do Leste Europeu, excluindo a Iugoslávia.

Bom, feita a introdução, primeiro a Revolução Russa.

A Revolução Russa vai se dar num país, de *maioria rural*. Marx previa que a revolução socialista se desse primeiro num país com maioria industrial operária e se desse, portanto, nos centros mais desenvolvidos. Mas isso não ocorreu. Aí há uma certa explicação também, porque a industrialização criou uma certa aristocracia operária nesses países. Quer dizer, o operário é mais patronal do que o patrão. Isso acontece nas melhores famílias. Houve diferenciação na classe operária, emergindo um grupo de privilegiados, criando um grande amortecedor da luta de classes. Quem sabe isso leve a que nos



países mais industrializados os PCs sejam quase inexistentes com exceção de Itália e França. Mas nos EUA, o PC americano, o PC inglês, quando eram de massa dava para encher uma kombi. Aí, vinha uma dissidência e rachava. Qual é a esquerda que não racharia? Então, rachava e a direita levava. É o que ocorre sempre. É normal. Mas aí, cabia em dois fuscas e dizia o seguinte: "Não, o partido não é um partido de massa é um partido de quadros".

Bom, a Revolução Russa, num país de maioria agrária, onde você tem o operariado concentrado em duas ou três cidades. E você tem uma intelectualidade com grande crise de consciência, desde o início do século, porque a Rússia sofria o processo de industrialização com capitais alemães e franceses. Isso me lembra uma figura interessante que é um conde russo de origem alemã, o conde White que teve um papel tremendo na industrialização na fase anterior à revolução e até é uma coisa interessante. Ele é o criador da primeira Escola Técnica da Rússia, em Moscou. Lá havia um diretor de origem italo-alemã que foi o criador do método que depois se chamou Taylor e era ensinado aí. Os americanos visitaram a Rússia antes do início do século, essa escola, chamada "Escola Técnica Imperial de Moscou", onde eles aprenderam técnicas de produção, de controle de trabalho, de divisão de trabalho, que levaram para os Estados Unidos. Aí Taylor, como aluno, depois codificou aquilo como um princípio. Depois, Lênin, em 17, adota o chamado taylorismo. Quer dizer, Lênin estava adotando algo que surgiu antes da revolução, que os norte-americanos levaram para os Estados Unidos e onde Taylor, como aluno, estudou e codificou isso, chamando de Administração Científica do Trabalho.

Então, o que ocorre? Ocorre que há um processo da revolução e aí se vão definir que caminhos a Rússia tomaria. Por exemplo, há um partido chamado Partido Socialista Revolucionário, cujo programa é muito atual. Gorbachev está realizando o programa do Partido Socialista Revolucionário Russo, que foi tão combatido por Lênin, como sendo de pequenos burgueses. Mas, era um partido que tinha uma maioria camponesa e que quando Lênin convocou a Assembléia Constituinte — a única que houve na Rússia — teve maioria. Por isso, foi fechada, depois pelo próprio PC. O Partido Socialista Revolucionário, de maioria camponesa, estava preocupado com o problema agrário e, também, em restaurar a comuna primitiva; a propriedade comunal primitiva russa.

Marx, na sua correspondência com os socialistas russos na sua época via a possibilidade da Rússia chegar ao Socialismo, via essa comuna rural *sem* passar pelo capitalismo. Ele via como uma possibilidade razoável. Essa era uma linha. Havia *outra* linha que dizia o seguinte: a Revolução Russa é uma revolução de burgueses, mas a burguesia, na Rússia, é fraca. Por isso, os trabalhadores do campo e da cidade devem impulsionar adiante a revolução. Mas, se o partido tomar o poder, ele vai continuar o processo da própria revolução burguesa, com outro nome. Entendiam eles, os bolcheviques, por revolução burguesa, industrialização. E, paralelamente à tomada do poder por Lênin, em 1917, você tem uma coisa decisiva: a convocação da Constituinte. Aí, o Lênin resolve fechar a Constituinte. Rosa de Luxemburgo escreve um livro — "A Revolução Russa".

Rosa de Luxemburgo foi dirigente da Revolução Socialista Alemã, em 1918. (Houve um filme alemão sobre ela que passou aqui no Brasil). Ela, neste texto

"Revolução Russa", coloca questões as mais atuais possíveis de crítica à burocracia e, também, disse a Lênin: você fecha a Constituinte, porque diz que ela não representava a relação de forças novas, onde o PC era minoria? Aí, Rosa dizia: Então convoque uma outra que represente a maioria. Se o PC é maioria, aquela Constituinte não representava o povo, muito bem, fecha, mas convoca uma outra que represente. Lênin nunca a convocou, morreu sem convocá-la.

Mas, a Rosa de Luxemburgo situava o seguinte: um dos problemas centrais da esquerda é: como é que você pode ter liberdade num partido se você *não* tem liberdade na sociedade? Você quer manter a ditadura de um partido único em nome de uma classe, tudo bem. Mas você quer manter a liberdade interna do partido? Com que roupa? Impossível. Por que? Porque o partido é influenciado pela sociedade. Se eu tenho uma ditadura aqui no Brasil, nós não vamos ter universidade livre jamais, porque a universidade vai copiar o esquema do Estado, da sociedade global. Nós já tivemos ditadura militar em épocas em que você tinha o "falso" professor e o "falso" estudante. Isso era muito comum. Então, você não pode ter uma parte livre se não se tem liberdade como um todo, de expressão, de organização?... É isso que a Rosa perguntava a Lênin. Fechando a Constituinte você vai criar um cemitério de vivos, dizia ela. Quer dizer, a vida pública vai morrer e o burocrata vai ser o único elemento ativo na vida pública. Porque o burocrata é que nem traça, sobrevive a tudo.

Dizia-se que o governo passa e a polícia fica. Isso é bem da época da burocracia. A burocracia sobrevive a tudo, à esquerda, à direita, ao centro, ao diabo. Ela tem uma grande capacidade de auto-perpetuação. Agora, é claro que se a vida pública morre, o



único elemento ativo é a burocracia.

Um outro problema é que *liberdade é para aquele que pensa diferente de você*. Eu posso falar que respeito a liberdade só com quem concorda comigo. Você é livre para concordar comigo. Ora, Rosa dizia: liberdade é para quem pensa de modo diferente. Eu não posso dar a liberdade para quem concorda comigo.

Rosa de Luxemburgo é uma autora que precisa ser lida. É uma das mulheres incríveis que tem um marxismo com muita criatividade, diferentemente do que ocorreu depois da Revolução Russa, em que o Marxismo ficou sendo uma teologia secularizada. Só se lia manuais. E a Rosa descarta isso. É uma pensadora independente. A Rosa coloca na "Revolução Russa" um outro tipo de questão: primeiro, que se você acaba com a liberdade política da sociedade, você acaba com a liberdade política de um partido, mesmo que ele esteja dominando. Segundo: tem corrupção? Já há tempo se fala na corrupção. Vejam bem que não é novo o problema. Sim, mas a melhor forma de combater a corrupção é a vida pública controlá-la. É ter controle público sobre as instituições. *Toda instituição sobre a qual não há controle público, degenera inevitavelmente, inexoravelmente*. A melhor maneira de você combater a corrupção é o controle público sobre as instituições. Uma das maneiras seria os interessados participarem das decisões nas instituições. Mas isso é entrar no campo da futurologia.

Quando a revolução se desencadeia e a Constituinte é fechada, aí vem a guerra civil e a intervenção estrangeira na União Soviética: tcheca, russa, alemã, então, *as desgraças são transformadas em virtude*. Isso quer dizer: *em função da invasão estrangeira* Lênin escrevia antes de 17 *O Estado e a Revolução* onde ele pregava a au-

to-gestão, falava da Coluna de Paris como o melhor exemplo de auto gestão social — *ele foi obrigado a deixar a revolução e ficar com o Estado*. O seu livro *O Estado e a Revolução* deve ser lido, depois de 17, *O Estado*. Por quê? Para fazer frente à invasão estrangeira ou o diabo que a acompanhe, tinha que militarizar a economia. E aí veio o regime chamado de "Comunismo de Guerra" em que a economia estava toda na mão do Estado, o trabalho militarizado. O operário que fizesse greve estava sujeito a fuzilamento, coisa de guerra civil. Nas empresas em que os trabalhadores queriam gerir, no próprio processo de revolução, eles foram deslocados dessas empresas; e era nomeado um diretor de cima para baixo, pelo Estado e pelo Partido, como responsável da empresa, como autoridade máxima. *E é aí que Lênin vai reintroduzir o Taylorismo na União Soviética*. Ele diz que é preciso conciliar o espírito revolucionário russo e o programa americano. É a época em que Maiakoviski, um grande poeta, foi obrigado a se suicidar. É a época dos suicídios dos poetas, da repressão. Outros se suicidaram logo depois. Mas Maiakoviski tem um poema que se chama "A Grande Chicago" em que ele opõe ao espírito conservador do mujique (que é o "caipira" russo, o italiano cafoni) o espírito prático, dinâmico, industrialista e mecânico norte americano. Agora, esse comunismo de guerra vai durar enquanto durar a guerra civil. Na guerra civil, morre a grande maioria dos trabalhadores que fizeram a revolução. Vai ocorrer o seguinte: forma-se uma grande migração do campo para a cidade, forma-se uma nova classe operária, que *não* tinha feito a revolução, mas que já encontrou um terreno adubado. *E essa nova classe operária, de origem rural, despolitizada, é que vai ser a grande base de apoio da burocracia e*

*de Stálin, na luta contra a "esquerda", no PC e fora dele*. Enquanto há economia de Estado, fábrica militarizada, o chamado comunismo de guerra — Trotski vai tentar justificar isso em um livro chamado *Terrorismo Comunismo* — está havendo uma revolução auto gestonária na Ucrânia, *dirigida por um camponês semi-alfabetizado*, Nestor Makuo. Não há relação direta entre cultura social e política e escolaridade. Você pode ser um professor universitário e ser um belo fascista, isso não quer dizer nada. Ele é um camponês sem cultura escolarizada, acadêmica, mas com alta visão social e política de auto gestão política, econômica e social. Os camponeses não estavam esperando que o Estado fosse realizar nada por eles. Eles estavam assumindo a responsabilidade pela criação de novas estruturas sociais, contrariando uma linha da sociologia acadêmica sobre movimentos do campo que coloca o camponês como incapaz, por si, de se definir em termos de objetivos políticos. Absolutamente errado. A Revolução Russa mostra isso.

Na Ucrânia, que é um território compreendendo a metade da Rússia, de 18 a 22, funcionou uma economia auto gestonária, em que, indústria, agricultura e circulação de mercadorias eram auto geridas pelos trabalhadores, que ainda se deram ao luxo de vencer os exércitos que queriam reestabelecer o czarismo e o capitalismo e, ainda, mandar o excedente da produção agrícola para abastecer as cidades onde campeava a fome. Isso os camponeses da Ucrânia fizeram. *E esse é um capítulo da Revolução totalmente desconhecido*. Mesmo Trotski, que é um dos escritores da revolução russa, na sua *História*, cala a respeito. Enquanto Trotski tinha o poder, não falava na democracia. Essa revolução na Ucrânia foi reprimida. Depois do pessoal da Ucrânia derrotar a



direita, Trotski jogou o Exército Vermelho e destruiu todas as comunidades auto gestonárias, a ferro e fogo. Até porque isso poderia ser mau exemplo. Porque se o povo tem capacidade de se organizar; o trabalhador, além de produzir, pode gerir o que produz, onde é que fica o burocrata? Fica sem emprego. O que é que você vai fazer com uma cambada de ociosos que detém imunidades e privilégios? Tem que pôr para trabalhar. Numa economia auto gestonária esse pessoal não têm vez. Então, é muito claro que interesses desse tipo se juntem contra todo o processo de mudança social em que o trabalhador assumas as coisas antes de esperar que outro vá fazer por ele ou vá lutar por ele. Isso não existe. Eu não posso pensar que outro vá lutar por mim.

No processo da Revolução Russa, terminada a guerra civil, você tem um grande movimento contra a burocracia, que quer reestabelecer o poder dos Conselhos Operários, que é chamada a rebelião dos marinheiros de Cronstad, que é uma base naval na Rússia, perto da Finlândia, onde se constitui uma comuna auto gestonária. Esses marinheiros participaram da revolução de 1905 e de 17. Eles eram a guarda do palácio de Lênin, em 17. Mas, ao verificar que no processo da revolução, o trabalhador perdeu a direção da fábrica, que passou para a mão do diretor nomeado pelo Estado, revoltaram-se.

Em 19, os tais Conselhos Operários, que tinham poder de decisão, foram atrelados ao Partido e ao Estado. Então, você teve uma república soviética sem soviets. E o que caracteriza um soviets são os conselhos livres. O conselho é uma unidade autônoma que não depende da obediência, a quem quer que seja. Ele se auto-organiza de baixo para cima. Todo o movimento da rebelião dos marinheiros de Cronstad, em 1922, tinha com o reivindicado resta-

belecer o poder dos soviets. E realmente os trabalhadores não estão no poder. Eles falavam que o poder era deles — o PC — só que o trabalhador não sabia. Olha companheiro, dizem que você está no poder. Mas, você está lá na linha de montagem trabalhando, sem decidir nada. Quer dizer: havia um poder que falava em nome dos trabalhadores, só que eles esqueceram de avisá-los. E esse pessoal de Cronstad foi destruído, caluniado, humilhado, sofreu o diabo que se possa imaginar.

Bom, quando a classe operária que fez a revolução morre na guerra civil, vem uma nova classe, o pessoal que não tem memória histórica, um pessoal despolitizado. A revolução está num processo de burocratização. O operário perde o controle da fábrica. Então, o fundamento econômico de socialização desaparece. Quando ele perde o controle dos soviets, o fundamento político da socialização desaparece. Aí, são criadas as condições para a ascensão de Stalin. E é justamente isso o que vai acontecer.

Com a morte de Lênin, Stalin ascende, mas como o representante de uma burocracia que tem o poder político e também o controle dos meios de produção. Bom, aí, é que o stalinismo adota a ditadura do partido único. Mas eu me recuso a usar o termo totalitarismo no caso. Vou explicar, porque o termo totalitarismo foi criado por uma grande pensadora judia, de origem alemã, a Hanna Arendt. Esse termo usa um conceito universal abstrato, porque chamamos totalitarismo Mussolini, Hitler e também Stalin. Mas existe uma diferença razoável entre o fascismo e o nazismo, do próprio comunismo no sentido de Stalin também. Qual é? Que nenhum regime nazi-fascista se auto reformou. Isso é uma diferença fundamental. O regime nazi-fascista é incapaz de auto reforma. O regime chamado

comunista, stalinista ou o diabo que for, está num processo de auto reforma que já vem há mais de 20 anos. E eu acho que isso é suficiente para que o conceito totalitarismo seja mais especificado, não seja um universal abstrato. Eu acho que aí a gente tem que ver a categoria da particularidade da descrição do conceito. Nazismo e fascismo são estruturas particulares de estruturas totalitárias, sim. Agora, são incapazes de auto reforma e aí eu diria que são estruturas totalitárias. Eu não diria que se pode chamar o comunismo ou o stalinismo ou o que for de totalitário, uma vez que é um sistema capaz de auto reforma, como vocês estão vendo. Fato histórico: que o partido pode abrir mão da hegemonia. Onde se viu isso? Isso é um fato a considerar. Pedir a dissolução do poder, pedir a auto dissolução. Onde se viu isso? Nenhum partido nazista ou fascista abre mão do poder, que eu saiba. Muito pelo contrário. Isso, é mais um problema para a gente pensar.

O tema da ditadura do proletariado, é um assunto complexo que eu não tenho tempo de desenvolver. Mas o proletariado não pode ser ditador de si mesmo. Então, ele tem que delegar o poder a alguém. Bom, então fica o partido ditando sobre o proletariado. Mas, se o partido é fundado no centralismo democrático, que é mais centralista do que democrático, o Comitê Central começa a falar em nome do partido. Se ele é ainda mais rígido do que o centralismo democrático, o Secretário Geral é que fala em nome do Comitê Central. Então, a ditadura do proletariado começa a ser definida via um partido que fala em nome do proletariado, para passar para um Comitê Central, que fala em nome do partido e para concluir no centralismo, quer dizer, o Secretário Geral que fala em nome do Comitê Central e de todos. O fenômeno de Stálin é bem específico disso.



Então, quando houver isso... O mérito de Rosa Luxemburgo, é reintroduzir a discussão da democracia no socialismo — o socialismo é uma democracia econômica, quer dizer, ele é a ampliação da democracia política, ou melhor ele é a verdadeira democracia política. Porque sob o capitalismo, a democracia é uma mentira. A democracia é meramente formal. No plano econômico, você tem a redistribuição desigual dos recursos e do poder. Então, o socialismo realizaria o que? Juntaria a idéia da democracia política e da democracia econômica. Juntaria os dois. Seria o processo de socialização. É isso que a Rosa coloca ante Lênin e Trótski. O problema não é abolir a democracia como eles colocavam, mas pelo contrário. Você não só amplia a esfera da democracia política, mas democratiza o sistema econômico. A exigência de igualdade econômica e política é um dado central de qualquer proposta socialista. E nesse sentido é que a Rosa de Luxemburgo é muito atual e que deve ser lida e relida, especialmente esse livro genial "A Revolução Russa", escrito no ano de 1918, quando ela estava ocorrendo.

Agora, quando está fechado o canal político no regime bolchevique como é resolvida a divergência? Pelo expurgo. Pela violência, através do expurgo. Expurgo quer dizer o aniquilamento físico do adversário. Por isso, a política está muito ligada à morte. O Estado está muito ligado à morte, não é? Estado e morte são coisas que geralmente andam juntas. Porque estruturas fechadas tendem a resolver divergências políticas pela supressão do divergente. Aí é que vêm os chamados Processos de Moscou de 36 e 38, que nós vamos ver depois no Leste. Os Processos de Praga e Budapest mostraram, como no Processo de Moscou, como ocorreu isso. Stalin fuzilou todo o co-

mitê Central de Lênin como traidores da Revolução Russa. Então, a pergunta era: se a Revolução Russa foi feita por um bando, e um bando de traidores, que credibilidade poderia ter um Stálin, que é fruto disso? Não sei se alguém perguntou. Mas, de qualquer maneira, o mesmo mecanismo de confissão, de auto confissão destrutiva, e o sujeito externalizar a calúnia e dizer que realmente é agente disso e daquilo e ele não é nada disso, se configurou no Processo do Leste Europeu, onde, e por causa, também, da ditadura de Partido único e, de todos os que foram acusados de traidores, só um, que foi Traichokostov, teve resistência suficiente para ir no tribunal e negar tudo aquilo de que era acusado. E aí você vê as reabilitações. Só que o cidadão morreu, né?

Agora, esse problema de partido único e o fechamento do canal político leva inevitavelmente, a expurgo e, obviamente, a um nível baixíssimo de tolerância à divergência. Então, o que se deu, a grosso modo, na União Soviética, foi uma chamada acumulação de capital pelo Estado. Um economista russo muito interessante chamou de acumulação "socialista" da economia e ele não teve muito tempo para ver o final porque ele foi fuzilado como traidor, também, em 36. Ele escreveu um belo livro: "A acumulação socialista", era Peobrazenski.

Agora, então, na União Soviética o que ficou montado? Deu-se uma acumulação de economia do Estado, uma burocracia com privilégios. Burocracia não é papelório, não. Não é só isso. Não é só o "cara" que está atrás do balcão. Isso é o lado folclórico. *O que define uma burocracia no poder é o conjunto de imunidades e privilégios que ela tem ante a sociedade global.* Esse é o problema. E aí, no caso, essa burocracia foi uma burocracia industrializante. Ela cumpriu o papel que a classe

empresarial cumpriu no Ocidente e que teve, também, como ponto de apoio, o sindicalismo de Estado. Também no Brasil se tem um sindicalismo de Estado. Se tem, hoje, o Ministro do Trabalho. Ele, quando presidiu o sindicato, dirigiu alguma greve? Como Ministro, só fala contra a greve. É brincadeira. Na URSS e no Leste tinha-se, então, o sindicalismo como elemento disciplinador. Quer dizer, o sindicato não podia defender os trabalhadores porque era um órgão estatal, corrente de transmissão da burocracia do Estado; e o taylorismo, como forma de organizar o trabalho com base na sua fragmentação, na estrutura hierárquica de trabalho, de cargos e salários, no poder do contra-mestre e na forma de remuneração do trabalho, que Marx já havia criticado em *O Capital*. O chamado sistema suador, que é remunerar por produção. Vou ganhar por peça ou por hora, ou por produção. Esse sistema suador é que se empregara no começo da revolução industrial inglesa que, por sua vez, não tem nada de socializante, além de fazer suar o operário. Só que na URSS e Leste tomou o nome de stakanovismo. Que era o operário bandeirante, padrão, que atingiu o nível de produção X. Então o mineiro diz lá pro dono que tirou não sei quantas toneladas de carvão. Mas o sujeito pesava 150 quilos, tinha 2 metros e pouco de altura, quer dizer, não é qualquer pessoa que tem esse peso. Então, logicamente, o que ocorreu: o grupo não podia acompanhar o ritmo desse estakanovista. Matou o estakanovista. Era muito comum encontrar operário estakanovista morto. O grupo não podia acompanhar aquelas loucuras. Até por uma questão física. Quer dizer, o grupo, de certa maneira, controla, também, por mais que seja autoritário o Estado, um standard de produção na micro empresa.



Bom, chegamos no problema do Leste Europeu. Primeiro: definiu-se o que na economia soviética e no Leste existe, planejamento centralizado, fundado na prioridade da produção de bens de capital e numa economia extensiva em que você tem muito maquinário, muitos recursos, mas você não cuida de otimizar a exploração dos recursos. No lugar da economia *intensiva* você vai ter uma *extensiva* em que os custos de produção são altos e os desperdícios são muitos. E, se o planejamento é centralizado, é muito difícil o "cara" lá na cúpula saber o que está ocorrendo no interior de uma fábrica em Kiev. É impossível. Então, os níveis de desperdício são imensos. Vocês vêem. Os sindicatos foram obrigados, contra a vontade, a aceitar comissões de fábrica. No começo tinham em mente que as comissões de fábrica dividiam o poder com os sindicatos. Qualquer que seja, o sindicato oficial, a máquina burocrática não quer perder poder. Ele quer comissão de fábrica, sim, quando ele pode controlar. Agora, ele foi obrigado a aceitar comissões de fábrica do ABC porque era impossível negar. A Volks tem mais metalúrgicos do que a cidade de São Paulo. Imagine o que é aquilo, um sindicato localizado lá num bairro de São Bernardo podia saber o que ocorria numa sessão de produção da Volks? E aí, a inevitabilidade das comissões de fábrica e também, é claro, das reivindicações das comissões de fábrica e de sua luta por autonomia da burocracia sindical. Isso é outro lado da coisa. Mas, de qualquer maneira, o problema do planejamento centralizado implicou no Leste e na URSS, a grosso modo, em altos níveis de desperdício, numa economia mais extensiva do que intensiva, altos níveis de ineficiência econômica, fundamentalmente, e isso foi chamado de socialismo num só país. E aí é que está o problema. É possível o

socialismo num só país, se o mundo todo é capitalista? Esta resposta o Marx já tinha dado: *o mercado mundial é a forma moderna de destino*. Isso ele já tinha dito no século passado. Mas igual ilusão teve por exemplo, o pessoal de Israel, que foi formar Kibutz. Gente séria. Daí escrevem: Kibutz não conseguem manter uma estrutura socialista, se a cidade é capitalista. Ele, cada vez mais, fica preso a empréstimos bancários capitalistas, em época de colheita, em época de dificuldade econômica. E, mais do que isso, em época de colheita, em que a mão de obra é maior, *ele é obrigado a empregar mão de obra assalariada*, mesmo que não queira, senão não tem colheita. Ora, isso vai contradizer os princípios centrais do socialismo, como era definido pelo pessoal da Rússia ou mesmo de Israel, no início do século. É que eles partiam da mesma fantasia de Stálin que era de socialismo num só país, que era a União Soviética. Depois isso passou ao Leste Europeu. E Israel, socialismo só no campo. É impossível se a cidade é capitalista. Me perdoem mas o campo vai reproduzir isso e não o contrário. Então, a questão central é que o mercado mundial atua. *O Socialismo num só país é uma utopia impossível*. Agora, *se revelou uma ideologia eficiente de uma elite industrializante, uma burocracia que sob Stálin industrializou a União Soviética*. Sem dúvida. E foi uma elite industrializante. Socialismo é outra coisa. Socialismo, é claro, é articulado ao processo de industrialização, mas ele não é só industrialização.

Então, o que ocorre? Ocorre que o sistema vai tentar a auto reforma. E aí vocês têm a União Soviética na auto reforma do economista Liberman que o Gorba-chev, de certa maneira, vai continuar, porque a União Soviética tem setor primário e setor secundário desenvolvidos e um terciário quase inexistente. Colin

Clarck tem uma obra chamada *As etapas do progresso econômico*. Ele criou a conceituação chamada setor primário, secundário e terciário. Primário agricultura; secundário, manufaturas; terciário serviços. Ele colocou que uma característica do capitalismo desenvolvido é um terciário forte. É verdade, mas em termos, também. Ou então um equilíbrio entre primário, secundário e terciário. Os EUA têm esse equilíbrio e a França também. A *União Soviética e o Leste não têm*. Eles têm um primário e um secundário fortes e um terciário inexistente. Agora, pode haver terciário grande e não ter desenvolvimento. O Egito é o melhor exemplo. Eu estudei os problemas do Oriente Médio. O Egito tem o maior terciário e, aí, na razão inversa da industrialização. Setor terciário é o que? É pessoal que ocupa posições na burocracia, na burocracia de Estado e nos serviços. Então, um terciário inchado, às vezes, não quer dizer desenvolvimento econômico, muito pelo contrário. Mas, na União Soviética, há um desequilíbrio brutal. Tem-se: terciário inexistente, primário prioritário e secundário razoável. Então, é claro que você vai ter um problema sério com relação a bens de consumo. Chama-se penúria de bens de consumo. Isso vai levar a problemas de nível de vida. O nível de vida está muito ligado ao problema de bens de consumo, porque há um problema: nem todos são produtores, mas todos nós consumimos.

Uma outra questão também é a seguinte. Você tem problemas desse tipo lá no Leste Europeu e se tem, também, no Leste, problema tipo inflação e que aparece no processo de desestatização de preços de produtos de primeira necessidade, que deram origem à revolta do "Solidariedade" da Polônia. Se analisarmos a origem da revolta na Polônia, da década de 50 até hoje, ela acompanha a alta



de preços dos produtos de primeira necessidade.

Por outro lado, é claro, se tem, também, o problema do endividamento externo. Eu falei que o capitalismo é um problema mundial, tem problema de importação e tem problema de exportação. Pode ser que você queira comerciar com a Lua! É possível que um dia se possa comerciar com a lua e aí, se forem relações capitalistas, você tem que considerar. Você precisa exportar para poder importar. E a capacidade de exportação do Leste é fraca, porque os produtos são de péssima qualidade. *Você não tem controle de qualidade.* O mercado de consumo do ocidente, sofisticado, não consome isso. Então, à medida que o Leste não consegue vender os seus produtos, a tecnologia e os insumos necessários, que ele precisaria para se desenvolver, ele não consegue ter. A União Soviética não consegue bancar tudo isso. A Polônia está até o pescoço endividada ao capital alemão. E a União Soviética tem, também, o seu nível de endividamento externo. Ela negocia isso, mas não deixa de existir o problema.

Uma outra questão também é que há exigência de bens de consumo; você tem uma fraca produtividade de trabalho, porque a economia burocrática, que estímulo dá ao trabalhador para trabalhar? Ganhar por produção; programa de urubu. O "cara" se esfolia, faz hora extra e morre de tuberculose, como nós vemos no Brasil. Isso, aqui, é muito comum. Então, que estímulo o trabalhador tem para produzir? Muito pouco.

Outro problema também é a falta de controle de qualidade. Você tem, no Leste Europeu, um problema que é o crescimento da renda nacional. Em 77 o Leste estava em 6%. Em 82, chegou a atingir a cifra negativa de -1%. A produtividade, no Leste, comparada ao nível ocidental está situa-

da em 55 a 70% do nível ocidental.

Problema também complicado é o aumento da taxa de mortalidade infantil e a diminuição da esperança de vida no Leste-União Soviética. É o declínio da natalidade devido a divórcios, alcoolismo e todos esses casos. Isso não é só problema brasileiro, como se pensa.

Então, o que ocorre, grosso modo, eu vou resumir um pouco. Em termos de indústrias produtivas, o trabalho produtivo aparece no setor militar, porque há concorrência do norte-americano.

Na área de agricultura, o país que está na frente é a Hungria, que realizou uma meta. Lênin chamava de "Nova Economia Política" à possibilidade do produtor rural ter a sua pequena propriedade e poder vender livremente no mercado. Isso ele introduziu após o comunismo de Guerra para reativar a produção agrícola russa e vencer a fome que ocorria nas cidades. Mas, o país que realizou isso no Leste, foi a Hungria. O resto não deu certo. Na Romênia o fracasso foi total. Em todo o Leste houve a prática de Stálin da chamada "coletivização forçada". Coletivização é quando se tem a autogestão econômica e social. Os trabalhadores gerem coletivamente o que produzem. Aí, no caso, houve a burocratização forçada, no caso da agricultura. Mas, também, porque o PC pegou a agricultura do Leste, em 45, praticamente próxima ao feudalismo. Não podemos esquecer que os países do Leste Europeu, chamados Balcãs, são países de grande tradição feudal, uma agricultura atrasada, com a maioria da população que morava no campo. O país mais adiantado era a Tchecoslováquia. Então, você tem o quê: a apatia e o desinteresse do "cara" do campo e depois você tem uma mão de obra não qualificada no campo, porque o sujeito não tem interes-

se em produzir, porque o Estado não lhe mantém preços.

Outro problema sério no meio rural é o da propriedade individual. Isso é muito sério. E o que dizem os clássicos do socialismo sobre isso? Você deve criar cooperativas, associações coletivas de trabalho rural e procurar convencer o "cara" que tem a fantasia da pequena propriedade a se ligar a coisas coletivas. Mas nunca ninguém disse que fosse obrigar militarmente, usando a polícia, e obrigar o camponês a pertencer a um grupo de trabalho, dirigido pelo Estado e, portanto, pela burocracia.

E essa é a grande crise agrária, não só no Leste, como na União Soviética. Hoje, ela é obrigada a importar trigo do Canadá e dos EUA em função de uma estúpida política chamada "coletivização forçada" da década de 30, que acabou com a agricultura. Desmontou tudo que havia.

Então, no Leste Europeu o que ocorre: na Hungria, 64% de cooperativas de produção. Elas são responsáveis por 70% da produção agrícola do país. Mais do que isso, existe a propriedade individual, alta produtividade agrícola e a Hungria se dá ao luxo de exportar para o exterior. Polônia e Romênia é aquela desgraça. Crise agrária violenta a ponto de criar-se o "Solidariedade Rural" em função da crise agrária. Já havia o "Solidariedade" dos trabalhadores urbanos, depois, criou-se o "Solidariedade Rural".

Outro problema estrutural da crise nos países do Leste está nas ligações da União Soviética e o COMECON. Com a estrutura do COMECON, Polônia, Hungria, Tchecoslováquia vendem à União Soviética, produtos a preços preferenciais, mas, quando vão comprar, vão fazê-lo pelos preços definidos no mercado mundial. O mercado mundial valoriza a moeda forte e desvaloriza a moeda fraca. Então, essa desigualdade de troca que, por exem-



plo, no ocidente se dá nas relações 3º Mundo e Estados Unidos, por outro lado, se deu e continua a se dar entre Leste e União Soviética, via COMECON. Esse é um dos elementos estruturais que eu acho de tensão.

Agora, o que seria a crise atual do Leste é da União Soviética? Eu não vejo como crise. Eu vejo o seguinte. União Soviética e Leste Europeu se integram na economia capitalista mundial, obedecendo a uma lógica básica de que não é possível uma estrutura não capitalista de redoma numa economia internacionalizada e mundial como é a economia moderna; primeiro lugar. Então, o esforço de Gorbachev tem sido isso. Eu li, na Fundação Getúlio Vargas, um comunicado da Direção assim. "A Universidade de Luigi Bocconi, de Milão, está enviando professores para a União Soviética e pede a essa escola, a quem tiver interesse, se inscrever via Universidade de Bocconi de Milão, para ensinar na União Soviética técnicas capitalistas de produção e trabalho, marketing, etc, etc. Isso era um comunicado da Fundação Getúlio Vargas. Eu vejo isso sem moralismo. Eu vejo que isso está na linha do pensamento socialista desde o século passado, a integração da URSS na economia mundial. É possível ter socialismo num só país? Claro que não. Então, o que é o Gorbachev? O que é a crise no Leste? É o problema de integração no mercado capitalista mundial. Agora, é muito claro o seguinte: com a chamada abertura na União Soviética e no Leste Europeu aparecem movimentos anti-semitas do tipo fascistas e racistas. É muito claro que aí entra uma

questão que deve ser discutida. Durante 70 anos o partido dominante reprimiu a esquerda não PC — os sindicalistas socialistas, anarquistas, etc. *Então, é muito claro que com esse pessoal todo destruído, na hora que tem abertura, é a direita, é o fascismo que aparece.* É o que nós vamos ver no caso polonês, no caso desse partido, PRAMIAT, na União Soviética, e em outros países, embora fique muito claro que o racismo é típico de crise econômica. Vocês vêem que na França, não é Leste, e ocorre o mesmo problema? Suíça também, Itália também. Quem diria. Mas, em crise, meio mundo capitalista fica fascista e racista.

Em suma, há planejamento capitalista, há o planejamento da burocracia, mas o que seria interessante estudar seria um planejamento fundado na auto-gestão de baixo para cima, que vigorou na Espanha durante três anos, durante a guerra civil da Espanha, chamada Revolução Espanhola, que é outra revolução inesquecível, em que trabalhadores simples do campo e da cidade conseguiram gerir, em forma de auto-gestão, em mais da metade do território espanhol, transporte, serviços públicos, indústria, agricultura e educação. Sobre isso, há muito material que está sendo publicado na Espanha, inclusive em português. Há um livro de uma pessoa que participou da Revolução Espanhola, se exilou na Argentina muitos anos e morreu na Espanha. Diego Abad de Santillan que era da Confederação Nacional do Trabalho Espanhol, de orientação anarquista, escreveu um livro chamado *Organismo econômico da revolução*, editado pela Brasiliense.

E o que é o organismo econômico da revolução? Era o órgão integrador na auto-gestão econômica e política, que era responsável pelo planejamento econômico, social e político dos territórios da área republicana não dominada pelo Franco. Agora, porque durou 3 anos? Porque o fascismo não gosta dessas coisas e porque uma esquerda muito autoritária (que eu chamo de "esquerda") que também acha que, se realmente o trabalhador começa a se auto-gerir, onde é que fica o chefe? Qual o papel do líder? *O burocrata, o que se diz representante desse trabalhador vai ter que trabalhar.* Vai deixar de ser representante e trabalhar como todo mundo trabalha. Então, isso incomoda muita gente. Mas há muitas coisas. Há uma bibliografia imensa sobre esse planejamento fundado na auto-gestão, na Educação, Agricultura e Indústria, mostrando que isso não é utopia, não. O problema só é esse: toda vez que o povo se levanta, mostrando que pode se auto-dirigir, quem quer manter o povo sempre dependente, destrói, procura destruir. Porque isso é um exemplo ruim, porque deixaria, no mínimo, essas pessoas — burocratas — sem emprego. Porque, se não tem cupincha, o que é que faz o chefe? Se as pessoas vão se gerir pela sua cabeça, como fica o chamado líder, ou a profissão de líder? E líder, acho que não é profissão de ninguém.

Maurício Tragtemberg é Professor da UNICAMP.

Plural. Florianópolis, n.1, p.28/36, jul./dez., 1991



# DA PRIVATIZAÇÃO À SOCIALIZAÇÃO DO SONHO

FREI BETTO

Boa noite a todos.

A Associação de Professores desta Universidade me pediu que falasse, dentro desse ciclo de palestras, sobre a questão da crise do socialismo. Nos últimos 12 anos, andei trabalhando em muitos países socialistas no que diz respeito à questão das relações Igreja/Estado e cristãos/marxistas. Agora, como vocês podem imaginar, ando meio desempregado... Mas o que se vai contar aqui é fruto dessa larga vivência, desses 12 anos de trabalho. Tive oportunidade de estar, muitas vezes, em alguns países como Cuba, Nicarágua, União Soviética, Polônia, Tchecoslováquia, Alemanha Oriental, China. Vou colocar um pouco do que vi, do que vivenciei, do que vivi nesses países.

Essa crise do Socialismo no Leste Europeu, especificamente, não me assusta. Estive duas vezes na Polônia, a última em 1987, antes da abertura, e fiz questão, contrariando sugestão do PC da Polônia, de visitar o Lech Walesa, em Gdansk e tivemos uma conversa absolutamente surrealista.

Eu dizia a ele que, apesar de tudo, não havia visto nenhuma criança, nenhuma prostituta, nas ruas de Varsóvia, naquela minha segunda viagem à Polônia, e não havia visto nenhuma favela. E ele dizia o seguinte: "Olha Frei Betto, não conheço o Capitalismo, nasci no regime socialista e posso lhe dizer, com toda a segurança, que o socialismo é o pior regime para a classe trabalhadora". Ao que eu respondia: "Mas veja, como é o pior regime para a classe trabalhadora, se os trabalhado-

res, aqui na Polônia, não estão lutando por aumento de salário. Estão lutando por liberdade sindical e política. Isso são os direitos humanos. No meu país, o Brasil, lutar por direitos humanos é luxo. As pessoas estão lutando por direitos animais, essa coisa de comer, poder desenvolver sua cria, abrigar-se das intempéries. Isso é coisa de bicho. No meu país, tem tanto gado quanto gente, e nunca vi uma vaca passando fome ou um bezerro abandonado nas ruas. Estamos lutando, ainda, por direitos animais. E você se queixa disso aqui?" E ele dizia: "Eu nunca vivi no capitalismo, mas posso assegurar que o pior regime para a classe trabalhadora é o socialismo." Vocês podem concluir que nós não nos entendemos. Até porque ele me considerava meio herege. Sempre me dizia que eu devia seguir as orientações do Papa. Não que eu não as siga, mas frisei a ele que seguia as de Jesus Cristo, as do Evangelho. Acho-as mais seguras.

Nesses anos todos, o que pude perceber é que, sem dúvida nenhuma, o socialismo conseguiu, em relação aos países capitalistas, um avanço de mil anos-luz. Com todos os seus defeitos, e suas falhas, o socialismo conquistou benefícios sociais muito maiores do que qualquer país capitalista. Estou partindo dos critérios do Evangelho. Quando o Evangelho analisa uma sociedade, a primeira pergunta que faz — e é a pergunta principal — é: quanto essa sociedade traz de vida para a maioria da população? A vida é, para o Evangelho, o dom maior de Deus. Não é a fé. Portanto, você que não tem fé, fique tranquilo, vai para o céu do mesmo jeito, desde que esteja lutando pela vida. Agora, a questão que a gente vive hoje, a da vida, é a questão fundamental. O critério, portanto, que usamos para medir um país, não é o do número de eleições que ele promoveu

nos últimos 10 anos. É o do nível e da qualidade de vida que ele proporciona à maioria das pessoas. O grande trunfo da burguesia é querer nos enganar com a periodicidade eleitoral. Ah! O Brasil é democrata porque realiza eleições a cada 4 anos! E daí? Há melhoras? Não. Tudo está piorando. Somos 140 milhões de habitantes e 100, dos 140, comem menos do que gostariam e 40 milhões não comem nem o mínimo necessário de que precisariam.

Por que afirmei que qualquer país socialista, no que diz respeito à questão social, se encontra mil anos-luz à frente de qualquer país capitalista? Vocês devem estar pensando nos EUA, na Suécia, na Holanda, na Alemanha Ocidental, no Japão. Agora há um detalhe: desafio qualquer um de vocês a me apontar um país capitalista que tenha ficado rico sem ser às custas da exploração do Terceiro Mundo. Um, só quero um. Não existe... Quando estive na Suécia, a convite da Igreja Luterana, praticamente visitei todo o país, andando de igreja em igreja, na campanha da quaresma. Vi aquele pessoal bem nutrido, rosado, bem agasalhado. Era inverno... E disse: "Sabe por que vocês são tão ricos e têm tanto bem-estar? Porque nós somos muito pobres. Só na cidade em que eu moro, São Paulo, existem 26 empresas suecas. E quantas empresas brasileiras existem explorando o trabalho dos suecos? Nenhuma." Então é fácil falar da democracia americana, inglesa, espanhola, italiana... às custas da nossa miséria. Nós pagamos a conta.

Marx talvez ressuscitasse hoje se alguém lhe dissesse ao ouvido que, um dia, os países pobres seriam exportadores de capital. Ele diria: "Meu caro, mas isso é aritmeticamente impossível." E só esse ano o Brasil teve que exportar para o 1º Mundo, para os credores internacionais, 5 bilhões e 600 milhões de dólares. Deram o ca-



lote na nação quando deveriam ter dado o calote nos credores internacionais. Dar calote na nação é o mesmo que tirar o brinquedo de garoto pobre. Mas você tirar o brinquedo do garoto rico não faz a menor diferença, porque o armário dele está abarrotado de brinquedos. E a prova disso é que, nos anos 70, quando o preço do barril de petróleo subiu, em uma semana, de 3 para 11 dólares, a Europa Ocidental teve que desembolsar, para a OPEP, um trilhão de dólares. Nenhum país da Europa Ocidental ficou menos rico ou teve qualquer problema social em decorrência desse investimento maior.

Agora, qual é o país socialista que alcançou um nível digno de conquistas sociais às custas da exploração de outro país? Nenhum. O que os soviéticos conseguiram foi às custas do trabalho dos soviéticos; idem os chineses; idem, os tchecos; idem os cubanos; idem, os alemães orientais; idem, a Romênia; idem, a Hungria. Nunca um país socialista teve seu desenvolvimento interno pago por uma relação de exploração com países estrangeiros. Isso, para mim, é suficiente para salvar o princípio fundamental das relações internacionais, que é o princípio ético. Não posso admitir que o desenvolvimento do Brasil se faça em cima da exploração dos outros povos. Mas fico mais tranqüilo, porque um gigante, como o Brasil, vai explorar quem: a Bolívia, o Paraguai, o Equador? Se fosse o contrário, até podia-se admitir. Imagine o Paraguai explorando o Brasil. Claro se eu fosse o Paraguai, com 3 milhões de habitantes, acharia até que o negócio ia ficar bom, lá, no Paraguai. Mas nós, deste tamanho, com tanta gente, vamos explorar quem? Ou seja, no programa da social-democracia, nós, brasileiros, não temos nenhum futuro. Porque o mínimo que uma boa social-democracia exige é uma

boa relação de exploração com o Terceiro Mundo.

Ora, os países socialistas, todos eles, sem exceção, conseguiram erradicar a miséria como fenômeno coletivo. Claro, estive na China em 88 e encontrei, na porta de igrejas, pessoas idosas pedindo esmola. Mas isso não era um fenômeno coletivo. A prostituição, como um fenômeno coletivo não existe em nenhum país socialista. Se você vai à Cuba e fica hospedado em um hotel para turista, você vai encontrar, na porta, 5, 6, 7, prostitutas. Mas isso é exceção. São mulheres que, por safadeza, cinismo, ou sei lá por que problema, resolveram viver da prostituição com o turista estrangeiro. Mas não se trata de um fenômeno coletivo. Você pode encontrar, num país socialista, uma pessoa que diga que não come o suficiente. Mas não existe nenhuma favela. Porque, se tivesse, a TV Globo já teria mostrado.

Ora, qual é o critério de avaliação do socialismo? Para mim, como cristão e como revolucionário, o critério é a vida, como fenômeno biológico e como significado transcendente. Esse é o critério e esse está garantido nos países socialistas. Na Tchecoslováquia, o nível de benefício social, há dois anos atrás, era tão alto que a licença maternidade era de 3 anos. E eu perguntei a um grupo de jovens quais eram as críticas que eles faziam ao socialismo tcheco. E eles me disseram (nenhum deles questionou o socialismo) o seguinte: "Eu trabalho e trabalho muito e tenho direito à educação gratuita, à saúde gratuita, à aposentadoria, à moradia, aos alimentos básicos, etc... O meu companheiro de trabalho trabalha pouco. Engana, enrola e tem os mesmos direitos que eu. Não acho isso justo."

Ora, diante disso, fica uma pergunta. Se era tão bom, porque o socialismo faliu no Leste Europeu? Acredito que o socialismo soviético procura se modernizar,

com altos riscos no seu contato com o mundo capitalista. Acredito que o socialismo chinês quer fazer a quadratura do círculo. Estive na China, também em 88, e vi uma economia profundamente capitalista, com uma política e uma ideologia profundamente stalinistas. Essa equação não resulta em nada, a não ser no que já vimos no ano passado, que foi o massacre na Praça da Paz Celestial. Acredito no avanço do socialismo cubano e do socialismo no Vietnã. Porém no Leste Europeu, não há salvação. E o que pôs fim ao socialismo no Leste Europeu? Se tudo era bom na Tchecoslováquia e em outros países por que acabou? Por culpa do capitalismo? Não. Por culpa da própria natureza socialista do Leste Europeu.

Em fevereiro desse ano, estive na Alemanha Oriental. E num jantar, com o ministro da Alemanha Oriental, ele me dizia: "A falência do socialismo em nosso país deve-se, exclusivamente, aos nossos erros. Primeiro, porque o socialismo, aqui, não foi resultado de uma revolução de bases. Veio de fora para dentro, de cima para baixo, como fruto da partilha da Europa, após a 2ª Guerra Mundial." É o que chamo de "socialismo-peruca": tem cabelo, mas não tem raiz. Bate um pé de vento e ele vai embora, diferente do cabelo que nasce de baixo para cima. Ele dizia mais: "Durante anos, prometemos aos trabalhadores da Alemanha Oriental que eles teriam uma vida melhor do que os trabalhadores explorados da Alemanha Ocidental. E o tempo e a história mostraram que isso é mentira. Os trabalhadores da Alemanha Ocidental têm um nível de vida muito superior aos da Alemanha Oriental. Os da Alemanha Ocidental têm carro, passam as férias na França, nas praias da Itália ou da Espanha. Os da Alemanha Oriental nem podem pôr os pés do outro lado do Muro de Ber-



lim". O próprio ministro concluiu: "Nós cometemos um erro crônico. Prometemos, como objetivo do socialismo, um ideal burguês de vida. Esse foi o erro que cometemos. Quando dizíamos aos trabalhadores o que seria o futuro socialista, no fundo, estávamos dizendo: vocês todos vão se transformar em burgueses. E o tempo foi mostrando que isso era falso. Os trabalhadores da Alemanha Ocidental tinham melhor nível de vida que os trabalhadores da Alemanha Oriental. Podiam fazer turismo. Nós nunca soubemos explicar para o nosso povo porque é que o trabalhador dos países socialistas não pode fazer turismo individual. Porque os países socialistas não têm dólar. Não têm moeda conversível no mercado internacional. Então, cada dólar é muito importante para um país socialista, como o é para Cuba".

Ora, turismo individual significa evasão de dólares, evasão de divisas. Permitir turismo individual para o exterior, num país socialista, é sabotar a economia popular. Mas isso não significa que os países socialistas não mandem pessoas para o exterior. Mandam e mandam muitas: o ballet Bolschoi, o cientista chinês, os guitarristas cubanos, o circo de Moscou, a violinista da Romênia, o artista da Bulgária, viajam pelo mundo inteiro, pagos pelo socialismo. É diferente você viajar por turismo individual ou viajar a serviço da causa do seu país. O problema está na qualidade da viagem. Agora, turismo coletivo existe, e entre países socialistas também, porque esse turismo não implica perdas de divisas. Porém, isso não satisfaz a classe trabalhadora dos países socialistas, que tinha emprego garantido (pleno emprego, pois não havia desemprego), moradia, alimento barato. E tinha, inclusive, uma economia paralela correndo solta, o que é uma sabotagem... Esse ministro nos

dizia o seguinte: "Aqui, na Alemanha Oriental, há pequena propriedade agrícola e o Estado garante o preço justo. Cada agricultor tem que entregar para o Estado determinado índice de sua safra. Mas, se houver uma catástrofe (neve, geada, tempestade) e ele puder colher aquele mínimo, o Estado garante o preço dele, lhe paga. O que fazia o agricultor: ia ao mercado e encontrava o produto, que vendera para o Estado, mais barato do que o Estado lhe comprara, porque o Estado subsidiara para favorecer o consumidor. Então o que ele fazia? Comprava aquele produto e o revendia ao Estado. Isso é sabotagem, é economia paralela." Fica, porém uma pergunta: Como evitar isso? Depois, vocês vão entender porque é que estou levantando esses exemplos.

Vou pegar um exemplo da União Soviética. Antes do Gorbachev, todos os trabalhadores da União Soviética — do operário de limpeza de rua ao operário Chefe da Central Nuclear de Chernobil — eram funcionários públicos. E quem conhece o que é ser funcionário público sabe como é que andam as coisas. Ora, você possui uma televisão, ela quebra e você a leva ao eletrotécnico da sua esquina. Diz-lhe: "Camarada, a minha televisão quebrou, gostaria que você a consertasse. Quando é que posso vir buscá-la?" O camarada dá uma olhada e diz: "Daqui uns sessenta dias". "Sessenta dias? Mas minha filha vai aparecer na televisão, no balé da escola, daqui a quatro dias. Preciso do aparelho". "Ah! Você precisa do aparelho para daqui a quatro dias? Leve-o lá em casa à noite". A diferença é que, na oficina, você pagaria 3 rublos. À noite, na casa do técnico, você vai pagar 30 rublos. Ele ganha, em casa, à noite, em uma semana, o que não recebe em três meses como funcionário do Estado numa oficina eletrotécnica. Não há lei de nenhum país socia-

lista que resolva esse problema, porque isso está no coração de cada ser humano. A "lei de Gerson", de querer faturar em causa própria, está no coração de cada ser humano. Ora, diante disso, você se pergunta, por que o Leste Europeu desabou. Por uma razão muito simples: o ser humano tem duas fomes, disse um poeta cubano, chamado Roberto Retamar: uma é a de pão, saciável; a outra é a de beleza, voraz e infundável.

O problema é que o socialismo achou que podia resolver o problema da fome de pão, e que não precisava cuidar da fome de beleza. No entanto, as pessoas tinham toda essa segurança social, que descrevi, e foram para as ruas a fim de pedir a liberdade capitalista, por causa dessa contradição: o capitalismo consegue privatizar o pão e socializar o sonho. Mesmo aquele que mora no morro, na favela, tem acesso ao sonho. Hoje, quando entrei aqui, com essa chuva, a essa hora, perguntei-me o que todo esse pessoal fazia aqui, ao invés de estar em casa, vendo a novela "Pantunua", muito mais interessante. Porque aquilo é plena socialização do sonho. Você nunca vai ter uma curva de rio como aquela, e por isso fica em casa, vendo-a. O capitalismo criou mecanismos segundo os quais, no lugar de você criar seu lazer, ele o proporciona para você. Não é preciso sair de casa, basta que se aperte um botão. Nem mesmo é preciso pensar em mandar o filho para a Disneylândia. Aperta-se o botão e se tem um vídeo-tape da Disneylândia, tudo resolvido. Essa magia do capitalismo é fantástica.

O socialismo cometeu o erro inverso. Socializou os bens e privatizou o sonho. Com o monopartidarismo, e com os sindicatos e os movimentos populares transformados em meras correrias de transmissão das decisões do partido único, que se confundia com o Estado, os únicos que tinham



direito ao sonho, no socialismo, eram aqueles que estavam no poder. Ou seja, não basta saciar a fome de pão. A nossa fome de beleza é muito mais profunda. É evidente que para quem não tem nem o pão, resolver o problema de pão é fundamental e é prioritário. Mas, depois que se tem um mínimo de pão, o que se coloca é como resolver a fome de beleza. E a fome de beleza é o sentido que damos à nossa existência. O capitalismo resolveu essa bomba subversiva, que é o anseio de cada pessoa humana dar à sua vida um sentido, socializando o sonho. Ou seja, delega-se ao sonho a realidade que não pode ser realizada. E o socialismo, simplesmente, caçou o sonho. Dizia o Ministro: "Cometemos um erro, pois a cada vez que aparecia um setor da população, fazendo críticas ao nosso sistema, o único interlocutor que enviávamos para dialogar era a política. Não entendíamos que poderia haver críticas que ajudariam a melhorar o nosso sistema". E contou um pecado grave. Nessa noite a nossa conversa foi uma verdadeira confissão.

Na Alemanha Oriental havia uma coligação de nove partidos, que formavam a Frente Patriótica, sob hegemonia do Partido Comunista, que tinha o nome de Partido Socialista Unificado. "Em 1986, — contou ele — o nosso partido perdeu as eleições municipais. Não reconhecemos isso publicamente e declaramos que havíamos vencido. O povo sabia que era mentira, mas não tinha como provar." Ou seja, a questão da ética, no socialismo, está diretamente relacionada ao fato de que o marxismo nunca trabalhou de forma suficiente a questão da subjetividade humana. Essa questão da subjetividade humana é fundamental e está ligada ao que chamamos de fome de beleza — a possibilidade de cada ser humano tornar-se protagonista e sujeito da sua própria

existência. Queremos socialismo, sim. E, felizmente, o socialismo burocrático, stalinista, acabou, o que nos permite, na América Latina e no Brasil, criar um socialismo democrático, com liberdade, com pluralismo, com muito carnaval, com muito futebol e muita religião. O que só será possível se as pessoas puderem saciar sua fome de beleza.

Dois exemplos: o primeiro, Francisco de Assis, no século XII. Para quem não sabe, Francisco de Assis era filho de um dos pioneiros do sistema capitalista. O capitalismo é um sistema que nunca entrou em crise, porque desde que nasceu está em crise. Para cada país capitalista que deu certo, foi preciso que 40 não tivessem dado certo nunca, inclusive o Brasil. Para cada EUA, é preciso 40 países capitalistas que nunca vão dar certo. O capitalismo nunca saiu da crise. Ele nasce no século XII e Bernardoni, pai de Francisco, na cidade de Assis, na Itália, é um dos pioneiros do capitalismo, porque inventa a manufatura de fabricação de tecidos importados da metrópole em relação à Itália, na época, era a França. (Assim como hoje, para nós, a metrópole são os EUA, ou a Alemanha Ocidental ou o Japão), Bernardoni deu a seu filho o nome de Francesco, que significa "aquele que é da França", donde virá o nome Francisco, um nome colonialista. E Francisco rompe com toda a mordomia da sua vida familiar para se integrar e entregar à causa dos pobres. Ou seja, o sentido de vida que aquele jovem de Assis encontrou era muito mais forte do que a sua carência de pão. Esse homem, sim, resolveu a sua fome de beleza. Um outro exemplo mais recente, mais próximo de nós. O de uma família muito rica da Argentina o de um arquiteto, o filho formado, precocemente, em medicina, que resolve trabalhar com os leprosos do Panamá e da Guatemala. Depois, vai para o Méxi-

co, liga-se a um grupo de guerrilheiros cubanos e vai, como médico, para uma viagem à Cuba, participa da revolução e se transforma no segundo mais importante comandante, torna-se ministro de Cuba. De repente, abandona o Ministério, a revolução e feitas as pazes com a história, mete-se na selva da Bolívia, com fome, frio, perseguição, abandono, fracasso, mas morre plenamente realizado, com o revolucionário — Ernesto Che Guevara. Esses dois homens resolveram a fome de beleza.

O grande erro do socialismo do Leste Europeu foi não possibilitar que as pessoas sejam sujeito e protagonista na busca da sua fome de beleza, do seu sentido de vida. Porque o socialismo cometeu um erro que nós, católicos, conhecemos muito. O de transferir para a política as categorias da religião. Ora, dogmas, eu admito, mas, na política, ficam ridículos. Fazer política acreditando que haja políticos que sejam como deuses; supor que Mao Tsé-Tung é inquestionável como o Papa; ou Stálin não pode ser criticado, porque se estará profanando o templo dos deuses... Dogmas e determinismos históricos vistos como princípios. Ora não existe determinismo histórico. A História é o que nós hoje estamos fazendo dela. Assim como em nossa vida pessoal. A nossa vida pessoal é aquilo o que cada um faz dela. Ou seja, na vida, como na história, sempre se colhe o que se planta. Qualquer determinismo histórico é pura metafísica. É pura categoria religiosa, transferida para a política.

Estive com teóricos da Academia de Ciências da Alemanha Oriental, em fevereiro. Estavam em crise psicológica. E diziam o seguinte: "Durante 30 anos ensinou-se, dentro das escolas do Partido, que o socialismo era irreversível. E ainda dava-se como prova que nenhum país capitalista, que havia passado para o socialismo, retornara ao



capitalismo." Para azar deles, o primeiro país do mundo socialista que retornou ao capitalismo foi a Alemanha Oriental, e não por força do capitalismo, mas porque o povo da Alemanha Oriental foi para as ruas reivindicar liberdade. Que liberdade? Existem três conceitos de liberdade. O capitalista, o social-democrata e o revolucionário, que considero cristão. Para o capitalista, a liberdade é proporcional ao padrão de consumo; e é o que o povo do Leste Europeu procura. Eles nunca tiveram outra alternativa, ou outra liberdade, que não a do consumismo capitalista. Eles vão se dar mal. A liberdade consumista é como o garoto, que olha a mesa de doces só para ele. E nela atira-se de cabeça, e não vê que, entre ele e a mesa, há uma porta de vidro inquebrável. Ou seja, todos nós que um dia tivemos acesso ao consumismo sabemos o quanto a porta de vidro é inquebrável... Ela quebra, mas é nossa cabeça. Só que eles vão ter que fazer a experiência, para que, daqui a 2 ou 3 anos, (você podem anotar), nos países do Leste Europeu comecem a aparecer movimentos populares, movimento sindical, partidos de oposição, reivindicando um melhor socialismo. O que já começa a acontecer na Polônia. Quando estive na Polônia, — estive duas vezes lá — os operários se queixavam que eles tinham muito dinheiro (como todo mundo nos países socialistas tem muito dinheiro no bolso, porque o salário é digno, não há consumismo e, então, o nível de poupança é muito alto), mas não tinham o que comprar. Hoje, os operários poloneses se queixam que as lojas estão abarrotadas de produtos, porém eles não têm dinheiro. Porque o FMI aplicou na Polônia uma coisa, muito difícil de se explicar no Brasil, chamada "enxugamento da liquidez"... Eles não têm dinheiro para comprar. O segundo conceito de liberdade é a

social-democracia: a minha liberdade termina onde a do outro começa. É um conceito profundamente individualista, egoísta. Posso, por exemplo, dizer o seguinte: a liberdade da minha empregada doméstica começa onde a minha termina; não posso transformar a minha empregada doméstica em escrava, mas veja o salário dela. Não é nem salário, é esmola... O conceito revolucionário é um conceito bíblico, segundo o qual somos tanto mais livres quanto mais somos capazes de reproduzir liberdade. Ninguém tem mais amor do que aquele que é capaz de dar a vida pela liberdade. Ou seja, ao reproduzir a liberdade, se é tão livre, a ponto de se doar a sua vida. Esse significado literário só pode ser entendido numa perspectiva cristã, ou numa perspectiva revolucionária. O guerrilheiro que morre na selva, lutando pela libertação de seu povo, está produzindo e reproduzindo liberdade. Mas essa não é a liberdade do Leste Europeu.

Mas por que os operários do Leste Europeu reivindicam, hoje, a reintegração no mundo capitalista? Por culpa do próprio socialismo do Leste, um socialismo burocrático, stalinista, um socialismo de cima para baixo, monopartidarista, onde as pessoas não tinham sequer condições de exercício da democracia popular. Felizmente é o que está falindo. E significa uma vitória do capitalismo? De jeito nenhum. O capitalismo só deu certo para menos de 500 milhões de pessoas, em todo o planeta. E um detalhe: somos, atualmente, 5 bilhões e 220 milhões. Agora, esses 500 milhões de pessoas que usufruem do capitalismo, isto é graças (não os 5 bilhões, porque nem todos são explorados, muitos vivem em países socialistas) a uma boa parcela do Terceiro Mundo, que é explorada para pagar a conta dos ricos.

O socialismo continua sendo a única perspectiva que nós, habitantes do Terceiro Mundo, temos hoje. Não temos outra alternativa. Mas a crise do socialismo, na Europa, deixa claro o seguinte: nenhum socialismo será construído por força de determinismo histórico, ou do quanto pior, melhor. Essa lei não funciona. O problema é que diante dos erros cometidos pelos socialistas da Europa do Leste, pelos socialistas da União Soviética, pelos socialistas da China, nós, da esquerda do Terceiro Mundo, da América Latina e do Brasil, temos que rever as nossas categorias. E aí tem-se que ir fundo.

Não tenho condições de apontar as revisões que temos que fazer, mas vou apontar algumas aqui. Primeiro, a nossa linguagem. A linguagem da esquerda é profundamente literária. A primeira coisa que qualquer grupo de esquerda se propõe fazer é fundar um jornal. Ora, quem trabalha com a teoria do conhecimento sabe que o processo de concepção daqueles que estão acostumados ao hábito da leitura, é um processo linear, que favorece a captação do tempo como processo histórico. Mas há um detalhe. Quem lê no Brasil? Lembro-me de São Bernardo do Campo, no fim da ditadura. Eu trabalho lá, nas comunidades de base na pastoral operária. Dona Maria chegava para mim: "Ô Betto, eu tô lendo esse jornal aqui, chamado *Opinião*, ou chamado *Movimento*, e sabe como é que é, a minha vista já está ruim, por causa da idade, eu não enxergo bem. O que que é isso aqui: "contradição antagonista" o que que é isso? Ou, o que é "hegemonia", "hegemônico"? "A esquerda escreve para a esquerda. Que entre os grupos de esquerda haja o jornal interno, acho perfeito. Agora, não se vai querer fazer a cabeça do povo com um jornalzinho... Por um detalhe muito simples. Nós somos — nós, da criança de



3 anos de idade ao velho de 90 anos — a primeira civilização televisiva. E a televisiva muda o nosso processo de conhecimento. Muda a nossa fala. Ou seja, a televisão nos faz retornar à experiência grega. Quem é educado pela "babá eletrônica", como todos nós, passa a ter uma concepção do tempo não como movimento linear e processo histórico, mas como movimento cíclico.

Na minha infância, para sentir as mudanças, eu tinha que abrir a janela da minha casa e, a cada 3 anos, eu percebia alguma mudança na paisagem. Hoje não, você liga a televisão e, a cada 5 minutos, muda toda a paisagem. E aí as esquerdas ficam se perguntando: "Por que as pessoas não entram na nossa"? Claro, é que você não consegue "entrar na deles". O normal não é estarem me ouvindo aqui, mas estarem, assistindo a "Pantanua" ... Isso é que é normal. Excepcionais somos nós, que achamos que devemos "fazer a cabeça desse povo". O normal não é o ser consciente, é o ser alienado. Então não se fica perguntando: Por que o povo não chega lá? ... Sob o risco de se cometer o erro que cometi há 20 anos, quando entrei para a guerrilha urbana. Naquela época, tínhamos teoria marxista, coragem, armas; tínhamos tudo, menos o apoio popular. Só faltou esse detalhe... Claro. E aí foi fácil para a classe dominante abrir um fosso de jacaré entre nós, na cadeia, e o povo, que nos olhava, dizia: "Eles são terroristas". Só há uma maneira de se mudar esse país: como o apoio popular. Mas apoio popular não se ganha, se conquista, na medida em que a nossa vinculação ao povo tornar-se mais afetiva do que efetiva. Para se avaliar o nosso trabalho popular, é muito simples. Basta responder à pergunta: o trabalho continua ou morre com a nossa saída? A resposta que se dá a

essa pergunta, mede a qualidade do trabalho que se está fazendo.

Ora, somos filhos da racionalidade moderna. Em outras palavras, somos filhos da esquerda européia, estamos cheios de categorias religiosas na cabeça, cheios de pretensões vanguardistas, cheios de voluntarismo político. E, por aí, não se vai construir o socialismo nunca porque a construção do socialismo não é uma coisa que começa no dia que se fizer a tomada do poder, ou no dia que se fizer a revolução no Brasil. Não. Ou se começa agora, ou não se começa nunca. Qual o objetivo fundamental do projeto socialista? Quando Fidel veio do México para Cuba, no iate "Granma", que, hoje, está lá na Praça de Havana (um iate que nem comporta dez pessoas, o que já seria um desconforto, viajou com 82 homens) e, por uma série de falhas, a repressão de Batista ficou sabendo, praticamente matou a maioria dos guerrilheiros que desembarcou. Depois da fuga, dois grupos de sobreviventes conseguiram se encontrar. Um comandado por Fidel e outro, por Raul Castro. Eram, ao todo, sete homens e cinco fuzis. E, nesse dia, Fidel disse uma frase que marcou a Revolução Cubana: "Agora, sim, vamos vencer a Revolução". E, aí, começou a guerrilha de Sierra Maestra. Trinta anos depois, ou seja, há 2 anos atrás, houve a comemoração desse encontro de Fidel com Raúl. E Fidel disse outra frase: "Agora, sim, vamos construir o Socialismo". Isso trinta anos depois de Cuba Socialista. Eu estava em Cuba e tinha um seminário, com os professores da Universidade de Havana. Então, fiz uma dinâmica de grupo e perguntei o seguinte: "Quando é que vocês acham que vão poder dizer, agora, sim, já construímos o socialismo?" Uns disseram: "Quando todos os nossos problemas materiais estiverem resolvidos." Outros responderam: "Quando

não tivermos que importar nenhum produto estrangeiro." Porque Cuba, como a maioria dos países, depende da importação. O Brasil é um luxo nesse contexto. O Brasil é dos poucos países do mundo em que as importações são, praticamente, insignificantes. É só 3% do PIB que o Brasil importa. Aí eu coloquei o seguinte: "Vamos supor que, nesse momento, haja uma catástrofe ecológica. (Cuba é muito afetada por furacões) e que as condições materiais de Cuba retrocedam 30 anos. Pergunto-lhes: isso significa que a revolução recuou 30 anos? Eles falaram que não, mas um não tímido, um não vacilante. Porque, nesse momento, descobririam uma coisa que já deveria ser óbvia, mas não era: a qualidade do regime socialista se mede pela possibilidade de se construir o homem e a mulher novos.

Quando Colombo "descobriu" a América, os habitantes da América, muito antes dele, já haviam descoberto a felicidade. Isso significa que o fundamental não é se poder hastear uma bandeira, com a foice e o martelo. Não. O fundamental é todos nós termos uma vida decente, livre e justa, dentro de novas bases éticas. A questão da subjetividade, que é o espaço no qual se decide o núcleo da nossa existência. E o marxismo trabalhou muito pouco a questão da subjetividade, porque caiu no mecanismo da filosofia do século XIX, inclusive com influências do positivismo, acreditando numa série de outras objetivações históricas, que nunca se comprovaram. E, hoje, se sabe que não vamos construir nenhum projeto novo se esse projeto não partir da subjetividade humana e não tiver uma sólida base ética. Quando Lula, no último debate com Collor, municiado de um dossiê de toda a vida pessoal de Collor, se recusou a dar o troco e os companheiros cobraram de Lula, ele respondeu que não se tratava de ganhar um debate e



nem ganhar uma eleição. Trata-se de ganhar uma causa. E entretanto no jogo do adversário, ele se igualaria a Collor. E é só marcando a diferença, que se vai construir uma coisa nova. Isso, muitas vezes, faltou para a esquerda. Em nome de combater o inimigo, aceitamos as regras do jogo do inimigo. Adotamos os mesmos métodos, o mesmo cinismo, a mesma chantagem, a mesma mentira, a mesma rasteira, a mesma petulância, ignorando que, assim, fazemos exatamente o jogo do inimigo. Com essas atitudes, só reforçamos a direita, porque nisso eles são ótimos e disso eles dependem.

Qual é a única coisa que um revolucionário não pode perder? Um revolucionário pode perder o emprego, a família, a liberdade e ser preso; pode perder a pátria e ser exilado, a vida e ser assassinado. Só há uma coisa que o revolucionário não pode perder: a moral. No momento em que o revolucionário perder a moral, toda a causa que o revolucionário defender vem a baixo. E é a única arma que a burguesia não tem como se defender, porque toda a perpetuação da dominação burguesa depende de um jogo imoral. Esse é um desafio para se começar hoje. A queda do socialismo no Leste Europeu é muito explicada pelo fato de os regimes stalinistas adotarem uma atitude

aética, em nome de uma causa justa. E, é evidente, essa contradição tinha que estourar um dia. Não era possível prosseguir enganando o povo todo, todo o tempo. Então, acredito que toda essa crise possibilita para nós, brasileiros, e latino-americanos, condições muito sólidas, horizontes muito claros de por onde e como devemos começar. Começar, agora, na nossa prática nos movimentos populares; nos movimentos sindicais; na esfera política; na esfera dos movimentos pastorais; como é que se vai construir, a partir de agora, a proposta da nova sociedade? Construindo, desde já, o homem e a mulher novos. Esse é o grande desafio. E, dentro desse desafio, a burguesia não tem como resistir, porque a burguesia trabalha com todos os temas de objetivação e tenta massacrar a nossa subjetividade. Na medida em que a esquerda descobrir que ela não existe apenas do pescoço para cima; que ela não é só cérebro, mas que tem emoção; que tem subjetividade; que tem afeto; na medida em que começar a discutir a questão da sexualidade; a questão da relação homem/mulher, ainda não resolvida em nenhum país socialista, apesar de anos de revolução, então entrarão as questões fundamentais. Precisamos deixar de ser cínicos achando que teoria é falar do sexo dos

anjos e não falar do sexo dos homens e das mulheres. Em outras palavras, ou se faz uma política integral, que englobe o ser humano na sua totalidade, da sua esfera mais íntima à mais política, ou dificilmente a gente vai chegar lá. Podemos até fazer experiência de 30 ou 40 anos, como fez o Leste Europeu, mas vamos levar uma rasteira dos próprios trabalhadores, dos quais nós pretendemos, muitas vezes, ser a vanguarda.

E queria deixar como pontuação, como mensagem, como ênfase, o seguinte: mais do que nunca, não temos outra saída que não seja o socialismo. Felizmente, a crise do socialismo europeu nos permite ter clareza dos erros que não podemos e não vamos cometer, no Brasil e na América Latina. E temos toda a matéria prima: a humana, a política, as condições históricas, para começarmos, desde já, a construir um projeto novo. Mas não basta pensar, não basta falar, não basta teorizar. A prática é o critério da verdade. E, como diz o Evangelho, a árvore não se avalia pela casca, mas se avalia pelos frutos. E o fruto é uma questão de práxis, é uma questão de atividade junto ao povo.

Obrigado.

Plural. Florianópolis, n.1, p.37/43, jul./Dez., 1991.



## Posfácio

# A ALEMANHA UNIDA EM UM MUNDO DIVIDIDO

CESARE GIUSEPPE GALVAN

Com o fim da segunda guerra mundial, a Alemanha passou a constituir um "símbolo concreto" do mundo gerado no próprio esforço bélico: as quatro zonas de ocupação aliadas acabaram por gerar a divisão em República Federal da Alemanha (ocidental) e República Democrática Alemã (Oriental). Destarte, a consolidação política dos feitos militares espelhava concretamente a divisão do mundo, cindido pela "cortina de ferro" (conforme a batizou Churchill, na época). No centro desse país, sua antiga capital, Berlim, foi também dividida em zonas de ocupação, que vieram a formar o que se denominou de Berlim Ocidental e Berlim Oriental, separadas mais tarde pelo famoso muro.

A simbologia estava concreta e fisicamente implantada no meio de um mundo dividido: dois blocos, dominados um pelos Estados Unidos, outro pela URSS, correspondiam às duas Alemanhas. O centro deles não se encontrava nas duas cidades "Berlim", e sim em Moscou e New York (aliás: será New York ou Washington o centro do bloco ocidental? Deixemos para outros foros este debate).

Os anos recentes trouxeram profundas transformações neste panorama. Em meio a uma crise sem precedentes (tão diferente que Maurício Tragtemberg nem a vê como crise), o "socialismo real" vai aderindo ao capitalismo, o bloco oriental junta-se ao ocidental, ou seja, se desfaz. Quase para não perder seu caráter de símbolo (?), a Alemanha derruba o muro de Berlim (1989) e, em 1990, desata apressadamente um processo de imediata unificação nacional. Foi no meio desse período que nos reunimos, na Universidade de Santa Catarina, a debater os problemas dessas transformações na série de palestras transcritas, às quais se deu o título "Socialismo e Democracia". Focalizamos, com isso, a "parte que perdia" no embate atual, contrariamente a um enfoque muito difundido, segundo o qual se trata do "próprio sucesso" das políticas desenvolvidas para "conter o comunismo" e restaurar "uma economia mundial baseada no mercado" (conforme expressões de Peter DRUCKER, ainda em 21 de outubro de 1988, no *The Economist*).

O resultado desta empreitada está contido nos textos aqui apresentados. Foi como tentar escrever a história da segunda guerra mundial em 1948, anos antes de seu desfecho. Ao serem publicados, os textos estão a um ano desde sua formulação. Muitas coisas ocorreram, nas quais as transformações neles analisadas tiveram continuação. Elementos novos

acrescentaram-se à definição dos processos ainda todavia em curso. Daí a idéia destas poucas linhas adicionais.

Por onde começar? Por uma lista de fatos novos? Quais, dentre os muitíssimos? Ou por umas constatações que confirmem ou alterem os rumos apontados?

Na dúvida, optamos por umas notas esparsas a propósito de como continuam e mudam as transformações no Leste Europeu e de quais são os problemas que elas colocam para o mundo de hoje e de amanhã. Omitimos acenos explícitos às implicações da Guerra do Golfo neste panorama, não porque elas não sejam reais, mas simplesmente para abreviar e descomplicar a análise.

Antes de tudo: a Alemanha já está reunificada. Em termos de mudanças, esta é talvez a mais radical, pois implica na transformação da ex-RDA em uma economia capitalista. Qualquer que seja o ritmo do processo encetado naqueles novos *Laender* da República Federal da Alemanha, a escolha já é muito concreta: trata-se de desenvolver uma economia capitalista, dando inclusive ao país, como capital política, aquela cidade que tinha constituído a maçã da discórdia durante essas décadas: Berlim. Isto é o que já foi decidido, confirmado e realizado em uma série de eventos que tornam o processo um marco para a história deste fim de século. São eventos concretos, incluindo o desemprego e o prático sucateamento de boa parte da indústria da finada república.

Com isso, a Alemanha mantém seu caráter de símbolo do mundo (os Estados Unidos parecem aliás temer que ela se torne algo bem mais que um símbolo). Só que agora, em sua reunificação, ela simboliza o mundo unipolar, que a política americana procura impingir ao planeta e que, filosoficamente, é representado pelo sucesso de Francis Fukuyama com seu escrito "O fim da história?".

Estamos, assim, perante o problema de conceber (e eventualmente viver) um mundo unipolar. Unipolaridade questionada, aliás na teoria e na prática: será possível uma polaridade com um pólo só?

Perante esta constatação de fundo, lembremos um pequeno leque de eventos, omitindo aquele onde mais se experimentou a tal "unipolaridade", a Guerra do Golfo.

Diante de uma Alemanha optando pelo começo mais fácil de uma transformação difícil, os outros países do Leste europeu encontram-se em situações bem diferenciadas. Lembremos, por exemplo, como a Polônia se apressou a realizar a previsão de Luciano Martins elegendo Walesa à presidência e como (no extremo oposto) a burocracia soviética (outro ponto de Luciano Martins) ainda sobrevive e tenta adquirir mais sete vidas, finalidade para a qual está empenhando-se a encontrar mil saídas da crise



atual. Aliás: porque não se suspeita, em nossa imprensa, que o fenômeno Yeltsin não constitua senão uma ponta desse iceberg: a burocracia transformando-se, para permanecer a mesma, ou seja dona do poder?

A formulação de um "Programa de 500 dias" para transformar rapidamente a União Soviética em economia de mercado, as dificuldades que o levaram ao esquecimento, a crise na qual Shevardnadze renunciou ao cargo de chanceler, a atual reformulação do programa do PCUS com vistas a novas orientações econômicas (mais mercado, mais liberalismo, ...): todos estes dados mostram, por um lado, como é na União Soviética que permanece o epicentro destas transformações e como, por outro lado, não foi ainda possível encontrar-lhes uma definição viável dentro do jogo das forças implicadas.

O fato de que repúblicas menores encontrem menos facilmente o caminho rumo ao estabelecimento de uma economia de mercado é também, por sua parte, um sinal um tanto ambíguo: pode significar maior facilidade para quem é menor, mas pode também trazer à memória dados da velha história dessas repúblicas, que nunca absorveram um "socialismo" (socialismo?) que lhes foi praticamente imposto como quinhão na partição do mundo no pós-guerra, inclusive (diga-se) com o consentimento dos aliados ocidentais.

Na dança do "solte-se quem puder", que dominou os aspectos internacionais dessas transformações, mais duas instituições estavam fadadas a desaparecer: o Comecon e o Pacto de Varsóvia. Ambos acabam de ser enterrados. O Comecon servia de "mercado comum" às economias que não eram de mercado. À União Soviética, ele servia para sangrar suas finanças na promoção das economias dela dependentes: o exemplo mais próximo que temos é Cuba. E o Pacto de Varsóvia constituiu, desde meados dos anos cinquenta, a resposta dos soviéticos, com seus aliados, à formação do pacto militar ocidental, a OTAN, com a qual o Ocidente tinha constituído seu baluarte contra o comunismo.

Outro elemento (aliás não suficientemente comentado em nossos encontros do ano passado) revela cada vez mais sua importância nos meses recentes e está ameaçando de desagregação não somente as economias, e sim, em geral, todas aquelas estruturas que foram afetadas pelo processo: trata-se da questão das nacionalidades. A crônica deste ano é particularmente rica neste sentido.

Historiadores soviéticos (!) revelaram o pacto Stalin-Ribbentrop (leia-se: Hitler): foi a última gota d'água que desatou o processo de independência das Repúblicas Bálticas. Uma série de questões específicas a cada nação das que compõem o amplo espectro de nacionalidades da URSS, incluindo a própria Rússia, veio a ampliar (e agravar!) o panorama de

declarações de independência, de plebiscitos (reconhecidos legalmente ou não) e até de intervenções, que, porém, nunca chegam à gravidade que tiveram na época de Kruchev e de Breshnev. E será que, a partir dos recentes acontecimentos na Jugoslávia, não vai este problema gerar ulteriores crises em outros países, como a Checoslováquia (com Boêmia e Morávia), a Hungria, Bulgária e Romênia (com a pátria do Drácula, a Transilvânia...)? Este dado recente, mas não novo, acrescenta complicações a um processo que já era profundo e requeria capacidade e organização para adquirir clareza em definir seus próprios rumos.

Este um lado não é lembrado com facilidade nos comentários dos fatos. A situação, ameaçando até descambar para a guerra civil, ofusca a natureza do outro lado do problema: o que significa estabelecer uma economia de mercado, inserir-se no mercado mundial? Com isso, antigas tradições trazem à tona problemas não resolvidos, aliás (pior!) reprimidos. No entanto, em vez de poder enfrentá-los, as populações encontram-se a braços com uma situação na qual se torna cada vez mais absurdo pensar em uma decisão "comum". Sem entrar nos meandros extremamente intrincados dessas implicações, vejamos só um dos aspectos dos rumos atualmente afirmados: o mercado é apresentado, hoje, como "a solução".

O "mercado solução" é o que se impõe, historicamente, quase como *a verdade absoluta*. É por isso que, infelizmente, temos que discordar (de um ponto de vista meramente analítico) de Uwe Optenhögel, quando em seu amplo e muito competente painel da situação alemã, introduz uma opinião segundo a qual a transformação em curso não seria o fim do socialismo. A nosso ver, ele se fixa no problema da construção do socialismo, do socialismo como rumo possível para a história, juntando-o com a questão da sobrevivência, continuação e transformação daquelas que até ontem ou hoje foram elites no mundo "socialista", ou elites socialistas. No entanto, o que principalmente sobressai agora, no meio (e até como causa) desta confusão toda, é exatamente o fim do "socialismo real", ou seja daquilo que nestas décadas próximas passadas teimou em denominar-se de socialismo ou comunismo e como tal foi reconhecido, por bem ou por mal, no mundo inteiro.

Isto é o que nos dizem os fatos, neste momento: as razões nas quais se apóia Optenhögel não valem *agora*. Vejamo-las. Primeira razão: o mercado não resolve o problema social. Correto. Mas o problema social não é o que importa ao capitalismo, que no momento triunfa. O que isso pode gerar (e já está gerando: confer a Alemanha Oriental), serão eventuais consequências e reações (para dizer pouco) no presente e sobretudo no futuro. Mas as transformações atuais estão dominadas pelo capital triunfante, queiramo-lo ou não. Para triunfar, basta-lhe



no momento *apresentar-se* como quem tem a solução.

A segunda razão aduzida (de que as esquerdas se liberam agora de suas mochilas dogmáticas) equivale a reconhecer que elas nunca foram esquerdas, pois esquerda só se pode entender como opção política por alguma transformação, ou seja, algo totalmente incompatível com dogmas. Na medida em que a mudança (desfazer-se dos dogmas) acontecer, isso significaria a própria gestação e geração de alguma esquerda que mereça este nome. Talvez esteja aí a razão pela qual, segundo a clássica anedota, Marx não se reconhecia como marxista. Paradoxalmente, hoje quem aparece, em certo sentido, como "esquerda" é... a direita (quem dita as atuais transformações!). O que, afinal, nos remete à própria natureza daquele Estado, que as "esquerdas com mochilas" estiveram defendendo durante décadas e que agora ruiu: um Estado, diga-se de passagem, cujos fundamentos teóricos estão mais claros em certos autores neoclássicos (Barone, Pareto, Schumpeter, ...) que na tradição marxista (em que pese à outra ala da neoclássica, que, com von Mises e Hayek, nega tais teorias).

A isto chegamos hoje: à destruição de um "socialismo real", estatal, que, de lambuja, ajuda a lembrar suas formulações "ideais". Mas, e se olharmos mais longe? Se atentarmos para aquilo que se está construindo (embora, no momento, o aspecto destruidor predomine...)? Será, então, que aquelas sementes de socialismo afirmadas por Optenhögel não estarão se formando?

Tudo indica que sim. Então, voltando ao nosso caso da Universidade Federal de Santa Catarina, o questionamento básico que colocamos em debate muda de definição. Da questão "socialismo e democracia" passamos a outra: socialismo no capitalismo.

Ou seja: qual a possibilidade de convivência de um "outro" socialismo (diferente daquele "real" que morreu) com e no capitalismo, agora renovado pela crise atual? Um socialismo (ou, se quisermos, algo análogo, até com outro nome) propondo mudanças mais radicais, preparando-as...

Esta mudança de questionamento (mudança real, objetiva, antes de ser ideal, pensada) reabre o problema das transformações qualitativas na história. Rosa Luxemburg, tão oportunamente mencionada por Maurício Tragtenberg, lembrar-nos-ia talvez sua hipótese: agora (aliás: em quantos anos ou décadas?) o capital vai esbarrar em limites que ele mesmo se construiu, ao se generalizar.

Este é mais outro aspecto que se torna claro nas mudanças que estão ocorrendo: o capital, de dominante que já é, torna-se "tudo" no mundo moderno. Dominando, penetrando, transformando à sua imagem e semelhança. Por isso, precisamente por causa disso, faltar-lhe-á o respiro, a relação necessária com o não-capital.

Escrever-se-á, então, mais um capítulo da mesma história, claramente identificada por Marx já em seus Manuscritos de 1844: a superação da autoalienação percorre o mesmo caminho que a própria autoalienação.

Qualquer que seja a opinião de Fukuyama, a história ainda ousa continuar.

Florianópolis, julho de 1991.

Cesare Giuseppe Galvan é Professor Visitante no Curso de Mestrado do Departamento de Geociências da UFSC.

Plural. Florianópolis, n.1, p.44/46, jul./dez., 1991.



## AOS COLABORADORES

1. A Revista *PLURAL* está aberta para as mais variadas produções artístico-culturais: artigos, pequenos ensaios, comentários, depoimentos, polêmicas, contos, poesias, resenhas, relatos de experiências, entrevistas, charges...
2. Os trabalhos enviados pelos colaboradores devem ser apresentados com original e uma cópia. Tratando-se de textos, devem ser datilografados em espaço duplo, com observância de margens e sem emendas. Quem puder deve enviar disquete.
3. Os trabalhos não deverão ultrapassar, salvo exceções justificadas, 25 laudas. Deverão ser acompanhados das seguintes informações sobre o autor: nome completo, instituição a que está ligado, titulação, cargo que ocupa, últimas publicações (se houver), endereço, telefone.
4. Os trabalhos enviados serão examinados pela Comissão Editorial ou por consultores por ela indicados. Sua aceitação ou não será comunicada ao autor por correspondência.
5. Todo trabalho escrito será submetido a uma revisão; caso o texto exija modificações substanciais, será devolvido ao autor, para que ele mesmo as faça.
6. O envio espontâneo de qualquer colaboração implica automaticamente na cessão dos direitos autorais à Associação de Professores da Universidade Federal de Santa Catarina - APUFSC - para uma edição. A Revista *PLURAL* não se obriga a devolver os originais dos trabalhos enviados.
7. Os trabalhos devem ser enviados para:

Revista *PLURAL*  
Associação de Professores da Universidade Federal de  
Santa Catarina - APUFSC  
Campus Universitário - Trindade  
88.049 - Florianópolis - SC  
Fone (0482) 34-2844  
31-9425



**Impressão e Acabamento :**



**ÚNICA - Artes Gráficas - Impressos Off-Set**

**Rua Fúlvio Aducci, 460 - Sub-solo**

**Florianópolis - Santa Catarina**

**Fone (0482) 44-0146**



